



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Erenita Simone Monteiro Fernandes

**A MÚSICA TRADICIONAL CABO-VERDIANA – MORNA – NO CONTEXTO
ESCOLAR**

Investigação-Ação numa escola básica do interior da ilha de São Vicente

Mestrado em Educação

Área de especialização Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor Carlos Almeida
Professora Doutora Margarida Martins

Dezembro de 2017

Dedicatória

Com muita humildade dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai que envolveram-se no trabalho deixando-me sempre palavras amigas e de incentivo. Palavras motivantes que em momentos difíceis serviram de apoio e encorajamento para seguir adiante.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Carlos Almeida pela disponibilidade e incentivo durante este percurso, pelas suas recomendações e correções ao longo do desenvolvimento do trabalho.

À Professora Doutora Margarida Martins pelas sugestões de atividade e recomendações para a implementação do estudo.

Ao Professor Mestre Manuel Fortes pelo encorajamento e incentivo na busca de novas experiências académicas.

Ao Professor Mestre Jair Pinto e Ednilson Almeida pela disponibilidade e atenção.

Aos alunos da escola Olinda Silva, que participaram do estudo com dedicação.

À agência turística NOBAI, pela disponibilidade em custear as despesas das visitas de estudo.

Aos preciosos colaboradores do estudo, o músico Carlos Tanaia, professor Valério Miranda e artista Tito Paris pela disponibilidade imediata e apoio na realização do projeto.

Ao musicólogo Vasco Martins pela amizade, disponibilidade e cedência de informações importantes para o trabalho.

Aos colegas e amigos de Mestrado, Cilene, Dilma, Evanilda e Maria Piedade.

À minha querida família pelo encorajamento sem medida.

Resumo

O trabalho que aqui se apresenta espelha o percurso da realização de uma intervenção educativa à luz da investigação-ação. Um estudo de cariz qualitativo, descritivo e interpretativo com o objetivo de introduzir novos hábitos e atitudes comportamentais no seio dos alunos participantes do estudo, relativamente a preservação do património cultural musical. O estudo foi realizado no Pólo Educativo Olinda Silva, uma escola básica do interior da ilha de São Vicente, em Cabo Verde, numa turma do 6º ano. Com o objetivo de estimular os alunos para uma apreciação consciente de aspetos culturais ligados à música tradicional, especificamente a Morna, teve-se como preocupação a elaboração de atividades e estratégias diversificadas que possibilitassem o desenvolvimento de estímulos necessários para os motivar a trabalhar o conteúdo de forma significativa, de modo a produzir nos alunos sentimentos afetivos, de aceitação e apreciação da Morna enquanto elo identitário cultural congregador e unificador da alma cabo-verdiana. O estudo foi idealizado e concebido nas aulas de E.A., explorando suas potencialidades como veículo de transmissão, valorização e de preservação cultural. Paralelamente ao desenvolvimento das atividades com os alunos, procurou-se também perceber em que medida a apreciação da Morna é ou não influenciada pelos pais/encarregados de educação e o papel que desempenham os professores na sensibilização dos alunos perante a problemática. As atividades levadas a cabo para implementação da pesquisa foram realizadas tanto no contexto formal de ensino, sala de aula, como noutros meios onde foram proporcionadas diferentes experiências. A presente problemática surgiu durante a realização das aulas de E.M., ao presenciar insatisfação por parte dos alunos aquando da apresentação do conteúdo – músicas tradicionais, a Morna. Isso despertou a ideia de trabalhar o conteúdo usando novas roupagens, estratégias diversas com o intuito de espoletar nos alunos uma nova perspetiva daquilo que concebiam como música tradicional, em especial a Morna. Após o término da sua implementação e com os dados apurados concluímos que o estudo assumiu um caráter inovador no contexto escolar onde se inseriu o estudo, uma vez que, um número muito reduzido de professores afirmaram ter abordado o estudo da Morna e os aspetos culturais a ela ligados com os seus alunos. Durante a investigação colaboraram artistas e professores que reforçaram a importância do desenvolvimento de um trabalho colaborativo aproximando a escola e a comunidade e aproveitando as valiosas contribuições para o enriquecimento do currículo do aluno. Às instâncias superiores que norteiam as políticas educativas apela-se para um maior incentivo aos professores e outras figuras que queiram desenvolver estudos projetados para alavancar a cultura e enraizá-la no seio dos alunos como futuros cidadãos dispostos a preservar suas matrizes culturais.

Palavras-chave: Educação Artística; Educação Musical; Morna; Cultura; Identidade

Abstract

The work presented here reflects the course of carrying out an educational intervention in the light of action research. A qualitative, descriptive and interpretative study with the objective of introducing new habits and behavioral attitudes among the students participating in the study, regarding the preservation of musical cultural heritage. The study was carried out at the Olinda Silva educational center, a basic school in the interior of the island of São Vicente, Cape Verde, in a 6th grade class. In order to stimulate students to a conscious appreciation of cultural aspects related to traditional music, specifically Morna, it was a concern to elaborate diversified activities and strategies that would allow the development of the necessary stimuli to motivate them to work the content of in order to produce in the students affective feelings, acceptance and appreciation of the Morna as a cultural identity linker and unifier of the Cape Verdean soul. The study was conceived and conceived in the classes of E.A, exploring its potential as a vehicle of transmission, valorization and cultural preservation. Parallel to the development of activities with the students, it was also sought to understand the extent to which Morna's appreciation is influenced or not influenced by parents / guardians and the role that teachers play in raising students' awareness of the problem. The activities carried out for the implementation of the research were carried out both in the formal context of teaching, in the classroom and in other environments where different experiences were provided. The present dissertation arose from situations encountered during the performance of a class of E.M, when watching scenes of dissatisfaction on the part of students when presenting content - traditional songs, Morna, that would be worked on in the next classes. The less pleasant reactions were predictable, the students already showed some dismay when we touched on the subject. This aroused the idea of working on the content using new clothes, different strategies in order to give students a new perspective on what they conceived as traditional music, especially Morna. After the completion of its implementation and with the data verified, it was realized that the study assumed a somewhat innovative character in the school context where the study was inserted, since a very small number of professors stated that they approached the study of Morna and the cultural aspects linked to her students. During the research collaborated artists and teachers who reinforced the importance of developing a collaborative work approaching the school and the community and taking advantage of the valuable contributions to enrich the student's curriculum. Higher levels of educational policy are urged to encourage teachers and other figures who wish to develop studies designed to leverage culture and rooting it within the pupils as future citizens willing to preserve their cultural matrices.

Keywords: Artistic Education; Musical education; Morna; Culture; Identity

Índice

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO I - CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO..... | 12 |
| 1.1 Introdução | 12 |
| 1.2 Declaração do problema | 13 |
| 1.3 Pertinência do estudo | 15 |
| 1.4 Finalidades da investigação | 16 |
| 1.5 Questões da investigação..... | 17 |
| 1.6 Estrutura da investigação | 17 |
| 2. Introdução e Finalidades | 18 |
| 2.1 Cultura - conceito e significado para o povo | 18 |
| 2.1.1 Identidade | 20 |
| 2.2 Identidade Cultural Cabo-verdiana | 21 |
| 2.3 Música – Vertente artístico-cultural..... | 23 |
| 1.6.1 Música tradicional Cabo-verdiana | 24 |
| 1.6.2 Os géneros musicais em Cabo Verde | 25 |
| 1.6.3 Os instrumentos musicais tradicionais de Cabo Verde | 27 |
| 1.7 Educação Artística em Cabo Verde..... | 28 |
| 1.7.1 O lugar da Expressão Musical no currículo do 2º ciclo do Ensino Básico | 32 |
| 1.8 Educação Patrimonial..... | 35 |
| 1.8.1 Património Cultural..... | 38 |
| 1.9 Morna | 40 |
| 1.9.1 Morna, cultura e identidade..... | 43 |
| 1.9.2 Morna candidata ao património cultural imaterial da humanidade | 44 |
| 1.9.3 Intérprete representativa da Morna - Cesária Évora | 45 |
| 1.9.4 Compositores da Morna..... | 46 |
| CAPÍTULO III METODOLOGIA..... | 49 |
| 3.0 Introdução e Finalidades | 49 |
| 3.1 Metodologia de investigação Método | 49 |
| 3.1.1 Seleção e Caracterização do Método | 49 |
| 3.1.2 Vantagens e Desvantagens do método | 51 |

| | |
|--|-----|
| 3.2 Desenho da Investigação | 52 |
| 3.3 Contexto da Investigação..... | 54 |
| 3.3.1 Alunos Participantes da Investigação..... | 55 |
| 3.4 Papel do Investigador | 55 |
| 3.5 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados | 55 |
| O questionário..... | 56 |
| A entrevista | 57 |
| A observação participante e conversas informais..... | 57 |
| Os meios audiovisuais | 58 |
| O diário de bordo..... | 58 |
| 3.5.1 Análise de Dados | 59 |
| 3.6 Plano de Ação..... | 60 |
| 3.7 Considerações Éticas | 60 |
| CAPÍTULO IV DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 62 |
| 4.0 Introdução e Finalidades | 62 |
| 4.1 Ciclo um | 62 |
| 4.2 Ciclo dois..... | 63 |
| 4.3 Ciclo três | 63 |
| 4.3.1 Implementação do Projeto..... | 64 |
| 4.4 Reflexão/Avaliação..... | 86 |
| CAPÍTULO V - RESULTADOS E CONCLUSÕES..... | 88 |
| 5.0 Introdução e Finalidades | 88 |
| 5.1 Apresentação dos resultados | 88 |
| 5.1.1 Abordagem dos conceitos de cultura, identidade e arte nas aulas de Expressão Musical | 96 |
| 5.1.2 Estratégias para promover a apreciação do património musical – Morna, por meio de atividades diversificadas..... | 98 |
| 5.2 Conclusões e Implicações para Futuras Investigações..... | 102 |
| 5.5 Considerações Finais | 107 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 111 |
| ANEXOS..... | 114 |

Índice de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1. Aula com o Tanaia | 70 |
| Figura 2. Participantes da intervenção educativa | 72 |
| Figura 3. Aula com o Sr. Vasco Martins..... | 74 |
| Figura 4. Aula com o Sr. Vasco Martins..... | 76 |
| Figura 5. Coro de Jorge Barbosa..... | 78 |
| Figura 6. Intercâmbio com o coro da escola secundária Jorge Barbosa..... | 79 |
| Figura 7. Visita de estudo à Casa da Morna | 81 |
| Figura 8. A casa da Morna..... | 82 |
| Figura 9. Encontro com o Tito Paris | 83 |
| Figura 10. Cerimónia de Finalista | 85 |

Índice de Gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 1. Géneros musicais preferidos | 89 |
| Gráfico 2. O gosto dos alunos pela Morna | 89 |
| Gráfico 3. Importância da Morna para os alunos..... | 90 |
| Gráfico 4. Frequência com que os alunos escutam a Morna em casa. | 90 |
| Gráfico 5. Meio utilizado para escutar a Morna..... | 91 |
| Gráfico 6. Géneros tradicionais indicados pelos alunos | 91 |
| Gráfico 7. Atividades desenvolvidas durante o estudo da Morna nas aulas de E.M | 92 |
| Gráfico 8. Percentagem de professores que trabalharam Morna com seus alunos | 92 |
| Gráfico 9. Relação entre E.A. e Cultura. | 93 |

CAPÍTULO I - CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

1.1 Introdução

A Educação Artística torna-se por excelência, a área curricular capaz de desenvolver a base cultural dos alunos, sendo que atua diretamente no desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da apreciação daquilo que é nosso, “noj koza, noj muska¹”, daquilo que nos identifica e diferencia de outras culturas.

A arte e a cultura são aspetos extremamente importantes da vida e das sociedades, neste sentido, a preocupação deste estudo é em relação às nossas manifestações artísticas, que de uma forma bastante íntima estão ligadas às nossas raízes culturais. E essas manifestações constituem parte do nosso património artístico, exercendo papel imprescindível no desenvolvimento do povo e na construção da identidade do mesmo. Nesse sentido Tavares (2006, p. 11) afirma:

A formação do homem cabo-verdiano, nascido de uma variedade de gentes, influiu fortemente na edificação da sua forma de ser e de estar e ofertou-lhe uma cultura muito rica em quase todas as suas matrizes identificativas, o que acabou por enformar aquilo que constitui hoje a sua Nação, com música a soar bem alto na sua alma.

Com toda essa riqueza cultural, torna-se necessário trabalhar essas mesmas manifestações com os alunos, dando-lhes a conhecer de forma sucinta algumas das manifestações que são produzidas na nossa ilha, identificando-as como parte integrante da nossa cultura, inculcando-lhes de forma natural e gradual o sentimento de pertença à essa cultura. Perante isto, a Unesco (2006, p.6) recomenda o seguinte: “Para que as crianças e adultos possam participar plenamente na vida cultural e artística, precisam de progressivamente compreender, apreciar e experimentar expressões artísticas através das quais outros seres humanos - normalmente designados por artistas – exploram (...)”

Com este estudo pretende-se trabalhar a manifestação cultural relacionada com o setor da música. Preparar os alunos, para um contacto consciente e significativo com nossas raízes culturais, por meio da música tradicional, especificamente, por meio da *Morna*. Pois sabemos qual a importância da *Morna* na construção da identidade, na valorização da cultura e das raízes cabo-verdianas. Assim, a lei de base do sistema educativo de Cabo Verde aprovada pela Lei nº 103/III/90, de 29 de Dezembro, na redação dada pela Lei nº 113/V/99, de 18 de Outubro, artigo 9º, intitulado

¹ Nossos pertences, nossa música

Educação e Identidade Cultural, defende uma educação “com o objetivo de reforçar a identidade cultural e de integrar os indivíduos na coletividade em desenvolvimento”.

Cada vez mais, fica claro que a escola está assumindo a formação plena do indivíduo, como membro de uma família, como membro de um grupo, como membro de uma sociedade e nessa linha, também assume a sua formação cultural. “É nesse sentido que, uma educação completa e que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo deve compreender essas componentes essenciais, que são a cultura e a arte.” Unesco (2006, pág. 13).

A mesma legislação educativa referida anteriormente, sustenta as palavras acima proferidas quando afirma com base no artigo 5º, dos objetivos e princípios gerais do sistema educativo que, “a educação deve contribuir para salvaguardar a identidade cultural, como suporte da consciência e dignidade nacionais e fator estimulante do desenvolvimento harmonioso da sociedade.”

Pretende-se com esse estudo, estimular a apreciação e valorização do património musical caboverdiano, cingindo na *Morna* como género pouco trabalhado com os nossos alunos.

1.2 Declaração do problema

Hoje em dia, o que se constata é um crescente desinteresse pelos géneros musicais tradicionais por parte da camada juvenil, isto porque, se nota cada vez mais uma apropriação e assimilação dos géneros musicais importados, levando a uma consequente subvalorização da nossa cultura musical. De certa forma, essa situação verterá mais adiante, num empobrecimento do património musical. E se não sensibilizarmos os nossos alunos desde tenra idade a estudar a música nacional, provavelmente tornar-se-ão cidadãos incapazes de valorizar e preservar essa vertente cultural. Isto porque, sem essa sensibilização não criarão vínculos, nem o tal sentimento de pertença impulsionado por essa mesma vertente. A escolha do tema surgiu durante a apresentação das atividades a serem desenvolvidas nas aulas de Expressão Musical, onde estão incluídos os géneros musicais tradicionais, entre eles a *Morna*. Os alunos mostraram claramente seus desgostos e falta de interesse em trabalhar esse género musical. Neste sentido, senti-me sensibilizada na obrigação como professora e formadora para dar um contributo na dizimação desta tendência no sentido de desenvolver estratégias e atividades diversificadas para serem abordadas nas aulas de Educação Musical.

O facto das crianças demonstrarem alguma relutância nas interações com a Morna, apesar de ser um símbolo representativo da cultura cabo-verdiana, proporciona uma desvalorização e consequentemente o enfraquecimento das raízes culturais do país.

Segundo Monteiro (2012, p. 14), “dos poucos géneros musicais que até há relativamente pouco tempo, década de 70, tinha implantação em todas as ilhas do país, a Morna é cantada por todos, sentida por todos, está em todos os ambientes, tanto os festivos como os de tristeza.” A Morna é a identidade do povo Cabo-verdiano, também cantada e escutada dentro e fora do país, logo deveria ser respeitada como uma das bases da identidade cabo-verdiana. Porquê esse desinteresse? A Morna deu ao mundo a conhecer Cabo Verde.

Nessa perspetiva a Unesco, (2006, p.9), alerta para o fato de que:

“Em muitos países estão continuamente a perder-se aspetos tangíveis e intangíveis das culturas porque não são valorizados no sistema educativo, ou não estão a ser transmitidos às gerações futuras. Existe, por isso, uma clara necessidade de os sistemas educativos incorporarem e transmitirem os conhecimentos e as expressões culturais. Esta necessidade pode ser satisfeita pela Educação Artística, em ambientes educativos formais e não formais.”

Essa situação é comum nas diferentes ilhas de Cabo Verde relativamente aos aspetos gerais da cultura. Esta constatação pode ser verificada através das reclamações feitas por parte de artistas que não veem seus trabalhos valorizados, principalmente pela camada jovem, que hoje mais do que nunca é influenciada pela globalização decorrente do desenvolvimento e evolução do mundo tecnológico, que leva a uma subsequente valorização de produtos importados de outras culturas em detrimento dos nacionais.

O problema identificado consiste na desvalorização do património musical que pode levar à perda da riqueza e identidade cultural do país. Este facto é potenciado pelo desconhecimento das valências inerentes à própria cultura o que condiciona o interesse e preservação cultural. Perante toda essa situação, a escola tem algo a dizer, ela pode mudar o rumo desse problema, pois tem um papel fundamental na educação para a preservação do património e identidade cultural.

1.3 Pertinência do estudo

“As mornas, [...] refletem também a eterna procura de si mesmos, relacionando uma cultura própria.” Martins (1989. p.94)

Abordar este tema, é de grande importância e constituirá um trabalho que dará satisfação explorá-lo, uma vez que, além de contribuir para enaltecer meus conhecimentos e o dos alunos em relação a nossa cultura musical, instituiu um meio de promoção e valorização da cultura cabo-verdiana, pois a música cabo-verdiana é considerada um dos grandes pilares do património cultural. Por outro lado, apoiar na Educação Artística, para desenvolver o estudo, constituiu também um meio de valorização da área disciplinar que até então tem tido algumas dificuldades em se afirmar no seio da comunidade educativa.

A Morna é o género musical que espelha a vivência do cabo-verdiano. Sua melodia, suas letras compostas pelos poetas e sua riqueza de significados retratam fielmente o quotidiano do povo insular, descreve as lidas, as dores, tristezas, amores, angústias...

Cabo Verde sem morna,
Pa mim el ê terra sem sol sem calor,
Noiva sem grinalda,
Vitória sem glória dum povo cristão
Bem bô d'zem bô nome,
se bô ê fidjo cabverdiano
bem nô junta voz,
nô bem cantá nós morna.
Nós Morna – Manel de Novas

Por essa lógica, a preservação dessa cultura e da identidade passa necessariamente, pela apreciação desse género musical. O património cultural é a alma de um povo, nesta ótica, Moura, citado por Silva, F. (2001, pág. 13), afirma que “património é cultura existente relacionada com a herança cultural, que caraterizou o passado e ainda carateriza o presente, que a comunidade tem interesse em preservar e que contribui para a identidade local, regional e nacional.”

Com a realização do trabalho pretendeu-se apostar no desenvolvimento da consciência cultural, trabalhando com estratégias práticas e significativas levando as crianças a identificarem-se com a essência (Morna) da cultura cabo-verdiana. Nessa sequência, a Unesco, (2006, p.8) “defende a promoção da expressão e da diversidade cultural, afirmando que a arte é simultaneamente

manifestação de cultura e meio de comunicação do conhecimento cultural. Cada cultura possui as suas expressões artísticas e as suas práticas culturais específicas.”

A pertinência do estudo reside também em recolher dados relativamente à conservação e a transmissão do património, pois sendo a *Morna*, parte fundamental da cultura patrimonial, assim como são as tradições, os hábitos, as crenças, o estudo possibilita entender o que se têm feito para a preservar. Dado que a conservação das culturas, na sua diversidade, e os seus produtos criativos e artísticos, contribuem de forma incomparável para a nobreza do património e integridade das civilizações humanas. (Unesco, 2006).

Pelo exposto, é essencial promover situações de conhecimento e socialização das crianças com o que é produzido na cidade relativamente à arte e que a elas pertence por direito como meio de identificação cultural e patrimonial de um povo. Assim planta-se a “semente”, que dará frutos mediante o cuidado, se a preservação é o desejo, há que promover ações de sensibilização nessa perspetiva, pois não se preserva o que não se conhece.

Tendo consciência plena, da importância dessa preservação e visando um rumo diferente para essa realidade, o governo de Cabo Verde pela lei de base do sistema educativo, nº 103/III/90, de 29 de Dezembro, na redação dada pela Lei nº 113/V/99, de 18 de Outubro, consagra no Artigo 22º, Objetivos do ensino básico, apela pelo dever de: “j) Promover o conhecimento, apreço e respeito pelos valores que consubstanciam a identidade cultural cabo-verdiana.”

1.4 Finalidades da investigação

Identificado o tema do estudo, é importante estabelecer as suas finalidades pois, constituirão os meios para se atingir os resultados que se pretendem com a realização desta investigação:

- Consciencializar para a preservação do património cultural musical;
- Desenvolver estratégias para o ensino de uma E.A com preocupações patrimoniais e culturais;
- Testar recursos culturais e patrimoniais através da Educação Musical;
- Estimular a apreciação da *Morna* em contexto escolar como meio de promoção da cultura.

1.5 Questões da investigação

- Como podem ser abordados os conceitos de cultura, identidade e arte nas aulas de Expressão Musical?
- Que estratégias podem ser usadas para promover a aceitação e apreciação do património musical – *Morna*?

1.6 Estrutura da investigação

O estudo está organizado em cinco capítulos, onde estão discriminadas as finalidades, os objetivos do estudo e as questões de investigação, a declaração do problema e a pertinência do mesmo no primeiro capítulo.

No capítulo 2, encontra-se o suporte teórico da pesquisa, assente na perspetiva de vários autores de entre os quais os cabo-verdianos. Ainda nesse capítulo estão ilustrados as ideias que constituem as bases para o desenvolvimento das atividades e implementação da intervenção educativa. A metodologia do estudo vem compreendida no capítulo 3, onde é selecionada a metodologia de investigação, as vantagens e as desvantagens do método, a descrição dos participantes.

O capítulo 4 encerra a descrição das atividades desenvolvidas com os alunos de forma a chegar nas respostas para as questões e testar as estratégias elegidas para fomentar a apreciação da *Morna* e consequente preservação e valorização do património cultural musical.

As conclusões e implicações para o desenvolvimento de futuros estudos foram descritos no capítulo 5 com base nos resultados.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2. Introdução e Finalidades

No presente capítulo é apresentado o enquadramento teórico que suporta o estudo. Partindo da realidade da Educação Artística em Cabo Verde, bem como aspetos culturais que estão diretamente ligados à Morna. Encontra-se também referida a questão da preservação dos aspetos culturais que se afigura de grande importância e pertinência dentro do contexto da investigação.

2.1 Cultura - conceito e significado para o povo

A Cultura é o pilar de qualquer sociedade que queira manter viva as suas raízes e origens. Ela não se explica, é transmitida de geração em geração, fruto de partilha de conhecimentos outrora adquiridos. Segundo Taylor, citado por Macedo & Monteiro (1987, p. 161), “a cultura é o complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” Logo, não existe povo sem cultura, ela é inseminada no seio da sociedade e reproduzida pelos membros. Assim, “a cultura será transmitida, ensinada, apreendida, isto é, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizagem. Interiorizando informações e regras, o indivíduo perpetua o capital cultural e o modelo da sociedade existente, que por sua vez fará reproduzir também.” (Macedo & Monteiro, 1987, p. 177).

A noção de Cultura é uma correspondência da percepção que o indivíduo tem do meio onde vive, a sua forma de pensar e como interage com os membros da sua sociedade e como é influenciado pela sua Cultura em realçando a sua própria identidade. Assim veste, alimenta, sonha com base nesse envolvimento cultural.

“cultura é por nós empregado como uma noção que pretende traduzir tudo quanto numa dada sociedade é adquirido, aprendido e pode ser transmitido, abarcando, naturalmente, o conjunto de técnicas, instruções, formas de expressão espiritual, representações coletivas, modos de viver, tradições, comportamentos e relações entre os membros da comunidade em causa.” (Filho, 1985, p. 13)

A cultura visa manter a união dos membros da sociedade pois reflete uma realidade que a eles é comum, daí a necessidade de a preservar, assim também de criar formas de divulgá-la e de a manter sempre viva na memória dos indivíduos que vivem e partilham essa postura que assumiram como sendo a sua identificação. É nessa perspetiva que Filho (1985) vê a “cultura” como traço comum

e manifestação de personalidade de um povo, a reafirmação cultural é a melhor forma de mostrarmos aquilo que somos e que valemos, sem o que ficaria incompleto o desafio histórico, que é a independência do país.

A nação Cabo-Verdiana, como qualquer outra nação tem a sua história cultural. Neste caso em concreto, retrata as vivências nas diferentes ilhas através de todos os elementos culturais, tendo por base a necessidade do convívio entre a sua população e da necessidade de se expressarem como ser humano ainda que com as mazelas da era da escravatura da época colonial. Disso resulta a necessidade de se salvaguardarem os fundamentos da nossa identidade, objetivando os problemas na complexa realidade do contexto sociocultural destas ilhas (Filho, 1985), que por sua vez vai de encontro ao que é defendido por Lima (2002, p. 19), “A cultura, de entre os padrões da sociedade cabo-verdiana, ressalta ao mesmo tempo como o resultado do modo de vida e a referência simbólica do povo das Ilhas de Cabo Verde, ao longo da sua história, constituindo assim seu património histórico-cultural”.

O contexto do aparecimento do homem cabo-verdiano foi hostil, consequência da situação que vigorava nos tempos coloniais. A formação da sua mentalidade e identidade teve na sua base a situação social que predominava, resultante de uma miscigenação dada pelo povoamento, sendo que, esse povoamento foi feito com povos oriundos da África, da Europa, assim nascia a sua cultura, fruto da mistura das várias culturas.

Para Filho (1985), esse facto faz com que a respetiva Identidade Cultural seja complexa e (por isso mesmo) original, porque a mestiçagem étnica e cultural não implicou uma igualdade de participação no cruzamento dos vários elementos.

No período pós colonial, a sede de se afirmar e reencontrar-se culturalmente torna-se evidente. No entanto, também passou a ter como objetivo a divulgação às demais culturas, facilitando a adaptação e criação de “algo novo”, algo em que se podia acreditar ser capaz de o definir enquanto parte de um grupo e de o servir de referência na sua identificação. Neste sentido, Filho (1985, p. 11) afirma que:

“Para muitos países, principalmente os que se libertam, recentemente do domínio colonial, uma das missões fundamentais é redescobrir o seu passado e, deste modo, procurar reafirmar

a sua Identidade Cultural. Resultante de uma intensa miscigenação, donde emergiram tipos somáticos assentes na interpretação de elementos de diferentes povos, a “cultura cabo-verdiana” baseia-se na combinação de valores culturais cobrindo traços carateristicamente africanos como, também, vindos genuinamente da Europa.”

2.1.1 Identidade

Falar da identidade é falar de caraterísticas que definem o ser humano enquanto ser individual e enquanto membro de um determinado grupo. A identidade determina quem é perante a sociedade e quem são enquanto grupo perante outro grupo, pois membros de um mesmo grupo tendem a ter semelhanças entre si. Segundo Macedo & Monteiro (1987, p. 189), “pessoas criadas dentro dos mesmos padrões de cultura e submetidas aos mesmos valores culturais possuem, ainda que superficialmente um conjunto de características comuns. Essas características permitem identificar os membros como um todo.” Assim sendo, para melhor compreender essa relação, deve-se definir o conceito de Identidade, tendo por base as conceções de alguns autores, mas começando com uma breve abordagem sobre sua origem etimológica:

Segundo Fernandes (2011, p. 23), “o termo identidade é derivado do pronome latim “idem”, que significa “o mesmo”, o igual a si mesmo, em contraposição a “alius”, que significa o outro, o diferente. O correspondente de identidade, no grego, é a palavra autenticidade, derivada de “aútós”, que significa o mesmo, o próprio, o verdadeiro, legítimo ou original.”

“A noção de identidade é, pois, vasta e polemizada. Daí ser equacionada por alguns como uma componente universal e, por outros, como uma construção cultural, correntes que, por sua vez, manifestam divergências de acordo com várias perspetivas na perceção da sociedade e nas diversas experiências históricas. Consequentemente, definir a identidade implica a utilização de uma estrutura muito geral, no sentido de se encontrarem critérios que permitam aplicá-las em termos adequados a todas as situações.” Filho (2003, p. 35)

Definir identidade, quer individualmente quer de um grupo implica muita cautela, pois trata de um aspeto que está diretamente ligado ao sentimento de pertença e de ser do indivíduo ou do grupo. Não se nasce com a identidade definida, pois ela não é nata, mas uma construção na consciência de cada ser mediante convivência no meio onde está inserido. Assim, a definição de António Perotti citado por Semedo (2006), vai no sentido de relacionar esse sentimento a nível da relação entre indivíduos pertencente ao mesmo grupo: a identidade é a maneira como os indivíduos e os grupos se revêm e se definem nas suas semelhanças e diferenças relativamente a outros indivíduos e grupos, pois liga-se, assim, à perceção que cada indivíduo tem de si próprio, isto é, da sua própria consciência de existir enquanto pessoa na relação com outros indivíduos, com os quais forma um

grupo social (a família, as associações, a sua própria nação). Nesse seguimento, percebe-se que a identidade é inerente à cultura. Só se identifica com o que se conhece, de outra forma os símbolos culturais não transmitirão qualquer sentimento ao indivíduo. Assim, torna-se importante conhecer as raízes da própria cultura para que haja a formação da identidade, no propósito de se definir como cidadão e como membro da sociedade.

Para Giddens citado por Fernandes (2011, p.23), “o conceito de identidade está relacionado com o conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são, bem como o que é significativo para elas”. Por este preceito, o indivíduo deve identificar-se com o que lhe é significativo como parte do seu ser com base num trabalho de sensibilidade e reconhecimento da sua cultura.

2.2 Identidade Cultural Cabo-verdiana

Segundo Fernandes (2011, p. 26) citando *Dicionário Direitos Humanos* (2010), “a identidade, na atualidade, passa a ser entendida como um sistema de representação das relações entre o indivíduo e o grupo, onde a partilha de patrimónios comuns como língua, religião, nacionalidade é um processo dinâmico de construção contínua, alimentando-se de várias fontes no tempo e no espaço.”

Todavia, para Filho (2003, p. 36), “a identidade cultural encontra-se particularmente ligada ao conhecimento e a consciência da herança coletiva, podendo, por isso, ser definida através de certos indicadores (marcas ou sinais), tais como aspetos ligados aos modos de vida, constantes sociais, linguísticos, religiosos, tradições, técnicos, território e paisagem, que se cruzam comparativamente na sua caracterização.”

Perante essa conceção, quem são os Cabo-verdianos? Manuel Veiga apud Cruz, et al., (2005) afirma que:

“Somos Crioulos, crioulos de Cabo Verde. Esta é a nossa especificidade primeira. Nascemos de cruzamento de sangue e de culturas. Do confronto, primeiro, e do encontro depois, entre a África e a Europa, emergiu a antropologia das ilhas. No caldeirão da história das nossas ilhas dois mundos se cruzaram, se fundiram, se amalgamaram, se constituíram numa nova individualidade cultural, num novo humanismo: a criouldade atlântica de Cabo Verde, um novo rosto no mosaico africano. A nossa especificidade é mesmo isto.” (p. 15).

Para Semedo (2006, p. 69) , com a chegada do branco e do negro às ilhas de Cabo Verde, confrontando as duas culturas em presença no mesmo espaço limitado e de convivência, terá

ocorrido em ambas as raças um duplo processo de desintegração e de nova organização das suas identidades culturais. Assim Semedo (2006), considera que todo esse ambiente terá proporcionado ao mestiço nascido desse cruzamento, ainda sem uma identidade étnica definida, o confronto entre as diferenças culturais dos seus progenitores – a europeia do pai e a africana da mãe – e criar uma identidade cultural própria, a cultura crioula, que se caracterizava essencialmente por um sentimento de diferença. Ainda, o mesmo autor (p. 70), numa conceção sociológica, afirma que, “a individualização cultural ou a identidade do homem cabo-verdiano, muito cedo definida, adveio desta sua mista realidade – a africana e a europeia – com características adversas e cheia de contrastes.”

Nessa perspetiva, Filho (1985, p. 11) considera que:

(...) “muitos países, principalmente os que se libertaram recentemente do domínio colonial, uma das missões fundamentais é redescobrir o seu passado e, deste modo, procurar reafirmar sua Identidade Cultural. A mestiçagem característica do povo cabo-verdiano, trouxe valores culturais cobrindo traços caracteristicamente africanos como, também, vindos genuinamente da Europa. Este facto fez com que a respetiva Identidade Cultural seja complexa e (por isso mesmo) original, porque a mestiçagem étnica e cultural não implicou uma igualdade de participação no cruzamento dos vários elementos.”

O povo cabo-verdiano, também caracteriza-se pela forte emigração, que marca a sua essência e que molda sua identidade. Por sua conceção, Filho (1985) defende que as características do território de Cabo Verde impõem essa solução aos seus filhos, pois a emigração esteve desde sempre jungida à evolução da sociedade cabo-verdiana. A modelação da alma cabo-verdiana, teve como fatores dominantes a insularidade, a paisagem, a estiagem e os tipos de atividades, isso segundo Aurélio Gonçalves citado por Semedo (2006). A expressão do espírito do homem cabo-verdiano, a identidade e a especificidade da sua cultura, em suma, a criouldade, é visível na língua cabo-verdiana, na manifestação da cultura popular (literatura oral, música, festas tradicionais, etc.) e nas suas formas cultas de literatura. Semedo (2006, p. 71). E nessa perspetiva, segundo dizem Cruz, et al., (2005), a identidade específica da nossa língua, da nossa música, dos nossos hábitos e costumes, da nossa filosofia e organização existenciais, das nossas crenças e interpretações do real e do imaginário, é um complemento do mundo global, é uma exigência do humanismo e da interculturalidade. Tal como afirma Cruz, et al., (2005), somos, sem sombra de dúvida, fruto da diversidade cultural.

2.3 Música – Vertente artístico-cultural

Segundo Cabral & Andrade (2002) não é de hoje que a música faz parte do convívio humano pois ela tem vindo a acompanhar o Homem ao longo dos séculos, e paralelamente às outras áreas artísticas tem vindo a evoluir.

Ela esteve sempre presente na realidade humana desde os tempos mais remotos. Registos ou documentos que confirmam que a música surgiu na Pré-história, são quase que inexistentes e tudo o que se sabe é através de gravuras e inscrições descobertas em grutas e cavernas. (Cabral & Andrade, 2002) E com o evoluir dos tempos, evoluiu também o seu conceito, a sua importância para os seres. Daí a necessidade de educar os indivíduos musicalmente. E este é um processo que deve ser retomado o quanto antes, uma vez que, tal processo já foi iniciado desde do ventre materno. A musicalidade faz parte do ser humano desde a vida uterina.

A música é uma forma de manifestação artística e cultural que mais tem-se destacado, é um meio de representação da cultura e o modo de viver dos povos. Assim, através da cultura musical, uma sociedade, ou membros de uma sociedade são identificados além dos seus territórios físicos. Ela exerce influência em todos os nativos de uma região, embora variando a intensidade que ocorre em diferentes indivíduos. Nesse sentido, Émile Vuillermoz citado por Monteiro (2003) defende que a música é, a mais imaterial de todas as artes mas que funciona como meio de comunicação e de representação cultural, pois cantando ou tocando, em grupo ou em público, comunica-se e sente-se.

O poder que a música tem, é capaz de unir povos e criar uma ligação patriótica, uma vez que, espoleta as mais variadas emoções em torno de composições musicais que espelham a vivência e a realidade da sociedade. Nesta ótica, Martins (2004, p. 34) afirma que:

“a música constitui um dos fatores de desenvolvimento cultural de grande impacto na vida de qualquer indivíduo tanto no plano social como individual. É uma das formas de linguagem mais universal, capaz de fazer com que povos de culturas diferentes se comuniquem e se entendam.”

Apreendemos a Cultura, de forma consciente ou inconsciente, através de convivência e do compartilhar de aspetos sociais, como tradições e costumes que nos acompanham ao longo dos tempos. E a música, integrante da esfera cultural de qualquer povo não foge a esse princípio, ela, segundo Abreu citado por Monteiro (2003) é um objeto revelador por excelência das lógicas que

organizam a esfera da cultura, distinguem os objetos de arte e definem a relação dos atores sociais com o universo dos bens culturais. Assim, tem o poder de influenciar o ser humano, também ela de forma consciente ou inconsciente, fazendo com que este se identifique com a música que esta a escutar estando dentro ou fora do seu país. Tavares (2006, p. 45), afirma:

“Costuma-se muitas vezes cair na tentação de pretender reduzir a música a um simples acto de tocar, cantar e dançar, quando desfrutar o seu raio de ação de uma abrangência muito mais vasta. É que, além de comportar, de fato, estes aspetos, é também, e mais do que isso, procede a uma incursão no universo de um povo e nele procurar encontrar a idiossincrasia da sua cultura que, no fundo, nada mais são do que características da sua própria identidade.”

Cabo Verde possui uma cultura musical muito desenvolvida e cimentada na vivência do seu povo, sendo que é um país de base cultural fortemente musical. Respiramos música sem sequer nos darmos conta, isso segundo as perspetivas de Monteiro (2003). A música retrata a sua história, história do seu povo, logo não se pode definir sua música apenas com uma forma de cantar e de dançar, é mais do que isso. A arte musical nasce dos fatos que caracterizam o cotidiano do povo. É um país com fortes raízes culturais que encontra na música a forma mais expressiva da sua Cultura. Essa situação pode ser fundamenta com as palavras de Monteiro (2003, p. 33) quando afirma que:

“Como obra de arte que é, a música nunca existe como acontecimento isolado, porque o próprio músico, enquanto membro da sociedade, à semelhança do escritor, por exemplo, é um criador, cuja obra está toda ela mergulhada no momento histórico que a origina e espelha, em todos os níveis, as impressões do seu milieuo físico e social.”

2.3.1 Música tradicional Cabo-verdiana

A música cabo-verdiana é tida como um dos expoentes máximo da cultura do seu povo, pois como assinala Tavares (2006, p. 38), “tratando-se de uma nação dotada de uma cultura muito rica, diversificada e desenvolvida, a exploração do património cultural do cabo-verdiano, sobre tudo o musical, nunca passou despercebido”.

E nesse sentido, Barros (2007, p. 17) afirma que:

“O povo cabo-verdiano tem sempre presente no seu quotidiano a música como um fiel companheiro, abarcando temáticas que retratam as circunstâncias da vida, da fome, da partida para terra longe, do mar, do regresso, tristeza e alegria, sobre o amor, enfim aspetos que distinguem a originalidade da nossa vivência.”

O panorama musical cabo-verdiano é de certa forma bastante rico, onde se pode encontrar variados géneros, instrumentos musicais, compositores e interpretes que dão voz às grandiosas obras que

delas pode ser retratada a realidade dessa nação. Porém, Gonçalves (2006, p. 10) observa que no seu conjunto:

“A música de Cabo Verde é um setor difícil de se delimitar, pois muita controvérsia tem sido gerada, porque a tendência natural é a compartimentação da música em géneros e modalidades específicas. Por outro lado, pelas características e singularidade no que tange a formação do cabo-verdiano, é natural que em cabo verde existam os mais díspares géneros de música... desde o Batuque, com raízes africanas (...), até às Valsas de cunho marcadamente europeu. Não é, pois, de estranhar que hoje tenhamos música com raízes nos dois extremos, que são a Música Clássica e o Jazz. Músicas de Cabo Verde são também as Mazurcas, Valsas, Polcas, Sambas e outros géneros que são praticados pelos nossos músicos. Embora originários da Europa ou da América, já fazem parte do património cultural de Cabo Verde (...), música de Cabo Verde é ainda o conjunto de géneros musicais nascidos de simbioses com outros géneros do património musical universal. Hoje temos Música Clássica e Jazz. Música de Cabo Verde é também aquela que nasce da inspiração espontânea dos nossos músicos e compositores e que traduz o sentimento e alma cabo-Verdiano.”

Efetivamente, e como assinala Gonçalves (2006), a música de Cabo Verde não é constituída apenas pela Morna e Coladeiras. Também fazem parte dela o Batuque, o Funaná, a Tabanka, o Kolá, com seus ritmos, cânticos e melodias. Música de Cabo Verde são também as melopeias e cantigas relacionadas com as mais diversas atividades: a Divina, as Rezas, Cantigas de Trabalho e outras que fazem parte do que podemos chamar música, com uma função social determinada.

Em forma de conclusão, Gonçalves (2006), diz que música de Cabo Verde é, tudo aquilo que se produz no campo da arte dos sons e que seja feito pelo cabo-verdiano embalado pela sua melancolia, morabeza, vivacidade.

1.6.1 Os géneros musicais em Cabo Verde

Tavares (2006, p. 40) afirma que “a cultura cabo-verdiana rica em todos os seus aspetos (...) a cultura musical cabo-verdiana é resplandecente. A música no espaço cultural cabo-verdiano, para além do papel que universalmente lhe está reservado, destina-se a ser cantada, tocada e dançada.”

Entre os géneros musicais tradicionais temos a Morna, a Coladeira, o Batuque, o Funaná, a Tabanka, o Finaçon, a Mazurca, a Contra-dança, os Solos Instrumentais, a Taláia-baxú, as Rezas, as Ladainhas, as Divinas, as Cantigas de Trabalho entre outros que outrora estiveram mais expressivos, como o Choro, o Lundum, o Bolero entre outros.

Os géneros provavelmente mais representativos, são:

- **A Morna**

Segundo, Filho (2003, p. 269), “a *Morna* desenvolve-se num compasso quaternário, mais lento ou menos lento, sentimentalista, romântica, nostálgica, por vezes dolente, com predomínio quase total da tonalidade menor, em melodias geralmente apuradas”.

Trata-se do género musical que mostrou a simplicidade do povo cabo-verdiano ao mundo, pelas vozes dos seus artistas levando composições da vida desse povo.

- **O Batuque**

O Batuque, segundo Tavares (2006, p. 43), é “considerado das mais antigas manifestações culturais da humanidade. [...] Com a sua base no Continente Africano, como defendeu Baltazar Lopes da Silva, afirmando que “*o batuque de S.Tiago é de origem africana*”, a sua difusão pelo mundo só se deu com as campanhas de expressão marítima europeia.”

Portanto nessa mesma perspetiva, Gonçalves (2006, p. 17) reafirma que: “Batuque é uma forma musical que se poderá talvez considerar como a mais antiga de Cabo Verde. Embora sem dados históricos e musicológicos que possam comprovar, pode-se naturalmente considerar o batuque como uma das primeiras formas de música e dança a aparecer em Cabo verde, devido `as caraterísticas puramente africanas”.

Ainda diz Gonçalves (2006), que o batuque é segundo as suas concepções, a forma de música tradicional que mais define as nossas raízes.

- **A Coladeira**

Conforme sustenta Tavares (2006, p. 65), “embora a Coladeira seja dos ritmos de grande popularidade no meio musical de Cabo Verde, devido sobretudo só seu conteúdo temático e forma de dançar, a coladeira, tal como todas as congéneres, não conseguiu escapar à polémica em torno da sua origem”. Na perspetiva de Tavares (2006), apesar da divulgação que conhece e do seu ritmo contagiante, a coladeira só terá alcançado dimensão e projeção a partir da década de cinquenta a sessenta do século passado e teve início na Cidade do Mindelo – S. Vicente.

Ainda sobre a Coladeira, é de referir que Filho (2003, p. 269) transcrevendo suas ideias em sua obra, realça que “não se pode rigorosamente dizer que a coladeira veicule apenas o lado folgazão, brejeiro e satírico do cabo-verdiano, pois que há também exemplares de conteúdo serio e reflexivo”.

- **O Funaná**

O Funaná é por Tavares (2006, p. 58) , “considerado dos poucos ritmos musicais de Cabo Verde que num curto espaço de tempo, conheceu uma evolução galopante, projetando-se da situação eminentemente regional para o estatuto nacional.” No entanto, para Gonçalves (2006) o Funaná é um género de música e dança cabo-verdianas, característico da Ilha de Santiago, com canto, acompanhamento e solo por um acordeão, cujo ritmo é produzido pelo esfregar de uma faca numa barra de ferro.

Caraterizada pela sua execução em compasso binário, é uma música em andamento duplo, lento, médio e rápido, e é tida como uma dança sensual. Para Filho (2003, p. 270):

“O mais característico ao funaná ainda é o batimento rítmicos peculiar, tanto no seu habitat próprio, como quando transportado para conjuntos elétricos. [...] à música do funaná associa-se imediatamente a dança, em passos inconfundíveis, que o santiaguense primeiro, em seguida aos outros cabo-verdianos, nas ilhas ou fora delas, estandardizaram e consagraram.”

1.6.2 Os instrumentos musicais tradicionais de Cabo Verde

“O Instrumento mais popular de Cabo Verde? Já adivinharam – é o violão! E temos grandes guitarristas! Violão, quase todo o cabo-verdiano arranha. Fazer uma Lá ou MI Menor (série de acores típicos e característicos da Morna) ou o Dó Maior (acorde típico de muitas coladeiras) Gonçalves (2006, p. 121).”

Segundo Filho (2003, p. 271), “os instrumentos usados na música tradicional de Cabo Verde são um produto de uma história, a garantia segura da música como um fator importante da cultura viva”. Para Filho (2003), os instrumentos tradicionais cabo-verdianos não são muitos e quase todos são de cordas. Os de percussão são de uso pontual e quase muito pouco têm a ver com a tipologia de percussão africana, que é de estranhar, já que tanto geograficamente como historicamente Cabo Verde pertence ao continente africano.

Tal como assinala Gonçalves (2006, p. 10), “na música de Cabo verde, utilizam-se tradicionalmente os mais díspares instrumentos: do violino tipicamente europeu, `a cimboa tipicamente africana. E, pelo meio, um espectro de instrumentos, que engloba, o violão, o cavaquinho... o clarinete, saxofone... piano... E muitos outros! O domínio da percussão vai dos tambores tradicionais à bateria e, hoje, inclui quase todos os instrumentos de percussão conhecidos.”

Para Margarida Martins (1998, pp. 29,30) podem dividir-se os instrumentos tradicionais em Cabo Verde nos seguintes grupos:

“Idiofones – reco-reco, recordai, chocalhos, ferrinho, pano (no uso da Tchabeta-batuque), catrêba, pilom com colexas.

Membranofones – tambores e bombos, bateria, percussão/carnaval, correpi.

Aerofones – flautas de caniço e de folha de papaeira, apitos de S. Jon, búzios (da tabanca), instrumentos vários de sopro (clarinete, saxofone, trompetes), cornetim e trompetas, gaita (acordeão dicotómico), acordeão cromático.

Cordofones – violino, violão, cavaquinho, viola de 5 cordas duplas, cimboa, berimbau, rabeca de coque, banjo, guitarra portuguesa, bandolim, piano.

Eletrofones – órgão elétrico, guitarras elétricas, sintetizadores.”

1.7 Educação Artística em Cabo Verde

O ensino da arte é hoje uma vertente educativa, muito completa e competente no que respeita a formação de indivíduos como seres humanos, com sentimentos e emoções e que desde cedo devem aprender a gerir de forma que possam viver em sociedade harmoniosamente. Não é de hoje que se tem apostado, nessa vertente cultural para melhor compreender os fenómenos da cultura e das origens dos povos, de forma que André citado por Tanaia (2016, p. 24) afirma que:

“Desde o início dos tempos que as artes ajudaram a perceber o mundo que rodeava os indivíduos, a configurá-lo e a dar-lhes sentido. No entanto, ainda hoje se continua a debater a importância da educação artística e a apresentarem-se razões para a inclusão ou não no espaço educativo. Mas será que esta disputa fará sentido? Afinal a educação artística justifica-se por si mesma, e a sua relevância radica-se no carácter criativo do Homem [...] aquilo que é, com efeito, indispensável é trabalhar, no sentido de tornar visíveis os contributos da educação artística para a sociedade.

Não basta argumentar que a convivência com as artes estimula a interdisciplinaridade, a tomada de decisões, motiva para a aprendizagem ativa, criativa e questionadora.”

A disciplina de Educação Artística encontra-se nos currículos do sistema educativo cabo-verdiano, mas não recebe a mesma valorização das demais disciplinas que compõem a grade curricular.

“Muitas vezes se tem a impressão de que é uma área tida como secundária e menos importante, isso devido a postura das entidades superiores face a E.A.” (Rodrigues L. O., 2017, p. 1)

A educação tem-se desenvolvido e alcançado vários espaços, mas infelizmente ainda na nossa realidade temos escolas que não têm o privilégio de ter um professor formado em Educação Artística e os recursos são muito fracos.

“as dificuldades que podem nos condicionar a realização das aulas de E.A, são os recursos, a escassez de materiais, as estruturas não adequadas para certas atividades.” (Fonseca, 2017, p. 1)

O tempo dispensado para essa área curricular é insuficiente para realizar as tarefas idealizadas, ficando um trabalho incompleto e sem sequência. Se todos tivessem a mesma visão que Elliot W. Einsner, citado por Cross (1983), quando afirma que, “a E.A é vista como satisfação das necessidades educacionais da criança e, portanto, valiosa para a comunidade e a nação, sejam essas necessidades especificamente artísticas ou não, segundo a qual cabe à arte, por direito próprio, uma contribuição importante e distinta, viam também nela a grande potencialidade para alavancar as outras áreas ditas nucleares e favorecer uma melhor aprendizagem e consequente aproveitamento.” Assim como defendem Veríssimo, Pinto & Martins (2012) , pois para eles, a Educação Artística pode melhorar a qualidade da educação, e alargar “a educação para todos”, porque cria, ao estudante, uma série de competências e de aptidões transversais e fomenta a sua motivação e a participação ativa na aula.

Grande parte dos professores que atuam nessa área possui uma certa dificuldade em ministrar as suas aulas por não possuírem formação específica. Os professores de outras áreas que concordam em trabalhar essas disciplinas justificam a escolha devido ao comprimento da carga horária ou por terem afinidade com a mesma, julgando que ela seja simples para trabalhar tendo em mente que basta realizar alguns trabalhos como o desenho livre, fazer brincadeiras, elaborar e apresentar teatros, cantar uma canção, são suficientes para uma aula de Educação Artística como anteriormente lhes foram ensinados. Mas essa forma de pensar o ensino da arte deve ter a relevância que de fato merece, pois Jack Cross na sua obra intitulada *O Ensino de Arte nas Escolas* (1983, p. 105) defende que, os governantes e os professores de E.A. devem reconhecer que:

- (1) A disciplina deles tem uma importância única e insubstituível na experiência da criança que está crescendo.
- (2) É uma parte essencial de qualquer forma de currículo equilibrado.
- (3) Pode ser perfeitamente necessário insistir nessa apreciação de valor.
- (4) As estruturas administrativas de uma escola refletirão as expectativas da escola tocantes a disciplina e nela influirão, e isto não deve ser esquecido quando se planejarem mudanças.
- (5) Se a arte tiver de fazer parte integrante do currículo escolar, cumprirá ao professor certificar-se de que seus próprios objetivos são claros e compreendidos de um modo geral.

Da mesma forma, pensam Veríssimo, Pinto & Martins (2012, p. 5) e nessa ótica recomendam:

“Para a promoção de uma Educação Artística que corresponda aos princípios defendidos e reconhecidos internacionalmente, de forma a cumprir o seu verdadeiro papel na sociedade contemporânea em que vivemos, deve-se estimular o desenvolvimento de estratégias de aplicação e de controle para garantir a sua qualidade. Dar a esse domínio de conhecimento um lugar central e permanente no currículo educativo, devidamente financiado e com professores competentes e de qualidade.”

Para pôr termo a essa situação, a valorização dessa área deve partir do próprio professor para que os alunos e a sociedade em geral deem também a devida importância, seguindo os exemplos e compromissos declarados dos diferentes professores. Assim alunos crescerão com a mesma forma de pensar e interagir da Educação Artística. Segundo as concepções de Veríssimo, Pinto e Martins (2012), sendo o professor um elemento importante neste processo, e para que a Educação Artística seja uma realidade, deve estar capacitado para:

1º - Entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade e

2º - Valorizar e Explicar a importância da arte na educação.

Segundo, Cross (1983, p. 103) “a luta não se trata tanto para alcançar o reconhecimento de que a disciplina existe, mas para persuadir as pessoas de que sua importância não é de somenos: de que, se as escolas pretendem estimular o desenvolvimento das “pessoas” (e temos, acaso, a certeza de que o fazem?), muita coisa da nossa forma civilizada de vida pode ser experimentada em atividades exercidas sob a epígrafe de arte.”

Atualmente, a Educação Artística é vista com outros olhos. A contribuição dada por esta área na formação individual e social dos alunos, tem vindo a alavancar o potencial desenvolvimento do ser enquanto cidadão. Como, defendem Veríssimo, Pinto & Martins (2012, p. 3):

“Achamos conveniente, também, esclarecer que a proposta de Educação aqui apresentada não constitui uma Educação pela Arte especializada, isto é, não significa a aprendizagem de técnicas, numa área concreta das artes. Por outras palavras, o objetivo não é “treinar” alguém para ser “artista” ou pintor, escultor, músico, ator... Neste sentido, a educação que se propõe é aquela que permita UMA MAIOR SENSIBILIDADE PARA O MUNDO QUE CERCA CADA UM DE NÓS²; porque a arte faz avançar o mundo... Disponibiliza ao indivíduo, situações-problema significativas que o leva a se conhecer melhor e a expor, de forma desinibida, os seus problemas, necessidades, sentimentos.”

Tal fato, levou a apostar na criação de cursos voltados para a área artística, vertente educativa, como forma de estimular os professores a se formarem na perspetiva de trabalharem com mais liberdade e autonomia a E.A, apropriando-se dos saberes que devem ser trabalhados nas aulas. Se o professor de arte acreditar que o tipo de trabalho que está fazendo com as crianças tem um valor especial e exige reconhecimento e apoio, terá de expor seus argumentos e continuar a expô-los em todos os cantos em que se dissimular o poder (Cross, 1983).

Os frutos originados pelo trabalho do professor de arte junto dos alunos têm sido uma fonte de motivação para os dirigentes políticos, pois Veríssimo, Pinto & Martins (2012) defendem que,

“sendo uma forma de construção política e cívica constitui uma ferramenta de base para a coesão social e pode ajudar a resolver as questões difíceis que muitas sociedades enfrentam – o crime, a violência, o analfabetismo persistente, as desigualdades de género, maus-tratos de crianças, negligência, problemas ambientais, discriminação racial, doenças, mas também no sentido de estimular essa vertente educativa, uma vez que esta influencia diretamente o desenvolvimento cultural e consequentemente a valorização dos aspetos identitários da cultura cabo-verdiana.”

Nesta ótica, fazendo menção ao “*Congresso Ibero-americano de Educação Artística: Sentidos Transibéricos*” – realizado na Escola Superior de Educação de Beja/Portugal nos dias 22, 23, 24 de Maio de 2008, esses mesmos autores apoiam substancialmente, as palavras acima transcritas quando consideram que:

“As artes são simultaneamente essenciais ao conhecimento humano, e são elas próprias uma das suas substanciações. Como são praticadas por todas as sociedades, e elementos determinantes da Cultura e do desenvolvimento psico-social do indivíduo, elas devem fazer parte integrante de todos os currículos educativos e não como elemento marginal e ou externo ao sistema educativo. Assim, a Educação Artística, (cobrindo a música, plástica, teatro, dança, etc.) deve ser integrada como uma das áreas curriculares essenciais da Educação (p. 3).”

Há bem pouco tempo, não havia programas de Educação Artística. Devido à importância que esta conquistou, foi urgente a necessidade de desenvolver programas que sustentassem o trabalho do

professor. Assim, muitos foram os esforços envidados no sentido de produzir e colocar os programas a disposição dos professores, e muitas formações de caráter contínuas são projetadas no sentido de apoiarem o professor nas suas práticas. Todos os anos, no início das atividades letivas são elaborados planos de formações nas áreas artísticas. O que vem acontecendo, que pode ser considerado uma grande evolução, é a abertura dos coordenadores pedagógicos em aceitar e mesmo pedir que os professores proponham as áreas e as atividades que podem ser focadas nas formações que também acontecem durante cada ano letivo.

Graças aos esforços dos inconformados com a situação de que estava a Educação Artística, algumas conquistas foram alcançadas, como é o caso do encontro da E.A, promovido pelo antigo ministério da educação e desporto de Cabo Verde. Um feito inédito, onde professores representantes de todas as ilhas fizeram relatos das atividades realizadas nas áreas artísticas nas suas escolas.

Alguns dos constrangimentos enfrentados pelos professores de Educação Artística são:

a falta de formação adequada, o momento de avaliação dessa disciplina que o próprio Ministério da Educação não conseguiu definir com precisão, para unificar os parâmetros utilizados, evitando que as avaliações sejam feitas de forma pouco rigorosa (...) também por parte de alguns colegas, que vêm a E.A como uma área sem muita importância, que nada conta para o processo ensino-aprendizagem dos alunos.” (inquirido E.1).

1.7.1 O lugar da Expressão Musical no currículo do 2º ciclo do Ensino Básico

A educação começa em casa, pois a criança antes de contactar com a instituição escolar, antes de entrar para o ensino formal, ela já recebe estímulos educativos em casa, junto da família. Isto acontece em todos os campos de conhecimento, entre eles, na Música. (Gordon, 2000a)

A criança vem sofrendo influência dos pais, relativamente a música, desde que está se formando no interior da barriga da mãe, assim ela desperta pela música ainda antes de pertencer ao mundo fora do útero, pois assim como afirma Gordon (2000b, p. 16):

“Tem-se especulado sobre o facto de o nível de aptidão musical com que uma criança nasce, isto é, o seu potencial inato, poder resultar até certo ponto da sua reacção pré-natal à música, assim como da qualidade do ambiente musical que as mães encontraram durante a gravidez.”

A música influencia e propicia um desenvolvimento saudável do indivíduo. Assim, a educação musical deve acompanhar o desenvolvimento da criança até que se torne um adulto sensível musicalmente, sem descartar a influência da música durante a escolarização da criança, no envolvimento e aproveitamento relativamente as outras áreas curriculares. Sendo que a música a acompanhará em todas as fases da sua vida. Nessa ótica, Tanaia (2016, p. 25) considera que, “o contexto educativo abarca várias áreas de formação e de lazer, mas, sobretudo, exige que haja um ambiente motivador que desperta nos alunos o interesse espontâneo para se sentirem envolvidos no seu processo de ensino aprendizagem e a música pode ser o elemento catalisador desde processo.”

Enquanto criança, deve-se trabalhar de modo a desenvolver nela a motivação musical pois é extremamente importante, uma vez que, o mundo que a cerca, é um mundo sonoro, onde o som caracteriza a sua rotina. Diante dessa realidade, a criança precisa ser estimulada a apreciar e a fazer combinações sonoras que lhe agrada aos ouvidos. Assim, Tanaia (2016, p. 24) reconhece que:

“A aprendizagem da música requer da parte do formando grande poder de concentração, disciplina e motivação, características importantíssimas e imprescindíveis para um bom rendimento escolar. Apreciar a música e transmiti-la de forma agradável para quem a ouve, requer um treinamento e motivação que só se podem encontrar nas pessoas que verdadeiramente gostam dela e que reconhece nela os inúmeros benefícios que traz para envolvidos diretamente e circundantes.”

Por um lado, sabemos da capacidade da música em influenciar o ser humano enquanto pessoa adulta, que já possui um conjunto de saberes musicais, obtidos quer por experiências vividas ou então porque passou pela escola, imaginemos então que influências exercerá a música sobre uma criança, que ainda está na fase da construção da sua personalidade.

A aprendizagem da música é fundamental na formação do indivíduo, de modo que se deva começar ainda no mais baixo nível de ensino. Cabo Verde como um país de melodias intensas, a música não pode faltar no currículo escolar, uma vez que ela é uma das vertentes culturais que mais tem projetado a nação no mundo. Por outro lado, Godinho (1996), retrata o ambiente musical das crianças cabo-verdianas e diz que em Cabo Verde respira-se música, sem querer a criança tem um contato com a música desde tenra idade. Cabo Verde é um país rico em tradições musicais, com as quais as crianças contatam desde que nascem. Podemos dizer que a criança aprende a cantar como aprende a falar.

Para que o homem possa viver a música, a criança que ele foi em tempos deve ser estimulada a conhece-la, através da educação musical. Nesta ótica, Gordon (2000b, p. 16) defende que “quanto mais cedo uma criança começar a beneficiar de um ambiente musical rico, mais cedo a sua aptidão musical começará a aumentar em direção ao nível do nascimento e mais próxima ficará de o atingir e nele permanecer através da vida”. A música é muito importante, pois permite comunicar sem conhecer o dialeto, sentir sem sofrer, viver e conhecer outras paragens sem ter necessariamente que passar fronteiras territoriais. Isso porque, hoje em dia vivemos sob uma forte presença musical, a nível mundial. Dessa realidade nasce a necessidade de cada vez mais cedo, iniciar uma educação musical, não na perspetiva de formar músicos, (a menos que quiserem seguir suas veias artísticas) mas indivíduos capazes de escutar ativamente, comparar composições e tecer suas opiniões de forma crítica relativamente as produções musicais. Na perspetiva de Tanaia (2016, p. 25)

“a introdução do ensino e aprendizagem da música nos currícula escolares desde a iniciação escolar do aluno, com programas devidamente elaborados e professores com formação na área, contribuirá significativamente para o melhoramento do rendimento escolar e pode funcionar como uma oportunidade de emprego para aqueles que assim o queiram e que tenham competência para seguir uma carreira artística.”

Assim sendo, faz todo o sentido criar um plano educativo para a criança, fazer com que a música seja trabalhada formalmente, nas instituições educativas a fim de proporcionar a criança as mais variadas experiências musicais, já que o convívio musical promovido nestas instâncias é muito rico, pois o ambiente é favorável as trocas de conhecimento. Assim, Tanaia (2016, p. 26), na sua tese “*A importância da música na transmissão de identidade e valores: O caso do grupo Noite de Mindelo*” defende que:

“Tradicionalmente, a escola é considerada como uma instituição por excelência vocacionada para o ensino aprendizagem dos alunos, assente em políticas educativas conforme a realidade socioeconómico e cultural do aprendente. Todavia, sendo a música uma área cientificamente reconhecida como uma mais-valia para o processo de ensino aprendizagem, ela deve fazer parte dos programas escolares desde da idade pré-escolar como forma de cedo despertar no aluno o interesse por ela e dela absorver elementos fundamentais que possam contribuir para o seu rendimento escolar.”

Ao chegar a escola a crianças já traz com ela um conjunto de conhecimentos musicais, dadas pelas experiências vivenciadas em casa, com a família e com os amigos.

Neste sentido, os professores deverão estar conscientes desta realidade e, portanto, valorizar as experiências anteriores das crianças, fazendo-as partilhar com os outros as canções e as danças que conhecem – a sua própria cultura. O papel do professor não deverá ser só o de proporcionar a

aquisição de novos conhecimentos, mas também o de aproveitar e valorizar os conhecimentos que as crianças trazem para a escola, que constituem uma enorme riqueza. (Godinho, 1996).

A Educação Cultural passa pela Educação Artística, referindo nesse preciso momento a Educação Musical. A música como espelho cultural, tem na Educação Musical uma aliada, pois por este meio e de forma natural, a música que retrata a nossa cultura é vivenciada dentro da sala, trabalhada sob outra perspectiva que levará a um melhor conhecimento das produções feitas e uma consequente valorização. Se é importante estimular a criança a conhecer a música, no sentido mais alargado, a música do mundo, também é relevante adaptar a Educação Musical ao meio onde ela se insere, isto no sentido de conhecer primeiro o seu universo musical. Daí preparar-se para o grande salto, que é a música internacional.

Para o desenvolvimento global da criança situada no seu contexto social, Martins, M. (2004) realça que toda a ação pedagógica no processo educativo tem que exercer a sua função estruturante e construtiva não numa criança em abstrato, mas numa criança concreta, produto e agente de transformação do meio em que está inserida

1.8 Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial advém da palavra e expressão Património que significa:

“(...) lo que se recibe de los padres y lo que es de uno por derecho propio. En este sentido se habla, por ejemplo, del patrimonio familiar. Pero hay tambien un significado umcho mas amplio de lo que es patrimonio, que no tiene que ver com un individuo y tampoco solo com los bienes materiales que heredo y reunio de manera legitima, sino que se refiere a los de una nacion entera: abarca el territorio del país y la historia que se desarrollo en el, acumulada en forma de leyendas, tecnologias, conocimientos, creencias, arte y sistemas de produccion y de organizacion social (Pérez, 2003, p. 11).”

Carvalho (2005) in *Cabo Verde 30 Anos de Cultura*, faz referência à expressão património, e caracteriza-a como sendo de origem Latim, Patrimonium, de pater, que significa conjunto de bens do pai ou da mãe; bens da família, ou ainda, bens, herança comum de uma coletividade, dum grupo humano.

A Educação Patrimonial em Cabo Verde é uma vertente educativa pouco explorada e que ao mesmo tempo é de extrema relevância num país onde a Cultura tem um papel tão expressivo. Para o povo, conhecer sua origem cultural e os bens culturais são necessários para melhor preservá-los. Assim, Macedo & Monteiro (1987) reconhecem que esse conjunto de bens que pertencem ao

indivíduo e a seu povo, deve ser preservado de forma a garantir a sua continuidade, para que as gerações vindouras possam conhecer suas histórias, tradições, cultura e de forma consciente salvaguardá-las pois retratam sua identidade. Nessa perspectiva deve-se salientar a importância que nas nossas sociedades reveste o processo educativo, bem como os mass media, na formação dessa mesma identidade.

A Educação para o Patrimônio, segundo Grinspum (2000, p. 30),

“pode ser entendido como formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade.”

Com efeito, o mesmo autor admite-se que a Educação Patrimonial, tem como objetivo final explorar e utilizar todo o potencial que os bens culturais preservados oferecem como recursos educacionais, desenvolvendo as habilidades de observação, análise, atribuição de sentidos, contextualização e valorização do patrimônio no sentido de o enaltecer.

Segundo Filho (1985, p. 89), “o conhecimento das verdadeiras raízes da sua “cultura” é uma necessidade primária para a valorização dos cidadãos e consequente afirmação da “Identidade Nacional”. É importante que a memória de cada povo se ache perpetuado aquilo que, essencialmente, faz compreender como vieram, sentiram e pensaram os seus antepassados.”

A escola tem como função proporcionar aos alunos situações em que possam identificar os aspectos culturais e valores a eles ligados para que haja uma apropriação significativa desses mesmos aspectos e deferirem um sentimento de patriotismo perante os mesmos. Assim defende Filho (1985, p. 121), que considera “ser de responsabilidade e o papel da escola o desenvolvimento de aspectos da “cultura local”, a elaboração de um curriculum com objetivos bem definidos no sentido da sua integração nas realizações culturais do País e a organização de um programa preparado a partir de sistemas de ensino (...) nesta mesma ótica, Pérez (2003, p.49) afirma: “es necesario el ejercicio pedagógico en función de esos objetos para transmitir sus valores con una intención determinada.”

A UNESCO, Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, (1972), no ARTIGO 27.º, VI – Programas educativos, adverte aos estados presentes para uma educação bem planeada a nível da preservação do Patrimônio Cultural e Natural, afim de:

1 – Os Estados parte na presente Convenção esforçar-se-ão, por todos os meios apropriados, nomeadamente mediante programas de educação e de informação, por reforçar o respeito e o apego dos seus povos ao património cultural e natural definido nos artigos 1.º e 2.º da Convenção.

2 – Comprometem-se a informar largamente o público das ameaças a que está sujeito tal património e das atividades levadas a cabo em aplicação da presente Convenção.

Na conjuntura que se vive hoje, onde as inovações tecnológicas avançam a uma escala crescente, os benefícios apresentados por esta realidade são grandiosos, proporcionando grandes avanços a nível da saúde, educação e em outros ramos do bem-estar humano, mas por outro lado, traz inconveniências sociais, nomeadamente, desgastes culturais. Nessa perspetiva, Filho (1985) afirma que, o contexto do desenvolvimento e amadurecimento da Cultura cabo-verdiana, acaba por fornecer a imagem de um povo que possui a tendência nata para enriquecer a “cultura” através da adição de valores de outros grupos ou comunidades com que entra em contado. Assim, faz sentido pensar uma educação patrimonial coerente e adaptada à realidade do povo a fim de conhecer, explorar, enaltecer e preservar as raízes consideradas seu património cultural e não deixar perder traços culturais devido a convivência entre diferentes comunidades, pois a aculturação é um fenómeno real, que põe em risco as raízes culturais dos povos.

Também o contato com as mais diversas culturas, resultado das emigrações que tem caracterizado o povo cabo-verdiano, tem como consequência a aculturação e assimilação de aspetos culturais das comunidades acolhedoras. Essa realidade pode pôr em causa a verdadeira essência Cultural cabo-verdiana, sendo que o risco de assimilação de traços de outras culturas é real, tendo em conta que é um povo caracterizado pela sua emigração. Hoje tem-se notado um movimento intensificado no sentido de sensibilizar para a preservação de valores culturais, ou do Património Cultural, pois o património histórico-cultural é, assim, um dos elementos definidores da identidade cultural do povo que, de geração em geração, o (re) cria, elaborando todo um retrato da sua vida social. (Lima, 2002).

Perante tal circunstância, Filho (1985, p. 17), afirma categoricamente que:

“A defesa do Património é um imperativo inadiável perante as incúrias ou negligências que, em todos os lados, se repetem afetando valores inestimáveis que permanecem em risco de degradação ou de extravio para o estrangeiro. E não será fundamental apenas fazer-se “levantamentos”, inventariar e restaurar peças artísticas e/ou documentais, mas formar pessoal habilitado para a prossecução dessas tarefas e, ainda, par exercer funções no domínio da animação cultural, que é um dos agentes básicos da missão pedagógica e cívica a levar a efeito em todo o país.”

De certa forma, a educação começa em casa, seja ela de que vertente for. O mundo da criança é o seu meio familiar, logo é nele onde ela acaba por conhecer e apreender uma formação baseada nos princípios morais familiares que serão adaptados a sociedade onde vive. Nessa ótica, a criança acaba por conhecer e apreender aspetos ligados a cultura através do convívio familiar. Mas todo esse conhecimento será sistematizado na escola, onde se considera a espaço por excelência para efetuar e sequenciar as aprendizagens, aprendizagens essas que em parte foram e são apreendidas no meio familiar.

1.8.1 Património Cultural

Os povos se identificam pelo seu património, quer o cultural, histórico, ou outra vertente, assim sendo, o património é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. (UNESCO, 1972). Constituindo parte da história e do surgimento de uma nação.

Partindo dessa mesma perspectiva, Filho (2003, p. 25) afirma que, “o património está, pois, ligado tanto aos valores materiais, como aos simbólicos e às vertentes estética e cognitiva, em função das memórias e dos saberes que integra, relacionando-se, ainda, com o conceito de tempo, a percepção da realidade e o respetivo valor cultural (histórico, sociológico e antropológico).” Face ao que antecede, (Filho, 2003) conclui que o património é um bem do homem para a sua comunidade e nele se integra o conhecimento do “fazer” e do “saber fazer”, assumindo, deste modo, a função social da transmissão de testemunhos de uma geração para outra.

Mas o que é Património Cultural?

“aquellos bienes que son la expresion o el testimonio de la creacion humana o de la evolucion de la naturaleza, y que tienen especial relevância en relacion con la arqueologia, la prehistoria, la historia, la literatura, la educacion, el arte, la ciencia y la cultura en general, como son los documentos y bienes relacionados com la historia, incluídos los de la ciencia y la técnica, asi como com la vida de los forjadores de la nacionalidad y la independencia.” (Pérez, 2003, p. 11)

Nesse sentido, o património cultural é de carácter nacional, daí que representa toda a essência de uma nação, logo, preservar o que se herdou dos antepassados e aumentar o Património Nacional, a partir do que for dinamizado (fazendo o presente evoluir em direção ao futuro), sejam aspetos importantes a ter em conta para sustentar e assegurar a consciência patrimonial. (Filho, 1985).

O ser humano, ao longo de sua existência, produz todo um conjunto de saberes e conhecimentos, fruto de experiências acumuladas e/ ou apreendidas que passam a constituir o seu património. O Património Cultural pode subdivide-se em bens culturais móveis e bens culturais imóveis (Filho, 2003, pp. 25,26):

“bens culturais móveis, representam o conjunto de todas as obras autónomas em relação ao espaço onde se encontram, abrangendo peças artísticas (pinturas, esculturas, desenhos), arqueológicas, bibliográficas, manuscritas ou impressas, numismáticas, etnográficas, fotográficas, cinematográficas, registos sonoros, objetos de natureza profana e religiosa, consideradas do domínio técnico, artístico ou científico, etc. (...) bens culturais imóveis apontaremos as pontes, aquedutos, chafarizes, pelourinhos, como também talha, pintura mural e decorativa, azulejaria, sem esquecer os espaços envolventes (as zonas de proteção), os conjuntos compreendidos por certos agrupamentos arquitetónicos, urbanos e rurais, sítios, espaços com determinadas características, obras do homem ou deste e da natureza conjuntamente, etc.”

Ainda Filho (2003), a título exemplificativo, citou algumas denominações do património cultural, como, Património construído, Património arquitetónico urbano, Património arquitetónico rural, Património arqueológico, Património industrial, Património natural, Património artístico, Património documental, Património etnográfico, Património técnico e Património imaterial, das quais definirei apenas duas, segundo as conceções do autor que estão diretamente ligadas ao trabalho em si, que são:

“Património artístico – Manifestações de arte expressas pelo homem em convivência plena com o meio em que vive, ao nível de diversos contextos e que se encontram muitas vezes condicionadas aos materiais naturais de que dispõe. Porém, não é só a arte enquanto escultura ou pintura, como também objetos ligados à religião e à organização social, são também formas de expressão artística.

Património imaterial – relaciona-se com a tradição oral, vida psíquica, língua, religião, superstições, bem com os jogos e recreios, medicina tradicional, rituais, mitos, tradições, ciência popular, caracterizando-se, ainda, pela observação da organização social, das hierarquias, relações entre os sexos e família, educação das crianças, práticas e crenças relativas ao nascimento, casamento, morte, regime de propriedade e justiça, sociedade secretas, formulas de polidez, guerra, e comércio.”

Também para Cruz, et al., (2005, p. 370) “o património cultural imaterial, representado pelas lendas e contos, a medicina tradicional, a música e os instrumentos musicais, a dança, o conhecimento cosmológico, etc., etc., constituem parte fundamental do espectro cultural da natureza humana.”

Segundo a lei da Preservação e defesa do Património nacional, publicada no B.O. n. 102/III/1990, citada na obra Cabo Verde 30 Anos de Cultura por (Cruz, et al., p. 57), os bens imateriais são:

“Os que constituem elementos essenciais da memória coletiva do povo, tais como a história e a literatura oral, as tradições populares, os ritos e o folclore, a língua nacional e a oficial, e ainda as obras do engenho humano e todas as formas de criação artística e cultural, independentemente do suporte ou veículo por que se manifestam.”

Esse conjunto de representações culturais deve ser salvaguardado, de modo a que se preserve também a diversidade cultural que hoje o mundo ostenta, pois de fato, Macedo & Moteiro (1987, p. 180), reafirmam que “a diversidade de culturas humanas é muito maior e mais rica do que tudo aquilo que delas conhecemos.” Estes princípios são defendidos pela UNESCO (1972), reconhecendo a importância e constatando que a convenção sobre o Património Cultural e Natural deve reconhecer a obrigação de assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural (...)

1.9 Morna

A Morna, género musical Cabo-verdiano, considerada expoente máximo da música de Cabo Verde, é cantada em todo o arquipélago e além-fronteira.

Conforme Teixeira de Sousa citado por Semedo (2006, p. 92) , “a Morna nasceu do povo que a criou, banhando-a com as lágrimas das suas mortificações, resignações e sofrimentos, e [...] essas melodias não são outra coisa senão a exaltação ou o queixume eterno da alma cabo-verdiana, no que ela tem de mais comovente, de mais extravagante e de mais tumultuoso.”

Historicamente, não existem dados substanciais referentes à Morna. Na falta de dados, tudo se admite, ora existindo diferentes teses quanto à sua origem, seu nome e época do seu aparecimento, situação que têm sido motivadora de grande controvérsia à sua volta. (Tavares, 2006).

Quanto a origem provável da Morna, vários autores têm dado o seu contributo no sentido de chegarem a um resultado satisfatório, que seja coerente e conclusivo, pois até ao momento os estudos têm especulado e aventado hipóteses não concludentes. Refletindo um pouco mais sobre tantos trabalhos de análise feitos sobre a Morna, Martins.V, (1989, p. 123) afirma que “são quase todos teses literárias com mais ou menos valor, pode-se adiantar que quase todos também partiram de uma base pouco científica (ou que tenham tido finalidade científica).”

Falar da origem provável da Morna, desperta inquietações, pois uma vez mais, provas documentais faltam para sustentar as teorias, e fez-se das tradições orais o suporte dessas mesmas teorias. Nesta perspetiva Monteiro (2012, p. 78) defende que: “A hipótese de a Morna ter nascido na ilha da Boa

Vista existe e, até ao momento, não se pode dizer que haja argumentos ou documentos que comprovem essa hipótese, que existam para rebatê-la”. Entretanto, nesse aspeto, autores que escreveram sobre a provável origem não dispersaram suas ideias e convicções, pelo que afirmam que a Morna nasceu na Ilha da Boavista, muito embora as informações não são concretas.

Assim Eugénio Tavares, citado por Gonçalves (2006, p. 73), afirma que “a Morna é originária da Boa Vista. Passou depois às outras ilhas. Ilhas essas que seriam, a ilha Brava, São Nicolau e São Vicente, e foi modificando de acordo com as vivências do meio. Pouco depois, todas as ilhas do arquipélago já cantavam e sentiam a Morna.”

Relativamente ao conceito de Morna, autores que tentaram defini-lo não encontraram uma tarefa fácil, pelo contrário, apresentou-se um tanto difícil, pois a complexidade de sentimentos envolvidos por esta palavra tão simples impôs limitações aos que tentaram fazê-lo. Assim cito dois autores que encontraram quase que o mesmo caminho para a conceituar.

Armando Fernandes citado por Lima (2002, p. 181), define Morna, “como sendo canto e dança dolente, em compasso quaternário, impregnado de melancolia em que o povo soluça e canta o seu pesar, a sua tristeza e o seu queixume em tom plangente, dolente e soluçante.”

Para Eugénio Tavares citado por Semedo (2006, p. 89), “a Morna é música, dança e canto: compasso quaternário, atitudes languens, andamento vagaroso – teria surgido na ilha de Boa Vista, passando depois às outras ilhas, adaptando-se, e tomando a feição psíquica de cada povo.”

Pedro Cardoso citado por Lima (2002), por sua vez, define-a como música, dança e canto; compasso quaternário, atitudes languens, andamento vagaroso. Ainda relacionado com a Morna, a origem etimológica da palavra é um misto de especulações, autores pegando no contexto social do seu aparecimento para apoiar suas teorias, nesse sentido, Baltazar Lopes citado por Rodrigues & Lobo (1996) refere-se à Morna como substantivação da forma feminina do adjetivo português morno e a partir do termo crioulo das palavras dele derivadas. Por este motivo, Baltazar Lopes citado por Lima (2002) defende a origem portuguesa do termo Morna. Referindo que:

“substantivou-se a forma feminina do adjetivo (morna) e com ela se designa a música e a dança típica do arquipélago. Derivou o verbo morna (mornar), isto é, dançar a morna, e deste o substantivo e adjetivos mornador e mornista (mornista).” (p. 183).

Vasco Martins, citado por Lima (2002), propõe explicar a origem da palavra *Morna* baseando na raiz *moda*. Família da palavra *modinha*, fenómeno musical que ao seu ver influenciou a partir de um determinado momento a *morna*, também esta como fenómeno musical.

De forma geral, Manuel Ferreira citado por Rodrigues & Lobo (1996) afirma que, todos têm defendido a génese crioula da Morna. Apesar de tantas controvérsias, incertezas e especulações, a Morna é na sua dimensão humana, na sua essência e índole, na sua formação, uma música simplesmente cabo-verdiana. Ela é pois produto destas ilhas atlânticas e como parte de um todo universal terá aspetos desta ou daquela cultura que faz parte desse todo

1.9.1 Morna, cultura e identidade

Cabo verde, é conhecido pelo seu clima tropical agradável, pelas suas belas praias de areia branca e mar cristalino, pelas suas gentes, ilhas de morabeza, mas inquestionavelmente pela música, a Morna do povo cabo-verdiano. Levada pelas expressivas vozes dos artistas em que Cesária Évora recebe um papel de destaque. Dando seguimento, Manuel Faustino citado por Monteiro (2003, p.35), reafirma que, “a explosão da música cabo-verdiana, nos últimos tempos, graças a emergência da Cesária Évora no palco internacional, está intimamente associado à globalização (...)”

Segundo Gonçalves (2006, p. 8) “a Morna é um produto crioulo que, cedo se afirmou e, cedo, foi reconhecido como um género musical nacional e não uma manifestação cultural regional ou localizada.”

Ancorando-se nessa mesma perspetiva, Filho (2003, p. 269) defende que, “a morna, nos seus aspetos estético-formais, mais do que qualquer outro género musical cabo-verdiano, é eminentemente típica, é canção nacional, constitui expressão e resumo da vanguarda do quotidiano crioulo das ilhas de Cabo Verde”. Ainda Filho (2003) remata afirmando que, as emoções suscitadas pela morna, nas suas cambiantes, são tão determinantes que, poder-se-á dizer, um cabo-verdiano que ainda não tenha experimentado a “perturbação emocional” suscitada pela morna, não é ainda medularmente cabo-verdiano.

A cultura está vinculada a música, que por sua vez é uma aspeto determinante na identidade do povo cabo-verdiano e sendo a Morna música rainha da nossa terra, assim como canta Ildo Lobo, ela está de tal forma cimentada ao cabo-verdiano que podia-se dizer que existe uma relação de simbiose. O povo de Cabo Verde vive e se revê nesse género musical e nela identifica-se plenamente. Assim defende B.Léza citado por Gonçalves, (2006, p. 72): “Há só uma terra que conhece a “Morna” e só um povo conhece-lhe os versos – Cabo Verde e o cabo-verdiano. Por isso ao cabo-verdiano é dado comover-se ouvindo uma “Morna”. Quer em Cabo Verde, quer longe dele, porque só a ele é dado a conhecer... sentir, interpretar, a alma da sua terra.”

1.9.2 Morna candidata ao património cultural imaterial da humanidade

A Morna como candidata a património imaterial da humanidade é uma realidade, da qual pouco se sabe. Segundo o jornal on-line, A Nação (2014):

"Durante muito tempo, a morna foi tida como o género musical cabo-verdiano por excelência. Foi só depois da independência de Cabo Verde que outras formas musicais – como o funaná e o batuko – ganharam visibilidade. Mais tarde, com o aparecimento do hip-hop e do zouk, e a grande adesão da juventude a esses ritmos, a morna é vista por observadores como tendo perdido o seu peso no cenário musical cabo-verdiano. Paradoxalmente, é nessa mesma época que, pela voz de Cesária Évora, a morna ganha o mundo, conquistando fãs ao redor do planeta."

Foi em 2012 que, segundo A Nação (2014), o governo de Cabo Verde decidiu candidatar a morna a património imaterial da humanidade, título que nos últimos anos a Unesco atribuiu ao fado português (em 2011) e ao tango argentino (2009). Uma comissão científica irá elaborar o dossier de candidatura a ser apresentado à Unesco e foi criada também uma comissão de honra integrada por personalidades da área cultural para atuar como “embaixadores” do projeto.

Nas páginas do Governo, encontra-se destacado, por parte do Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, do atual governo, o processo de candidatura da Morna a Património Cultural Imaterial da Humanidade, e o papel da cantora Celina Pereira, como uma das embaixadoras naturais tendo em conta o seu percurso e a grande contribuição que tem dado na divulgação da Morna.

São notícias nos *mídia* cabo-verdiana, o apoio que Cabo Verde recebeu de Portugal, para organização do processo de candidatura da Morna, como património cultural imaterial da humanidade.

O Antropólogo Paulo Lima, consagrado especialista português em matéria de preparação e elaboração dos processos de candidatura à UNESCO, encontra-se desde 19 de junho de 2017 em Cabo Verde, numa missão de assessoria técnica à equipa do Instituto do Património Cultural, que visa apoiar a instrução e preparação do processo de Candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade. Esta ação técnica, apoiada pela Cooperação Portuguesa, colhe enquadramento no Programa Estratégico de Cooperação (PEC), a operacionalizar com Cabo Verde no período 2017-2020.

1.9.3 Intérprete representativa da Morna - Cesária Évora

Impossível seria falar da música de Cabo Verde, especialmente da Morna sem mencionar a embaixadora da música desse povo, pois para Gonçalves (2006, p. 72), “através da bela voz de Cesária Évora, o mundo descobriu a Morna e um país que se chama Cabo Verde.”

Segundo Gonçalves (2006), Cesária Évora nasceu a 27 de Agosto de 1941, em Mindelo. (...) Numa entrevista publicada na revista *Mudjer*, ela responde que começou a cantar aos 17 anos, e porque disseram-lhe que tinha boa voz. Cize, como era conhecida, descendente de uma família de gente ligada à música, pois seu pai, segundo ela, tocava violão e violino e era primo de B.Léza, que afirma ter conhecido ainda menina.

Cize, é e será sempre lembrada como passaporte da música cabo-verdiana deixando um rastro de curiosidade por onde passava, curiosidade em saber onde ficava a tal “Terra d’sodad ” que tanto cantou e aclamou com sua alma. Cesária, uma artista completa, cativante na sua forma de atuar, a sua simplicidade conquistou os mais variados públicos. Assim, Figueira & Martins (2015) afirmam que, quando cantava, dava aquela impressão de uma estranha melancolia criativa, de um distante mundo perdido, de um ideal de juventude e de nostalgia, enfim, de uma presença artística que unia os corações, que expandia os sentimentos, numa espécie de presente-eterno. Era esse o grande mistério, muito raro, que pertence só a grandes artistas.

Cesária interpretava músicas com o tema partida, a tristeza, a saudade em volta desse acontecimento, mas também a alegria do regresso, o regresso a casa. Assim espelhou a vivência do povo de Cabo Verde. Pois na verdade, como assinala, Figueira & Martins (2015, p. 37), “a sua voz única era ao mesmo tempo profunda e de grande suavidade, uma voz terna que expressava os 500 anos de história de um país de ilhas vulcânicas “periféricas”.”

Cabo Verde conheceu intérpretes que hoje podem não estar presentes em matéria física mas que suas vozes tornam-lhes imortais no seio da sociedade cabo-verdiana. Depois de referir a Diva dos pés descalços, faz-se também referência à algumas das vozes mais ilustres de Cabo Verde que também contribuíram imensamente para cravar a vivência cabo-verdiana nos palcos de outras nações Bana, Ildo Lobo, Titina, Fernando Quejas entre outros cujo talento é indescritível.

1.9.4 Compositores da Morna

Manuel de Novas

Foi com base numa das obras do artista Manuel de Jesus Lopes, que desenvolveu-se o trabalho com os alunos, de modo que não se podia deixar de referenciar tal personagem, que também considerado um dos maiores compositores de todos os tempos da música cabo-verdiana, e provedor da cultura, nessa perspetiva, Tavares (2006, p. 133), afirma que, “foi galardoado, na década de noventa, pelo Presidente da República de Cabo Verde em reconhecimento pelo contributo dado à cultura da sua terra (...)”

Manuel de Jesus Lopes nasceu na Localidade de Penha de França, no Concelho de Ribeira Grande, Ilha de Santo Antão, no dia 24 de dezembro de 1938 (...) Manel foi cedo viver para São Vicente, onde se iniciou nas lides marítimas e onde também ganhou a alcunha “d’Novas”, advinda do nome do barco “Novas de Alegria” de que foi tripulante durante vários anos, antes de emigrar para a Europa. (Tavares, 2006).

Sem dúvida que Manel d’Novas seguiu as trilhas dos grandes trovadores das músicas cabo-verdianas e deve-se referir que Cabo Verde conheceu um vasto leque de compositores que em seus versos levaram a alma do povo cabo-verdiano.

Eugénio Tavares

Eugénio Paula Tavares, um dos maiores músicos da Ilha Brava, nasceu a 18 de Outubro de 1867, conforme indica o registo de nascimento que se encontra na conservatória da ilha. Eugénio era filho de Francisco de Paula Tavares, natural de Santarém, e de Eugénia Rodrigues Nozolino, natural da ilha do Fogo. A mãe morreu de parto e o pai na Guiné-Bissau, 3 ou 4 anos depois, lutando nas guerras de consolidação do domínio territorial da colónia. Educado pela madrinha Eugénia Medina, e pelo Dr. José Martins Vera-Cruz ... Sabe-se que depois da instrução primária estudou com o padre António de Sena Barcelos, com António Almeida e Rodrigues Aleixo, tendo tido o benefício de dispor de uma boa biblioteca na casa da família Vera-Cruz, para além do fato de haver gabinetes de leitura na Brava, como aliás em todas as ilhas. Fez a sua estreia literária aos 15 anos, apresentado no almanaque de lembranças Luso-Brasileiro pelo poeta e violinista Luís de Medina e Vasconcelos (1855-1891), compositor de mornas e valsas. Rodrigues (2017, p.78)

Segundo Rodrigues (2017, p.80), a obra de Eugénio é vasta e multifacetada. “Para compreender as suas mornas é necessário estudar tanto os contos, como *There she blows* ou *Por causa de um casamento*, os variadíssimos artigos pautados pela rebeldia política tanto os textos de cariz políticos inseridos nos jornais portugueses dos finais do século XIX.” Afirmar ainda que a Obra de Eugénio Tavares, foi desconhecida pela maior parte dos cabo-verdianos, até aos anos 80 do século, altura em que o investigador e jornalista Felix Monteiro se propôs a fazer um estudo com paciência para recolher quase toda a obra, que foi publicada em três grandes volumes, tendo o primeiro volume despertado maior interesse, este era dedicado a mornas e contos.

Um ano após a morte de Eugénio Tavares, António Aurélio Gonçalves, professor, escritor, ensaísta e estudioso da música e literatura cabo-verdiana citado por Rodrigues (2017, p. 99) “recordava-o dizendo que com Eugénio Tavares morreu, sem contestação, a mais vibrante organização lírica cabo-verdiana.” Nesse sentido, Rodrigues (2017, p.99) citando Manuel Lopes, afirma que “Eugénio Tavares foi o nosso Camões. A epopeia de Cabo Verde são as suas “mornas”. A obra de Eugénio é a nossa epopeia sentimental.”

Francisco Xavier – O B.Léza

Francisco Xavier da Cruz, foi um grande músico, poeta e compositor de mornas. Nasceu a 3 de Dezembro de 1905 tendo falecido aos 52 anos, a 14 de Junho de 1958. Segundo Rodrigues (2017, p.156) “quando Francisco Xavier nasceu os pais trabalhavam, direta ou indiretamente, para os ingleses, como a maior parte da população do Mindelo, numa época em que a cidade ainda era bastante próspera”. Nos anos 1920, quando lhe faltava pouco para terminar o 2º ciclo liceal, antigo curso geral, interrompe os estudos para trabalhar e ajudar a família. (...) Concorreu e foi admitido para ingressar aos serviços públicos. Enquanto esperava para seguir viagem para ilha do Fogo, onde fora colocado para trabalhar, estagiava nos correios de São Vicente. Entretanto, no Mindelo, B.Léza fazia as suas serenatas e, com os amigos, fundou o grupo carnavalesco *Floriano*, com seus companheiros Luís Rendall, João Severo, Justino da Cruz Évora (pai de Cesária Évora).

Segundo Rodrigues (2017, p. 158):

“durante a sua adolescência, B.Léza integrou e foi influenciado pelo ambiente musical que lhe foi oferecido pela sua cidade natal, de forma a vir desempenhar mais tarde, como compositor, o papel

de mediador cultural, porque essa aprendizagem nunca é feita de forma passiva, é feita sempre de forma conflituante, em atitude sempre dialógica, nesse processo de aprendizagem com outros músicos com quem aprendeu na cidade.”

Jorge Fernandes Monteiro - Jota Monte

Segundo a Cabo Verde Info, Jota Monte nasceu a 10 de Outubro de 1913, a bordo de um veleiro, a 200 milhas da costa dos USA, onde viveu até à idade dos onze anos. Ao atingir essa idade, regressa juntamente com a mãe a Cabo Verde e a S. Vicente (2015). Assim Rodrigues (2017) também afirma que Jota Monte nasceu em 1913, em pleno período de bem-estar mindelense. Relacionado com rota de navios carvoeiros, e sua posição privilegiada no abastecimento desses navios.

Jorge Monteiro estudou formalmente a música, com o cónego Serpa Pinto, em São Vicente e Segundo Rodrigues (2017, p. 242), “trocou o liceu pela escola de música e como a maior parte dos seus colegas cedo aprendeu a tocar o violão e o violino.”

Aos dezasseis anos compôs o seu primeiro samba, com uma reduzida orquestração, para a banda Municipal, onde era aprendiz de José Alves dos Reis (Nhô Reis). Rodrigues afirma que foi José Reis quem lhe entregou uma trompete e dele fez sua trajetória, no cornetim/trompete, que lhe deu o nome de Jorge Cornetim.

Segundo Moacyr Rodrigues (2017, p.242):

“mais tarde, Jorge Monteiro seguiu para a cidade da Praia, na ilha de Santiago, onde tornou-se professor de música nos anos 50. E em 1955, o músico deslocou-se da Praia ao Mindelo para cumprimentar a mãe que chegara dos Estados Unidos da América, e assistiu ao desmantelamento dos quintelões que tinham servido até então para os depósitos de carvão, e isso fere-o profundamente, vendo a decadência e não suportando a ideia, compõem a morna *Fidjo Maguado* onde espelhou suas emoções.”

A sua inspiração é sobretudo ligada à terra, a um sentimento nacionalista. Adotando os mesmos critérios do excelente e elegante músico B.Léza, Rodrigues (2017) afirma que foram decisivos na consolidação da singular sonoridade do grupo de mornistas Mindelenses dessa geração.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

3.0 Introdução e Finalidades

Neste capítulo é apresentada a descrição da metodologia que suportou o estudo, a seleção do método investigativo, suas vantagens e desvantagens, as técnicas de recolha de dados, o contexto onde decorreu a investigação, a descrição dos participantes do estudo, o respetivo plano de ação e por fim, as considerações éticas.

3.1 Metodologia de investigação Método

Para Fortin (2000, p. 22) “os dois métodos de investigação que concorrem para o desenvolvimento do conhecimento são o método quantitativo e o método qualitativo.”

No estudo que se realizou, a abordagem qualitativa foi a privilegiada e a que se apresentou pertinente, uma vez que, nessa abordagem o ambiente natural (sala de aula) constitui uma fonte direta de recolha de dados e também o meio de ação, o que facilita a compreensão do fenómeno em estudo por parte do investigador. Neste caso, tentar perceber o real motivo do desinteresse dos alunos em trabalhar os géneros musicais tradicionais, especificamente a Morna na sala de aula. Procurar respostas para o fenómeno e criar formas de solucionar o problema identificado.

Assim, do ponto de vista de Fortin (2000, p. 22):

“O investigador que utiliza o método de investigação qualitativa está preocupado com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ele observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los. O objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar. Esta forma de desenvolver o conhecimento demonstra a importância primordial da compreensão do investigador e dos participantes no processo de investigação.”

3.1.1 Seleção e Caracterização do Método

O método adotado para a realização do estudo foi o de investigação ação, sendo que tem duas funções que enquadram no perfil de estudo que se pretende desenvolver e nos resultados que se espera obter, sendo esta, uma investigação de cariz pedagógica. Nessa linha de pensamento, Moura (2003, p. 13) que diz que “a investigação-ação foi considerada mais apropriada do que outros métodos qualitativos por causa da sua ênfase na resolução de problemas educativos diagnosticados

em situações específicas; também por causa do seu potencial contributo para o meu conhecimento e compreensão pessoais e práticos”.

Retomando as funções, a primeira, define uma investigação, que mune o investigador de conhecimento sobre o problema que detetou, uma vez que, necessitará de recolher informações para melhor compreender o fenómeno. E a segunda, a ação, que lhe permite agir sobre tal problema e assim introduzir melhorias na sua prática e contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos e quiçá introduzir mudanças no seio da comunidade educativa.

É nesse sentido que Bogdan & Biklen, (1994, p. 292) “afirmam que, a investigação-ação consiste na recolha de informações sistemática com o objetivo de promover mudanças sociais”.

Porquê utilizar a investigação ação como método suporte desse estudo? Primeiramente, porque pretende-se compreender os motivos que levam os estudantes a não apreciar e a não valorizar a “Morna”, como nosso património, e enaltecer géneros musicais importados em detrimento dos nossos. Também saber como os pais, encarregados de educação lidam com essa situação, e neste sentido procurar perceber se há influência ou não instigada pelo comportamento dos pais perante essa situação. Feito isto, planificar atividades dentro da filosofia do método escolhido para minorar esse problema.

A investigação-ação, segundo Carmo e Ferreira (2008), tem como propósito resolver problemas de carácter prático, através de emprego do método científico. A investigação é levada a cabo a partir da consideração da situação real.

É neste sentido que se optou por este método, pois a sala de aula é um espaço natural onde se consegue trabalhar com base na realidade dos alunos, logo os dados recolhidos representam fielmente a dimensão do problema e a resolução deste não se baseia em teorias pré-estabelecidas. Assim, por seu turno, Cohen & Manion (1994), citados por Bell (2000, p. 20), confirmam que “a investigação-ação é um procedimento *in loco*, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata.” “Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo, durante vários períodos variáveis, através de diversos mecanismos, de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direção de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso (p.21).”

3.1.2 Vantagens e Desvantagens do método

Nem sempre os métodos de investigação se apresentam lineares, ou seja, sem críticas e algumas controvérsias. Assim, como outros métodos de investigação, a investigação-ação também possui vantagens e desvantagens, enfatizadas por alguns autores, como é o caso de Kemmis e Mc Taggart (1992), Ainscow (1999) e Coutinho (2008) citados por Fernandes (2011, pp. 49,50), entendem que a investigação-ação pode contribuir para a melhoria, portanto apresenta vantagens na qualidade da educação porque:

- O investigador facilmente identifica os problemas/situações a investigar, uma vez que fazem parte das suas vivências;
- O fato de conhecer bem o contexto a ser pesquisado facilita a atuação do investigador, bem como a implicação de outros interessados em experimentar mudanças de atitudes que levem à superação dos problemas;
- A responsabilização conjunta dos participantes em todo o processo potencia a motivação e mobilização para a investigação que se pretende desenvolver;
- Impulsiona a reflexão, contribuindo esta para a resolução de problemas concretos, em situações específicas — teoria e a prática são tratadas como interdependentes;
- Através de adaptações constantes, emergidas de uma reflexão crítica, os participantes trabalham em contínuo, observam, pesquisam e focalizam determinados aspetos, que possibilitam melhorar a qualidade das práticas e adequá-las à realidade;
- Potencia a emergência de métodos inovadores no processo ensino/aprendizagem; - proporciona aos professores uma autoformação, uma vez que os mesmos desenvolvem competências de investigação, ampliam os seus conhecimentos e melhoram a sua prática pedagógica.

Ainda sobre as vantagens, Fernandes S., (2011) citando Elliot apresenta o modelo que caracteriza a investigação-ação como sendo, vantajosa porque é um tipo de prática reflexiva que privilegia, em simultâneo, a prática e a teoria, pois permite ao investigador recolher dados, formular questões, avaliar e refletir numa dialética de reflexão-ação-reflexão alternada, contínua e sistemática,

flexível e adaptável em todos os ciclos da ação, até encontrar dados suficientes e concretos ao seu estudo.

Relativamente a desvantagens apresentadas por este método, Moura (2003) baseando nos argumentos de Serrano (1994), aponta as seguintes:

- os objetivos da investigação-ação são demasiado situacionais e específicos;
- não vai para além da resolução de problemas práticos;
- tem pouco ou nenhum controlo sobre as variáveis independentes;
- seus resultados não são tipicamente generalizáveis e restritos ao meio envolvente no qual a investigação tem lugar.

Ainda sobre as limitações do método, Moura (2003, p. 15), afirma: “uma explicação possível para a razão pelo qual este método é muitas vezes criticado é que tende a ser usado de forma amadora, o que explica a falta de rigor. Por outro lado, quando um investigador ‘especialista’ o usa, ele pode ser tão rigoroso como qualquer outra forma de investigação.” Isso no sentido de dizer que o carácter rigoroso e científico é dado pelo investigador, ou seja, isto relaciona-se com a seriedade imposta ao estudo por parte do investigador. Pois cabe ao investigador impor o mesmo rigor científico, usando todos os preceitos e as etapas estabelecidos de modo a garantir a fidelidade dos dados e viabilidade dos resultados.

3.2 Desenho da Investigação

O desenho de investigação é segundo Fortin (2000, p.132), “o plano lógico criado pelo investigador com vista a obter respostas válidas às questões e investigação colocadas ou às hipóteses formuladas. É considerada válida a informação que dá do fenómeno em estudo uma imagem clara, permitindo tirar conclusões legítimas.” Assim, baseando nas orientações do modelo de Elliot (1991) citado por Pinto (2012, p.33), o estudo foi desenvolvido com base em três ciclos de investigação-ação, com o seguinte propósito:

- Ciclo 1- após a identificação do problema, sucedeu-se a socialização do mesmo com os alunos, seguiu-se a seleção de bibliografias que pudessem compor a revisão da literatura e a mobilização de possíveis parceiros, colaboradores do estudo.
- Ciclo 2- elaborou-se o plano de ação com as atividades que seriam realizadas; fez-se um pequeno encontro com os parceiros, com o propósito de discutir as atividades propostas. Elaborou-se cartas com finalidade de angariar fundos para suportar o custo de algumas atividades. Por fim, definiu-se as técnicas que seriam utilizadas na recolha de dados.
- Ciclo3- procedeu-se com a implementação do estudo, das atividades propostas para explorar estratégias diversificadas para trabalhar a Morna, nas aulas de Expressão Musical. Foram feitas cinco atividades, totalizando oito sessões de intervenção.

Na primeira atividade, que teve a colaboração do Tanaia², foram feitas três sessões, com o objetivo de abordar as expressões arte, cultura e identidade, na perspetiva do músico baseando nas experiências e exemplos práticos apontados pelos alunos; interpretação da Morna em estudo, identificando o compositor, o intérprete e o tema retratado pelos seus versos; estabelecer uma relação entre a Morna – Biografia d’um crioulo – e sua identificação com a vivência cabo-verdiana; identificação dos instrumentos musicais na Morna; aprender a entoar a Morna;

Na realização da atividade dois, contamos com a colaboração do musicólogo Vasco Martins³, dividida em duas sessões com objetivos de fazer uma breve abordagem das teorias de origem provável da Morna e sua etimologia; a reprodução do ritmo da Morna; identificação de temas retratados na Morna e aspetos relacionados com a identidade do povo e a aprendizagem da Morna com o intuito de apresentá-la à comunidade educativa.

A terceira atividade consistiu em fazer um intercâmbio musical, entre os alunos de Ribeira de Calhau e o coro da escola secundária Jorge Barbosa, em que, conhecer o funcionamento do coro, ouvir a atuação do coro, cantar e trocar experiências foram alguns dos objetivos pretendidos.

No desenvolvimento da quarta atividade, os alunos foram conhecer um espaço onde atuaram e ainda hoje continuam a atuar grandes vozes da música tradicional cabo-verdiana – A casa da

² Tanaia - Mestre em Arte e Educação pela Universidade de Aberta, 2016

É cantor, vive em Mindelo e ficou conhecido pelas suas atuações animando as noites cabo-verdianas (noites marcadas pelas músicas tradicionais).

³ Vasco Martins - Musicólogo cabo-verdiano, instrumentista, músico e compositor clássico.

Morna. Com a agradável companhia do Tito Paris, proprietário do espaço. Com ele os alunos ouviram um pouco da estória do compositor da Morna que estudávamos, o Manuel d'Novas e outras estórias interessantes da Ilha de São Vicente, berço de ilustres artistas e figuras Mindelenses, como o “Nhô Rôc” por exemplo; o motivo da retirada do título de cidade capital do Mindelo para a Praia; de Cesária Évora e outras.

A quinta e última atividade foi realizada na cerimónia de finalista dos alunos e tinha como propósito apresentar a Morna aos pais/encarregados de educação e aos demais presentes. Foi o momento pelo qual tinham-se preparado com muita vontade.

3.3 Contexto da Investigação

Implementou-se o estudo na escola Olinda Silva, na comunidade de Ribeira do Calhau, uma zona do interior de São Vicente. O Pólo é constituído pela escola central em Ribeira do Calhau e por duas escolas satélites, uma na zona do Madeiral e outra no Calhau. A comunidade vive essencialmente da exploração da pesca, da criação de gado, da agricultura tanto para a subsistência como para a venda, na comunidade e na cidade. A comunidade é caracterizada como sendo carenciada devido a alguns problemas de caris sociais, como por exemplo, o problema de transporte que limita o desenvolvimento da zona, afetando também a estabilidade educativa, pois esse fator transporte condiciona o trabalho do corpo docente, uma vez que, é constituído por professores da cidade. Muitas vezes, o trabalho iniciado por um professor não tem continuidade, sendo que a maior preocupação dos professores é trabalhar perto de suas residências, e na primeira oportunidade pedem transferência deixando pelo meio o trabalho iniciado.

A estrutura da escola onde decorreu o estudo é simples, constituída por duas salas de aulas, onde funcionam o primeiro ciclo de manhã, portanto do 1º ao 4º ano e a tarde o 2º ciclo. A escola tem uma biblioteca, onde é também sala do gestor e sala de reuniões, três casas de banho, uma para as meninas, outra para os alunos e uma para professores. É constituída ainda por uma cozinha, arrecadação onde ficam os géneros alimentícios e um pátio.

O Pólo educativo Olinda Silva, dispõem de oito professores distribuídos pela escola central e pelas duas escolas satélites e a escola central, um gestor, três cozinheiras e três auxiliares de limpeza. O corpo docente, é capacitado, todos os professores possuem formação específica para a docência

3.3.1 Alunos Participantes da Investigação

Fortin (2000), retrata a importância da descrição da população alvo, dizendo que a descrição da população e dos participantes fornece uma boa ideia sobre a eventual generalização dos resultados.

No estudo participaram catorze alunos do 6º ano, do ano letivo 2016/17 da escola Olinda Silva, sendo seis do sexo masculino e oito do feminino com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos. São alunos que vieram da zona do Madeiral, do Calhau e da Ribeira de Calhau, onde fica situada a escola central.

3.4 Papel do Investigador

Durante o processo investigativo, desde a conceção à implementação e a avaliação dos resultados, foi da responsabilidade do professor enquanto investigador, observar, registar, coordenar e organizar as tarefas de forma concluir as etapas prescritas em cada ciclo desta investigação-ação, das quais se destacam:

- Planificar as atividades de forma a promover a apreciação e valorização do género musical tradicional cabo-verdiano – Morna, por meio de estratégias diversificadas;
- Recolher dados durante o desenvolvimento das atividades;
- Descrever e refletir sobre os dados recolhidos tendo em vista o melhoramento, promoção de boas práticas educativas.

3.5 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

A fase da recolha de dados é muito importante para o desenvolvimento do estudo, segundo Fortin (2000, p.261), “o processo de colheita dos dados consiste em colher de forma sistemática a informação desejada junto dos participantes, com ajuda dos instrumentos de medida escolhidos para este fim.”

Os instrumentos de recolha dos dados inerentes ao estudo foram os seguintes, o questionário, a entrevista, a observação participante e meios audiovisuais.

O questionário

Segundo Fortin (2000), “o questionário é um dos métodos de colheita de dados que necessitam das respostas escritas a um conjunto de questões por parte dos sujeitos. O questionário, ajuda a organizar, normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa (p. 249).”

Nesse processo, Bogdan e Biklen (1994), alerta que o investigador deve ser imparcial, pois há sempre o risco de manipular as questões de modo a obter dados que lhe é conveniente, deve evitar influenciar os resultados, já que, qualquer “questionário reflete os interesses daqueles que os constroem”.

Como foi referido anteriormente na primeira parte desse trabalho, precisamente na introdução, o tema do estudo já foi identificado, e a valorização do património musical foi o foco. Tentar compreender o porquê, das músicas tradicionais - *Morna* - não constituírem atualmente alvo de interesse por parte dos alunos nas aulas de expressão musical.

Esse método de recolha de dados foi imprescindível para alcançar respostas que possam contribuir para entender esse fenómeno, e preparar atividades para desenvolver na perspetiva de melhorar esse cenário, e estimular a apreciação da “Morna” no seio dos alunos. É nesse âmbito que se elegeu o método de investigação ação para melhor atuar e fomentar deveras essa apreciação.

Com os objetivos já estabelecidos com vista a responder as questões chave da pesquisa, foram elaborados dois questionários, um para os alunos que foi realizado logo após a apresentação do projeto que passariam a estar envolvidos, portanto, antes da implementação do estudo para se perceber a relação dos alunos com a música de forma geral e com a música tradicional de Cabo Verde, em específico a Morna. O outro questionário foi direcionado aos professores do Pólo Educativo, com questões ligadas às suas práticas, a forma como abordam as músicas tradicionais na sala de aula e suas perceções sobre a importância da E.A. Os referidos questionários encontram-se nos anexos 4 e 5, em caso de dúvidas estão prontos para consulta.

De uma forma concreta o questionário permitiu conhecer melhor o problema identificado e até que ponto afeta os alunos. Constituiu um importante elemento para evidenciar a problemática e fazer um diagnóstico preciso para a partir daí tecer as bases da preparação das intervenções. Por este

meio, Bell (2010) afirma que, os dados são rapidamente colhidos, analisados, interpretados e apresentados, o que torna esse método eficaz.

A entrevista

Quivy & Campenhoudt (2008), afirmam que: “nas suas diferentes formas, os métodos de entrevistas distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. (p.191,192)”

Foram aplicadas entrevistas a dois professores, com realidades educativas diferentes mas com formação específica na área de Educação Artística. Uma à professora do 3º ciclo do ensino básico, da Escola Técnica do Mindelo, que trabalha as áreas de Expressão Musical e Plástica e outra ao professor, que trabalha na cidade de São Filipe, ilha do Fogo, com alunos do primeiro ciclo do ensino básico e do 3º ciclo. Com a entrevista pretendeu-se entender a importância da E.A para os alunos e para o processo de aprendizagem em si segundo suas concepções, como é percebida a E.A pelos seus colegas e identificar estratégias que utilizam para trabalhar a música e outros géneros musicais nas aulas de expressão musical caso, trabalham esse conteúdo com seus alunos.

A observação participante e conversas informais

Durante o estudo foi realizada a observação direta, pois visa descrever os componentes os componentes de uma dada situação social (pessoas, lugares, acontecimentos, etc.) a fim de extrair tipologias desta, ou ainda permitir identificar o sentido da situação social por meio da observação participante Fortin (2000, p.241).

Quivy & Campenhoudt (2008, p. 164), definem observação direta como sendo: “aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação.”

Durante todas as atividades, o investigador esteve a observar o desenrolar das aulas e o comportamento dos alunos, a ver se traduziam interesse, motivação ou se não estavam a sentir

confortáveis naquela situação. A observação permite registrar os momentos e descreve-los, mais detalhadamente, uma vez que a presença do investigador no contexto permite-lhe essa facilidade.

Os meios audiovisuais

Registrar as atividades desenvolvidas e as reações dos alunos foi muito importante pois permitiu fazer uma descrição pormenorizada dos momentos. Com base nos registos, a descrição foi uma representação mais fiel daquilo que foi desenvolvido para atingir os objetivos do estudo.

O termo *dado* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise; dados incluem materiais que os investigadores registam ativamente.

O investigador tem de ter a noção da dificuldade que é encontrar os dados pertinentes ao seu estudo, logo, terá de organizá-los de modo que sejam acessíveis sempre que deles precisar, pois Bell (2010, p.65) confirma, em primeiro lugar, reunir as informações de que necessitamos pode ser bastante difícil. Voltar a encontrá-las algum tempo depois pode ser ainda mais difícil, a não ser que os nossos métodos de registo e de organização sejam coerentes e sistemáticos.

Um estudo fiável, também passa pelo registo, organização e interpretação transparente dos dados. Assim, defendem Bogdan & Biklen (1994, p.149), com a seguinte citação: “Os dados são simultaneamente as provas e as pistas. Coligidos cuidadosamente servem como fatos inegáveis que protegem a escrita que possa ser feita de uma especulação não fundamentada.”

O diário de bordo

Para registar o desenvolvimento do projeto, ao longo de sua implementação, o diário de bordo figurou-se um instrumento bastante útil para apontar informações importantes permitindo avaliar a aula e as atividades realizadas. Assim o diário de bordo além de constituir um importante instrumento de recolha de dados científicos também é um instrumento de medição e reflexão no processo ensino aprendizagem, pois possibilita uma análise reflexiva da prática docente, aliás assim como afirma Boszko & Gullich (Boszko & Gullich, 2016) deve-se apostar no potencial da

escrita reflexiva no diário de bordo como constituinte do ser professor, por se tratar de um possível meio articulador de realizar o processo educativo e de investigação-ação.

O diário de bordo foi utilizado durante a realização das atividades, onde foram registrados momentos e sequências de ações e reações dos alunos causadas pela forma de abordagem de cada colaborador do estudo. Descreveu-se o comportamento dos alunos, as impressões partilhadas com os parceiros da pesquisa visto que o diário de bordo deve ser utilizado como um método interventivo para a reflexão crítica na e para a ação investigativa e educativa, como explica Boszko & Gullich (2016).

Segundo Pinto (2012) citando Bogdan & Biklen, este instrumento constitui uma grande vantagem visto que, na fase da análise pode ajudar o investigador a relembrar os factos. Com as escritas reflexivas foi possível avaliar o grau de abertura e receptividade dos alunos perante as atividades desenvolvidas possibilitando incidir um olhar crítico sobre o impacto dessas atividades, facilitando a inserção de mudanças para o melhoramento das mesmas caso sejam necessárias.

3.5.1 Análise de Dados

Depois de todas as informações e dos dados que foram recolhidos durante a implementação do estudo, chega o momento dedicado à análise dos mesmos, como forma que certificar se os resultados foram ou não satisfatórios, se os objetivos foram de fato atingidos. Essa análise foi baseada na reflexão dos ciclos após a sua realização. Para Bodgan & Biklen (1994) citados por Pinto (2012), “a análise implicou um trabalho de reflexão e avaliação, tendo como suporte a transcrição e organização dos dados em pastas digitais, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, seleção dos aspetos mais importantes para a sua discussão e apresentação (p.37).”

A análise dos dados, foi feita com base na triangulação dos dados que segundo, Denzin (1989) citado por Fortin (2000, p. 323), “consiste numa colheita de dados junto de diversas fontes de informação (grupos, meios e períodos de tempos), a fim de estudar um mesmo fenómeno. Os três aspetos da triangulação dos dados, (o tempo, o espaço e as pessoas) estão interligados.”

Para os autores Cohen, Manion e Morrison (2007) citados por Fernandes (2011), “a triangulação é entendida como um processo que serve para clarificar significados, possibilitando a comparação

de diferentes fontes de recolha de dados e verificar se uma corrobora as outras e vice-versa. Daí a variedade de fontes de recolha de dados expressa nesta investigação.” (p.57).

3.6 Plano de Ação

O estudo foi realizado entre o mês de Março ao de Setembro de 2017.

| | | |
|--|---|---|
| Ciclo 1 – identificação e reafirmação do problema; apresentação do estudo aos alunos, pais/ encarregados de educação e ao gestor da escola; escolha do método de investigação, das técnicas de recolha de dados, identificação das finalidades da pesquisa, das questões e elaboração do cronograma; procurar bibliografias para a revisão da bibliografia. | Recolha de dados – Pesquisa bibliográfica; elaboração do programa de atividades a desenvolver; informar pais da realização das atividades; | Calendarização Maio a Junho de 2017 |
| Ciclo 2 – procura de parceiros, colaboradores no desenvolvimento das atividades práticas; preparação das atividades e discussão das mesmas com os colaboradores; angariação de fundos para realizar visitas de estudo; elaborar documento de pedido de autorização aos pais; | Elaborar planos de aulas; Observação das atividades; Registo das mesmas por meio audiovisual; descrição das atividades; | Junho e Julho de 2017 |
| Ciclo 3 – implementação do estudo interventivo; Apresentação da atividade final; Avaliação das estratégias usadas; Descrição e reflexão das atividades; | Aplicação de questionários aos alunos e aos professores, aplicação da entrevistas aos professores de E.A; recolha de comentários dos alunos e de colaboradores da pesquisa. | Julho, Setembro de 2017 |

3.7 Considerações Éticas

Para Fortin, Brisson, & Wakulczyk, (2000, p.113) , qualquer investigação efetuada junto de seres humanos levanta questões morais e éticas. A ética coloca problemas particulares aos investigadores decorrentes das exigências morais que, em certas situações, podem entrar em conflito com o rigor da investigação.

Com base nesta citação o estudioso deve precaver e munir de documentos que lhe autorize a efetuar recolhas de informações, bem como expor a identidade dos sujeitos e participantes envolvidos no estudo de uma forma geral.

O investigador deve ser responsável, em suas declarações e na forma como expõe os seus sujeitos, para não denegrir suas imagens e levar a um consequente ferimento da sensibilidade dos mesmos,

pois como defendem os autores Fortin, et al (2000, p.113), na procura da aquisição dos conhecimentos, existe um limite que não deve ser ultrapassado: este limite refere-se ao respeito pela pessoa e à proteção do seu direito de viver livre e dignamente enquanto ser humano.

Ainda por esta via, se o pesquisador tende produzir um estudo fiável deve, seguir os preceitos definidos pela ética, pois nada pode ser mais devastador para um profissional do que ser acusado de uma prática pouco ética Bogdan & Biklen (1994).

Nesta ótica, Bell (2010) diz, “a autorização para levar a cabo uma investigação deve ser pedida logo no início. Mal tenha um plano de trabalho autorizado e depois de ter lido o suficiente para estar convencido de que o projeto é viável, é aconselhável que aborde formalmente, por escrito, os indivíduos e organizações que lhe interessarem, apresentando os seus planos (p. 53).”

Antes de iniciar a implementação do estudo propriamente dito, realizei um encontro com os pais encarregados de educação, uma vez que, os sujeitos são crianças, menores para que me concedessem autorização para fazer visitas de estudo fora da localidade e de utilizar imagens fotográficas dos mesmos no corpo de estudo. Os documentos encontram-se nos anexos.

CAPÍTULO IV DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.0 Introdução e Finalidades

Neste capítulo descreve-se os três ciclos de ação, em que desenvolveram-se trabalhos de recolha de dados através das observações, de discussões com os colaboradores do estudo, da implementação das atividades no campo, dos questionários de alunos, professores e entrevistas realizadas.

O estudo foi realizado com alunos de 12 a 14 anos de idade e desenvolvido na escola Olinda Silva em Ribeira de Calhau.

Para descrever as atividades, bem como refletir e avaliar a implementação das atividades, baseou-se nas observações feitas, no plano de ação com os planos de aula, nas conversas informais com os colaboradores, nas entrevistas aplicadas, nos questionários, em trabalhos científicos produzidos, nos apontamentos dos alunos e suas apreciações relativamente as atividades feitas.

4.1 Ciclo um

Com o propósito de realizar este ciclo, teve-se em primeiro lugar de identificar e certificar o problema encontrado na sala de aula, que viria a constituir o foco do estudo, validar a proposta de estudo e apresentá-lo ao gestor da escola para poder obter consenso e apoio para o realizar. Tivemos uma pequena discussão sobre as atividades que propus trabalhar e sobre as pessoas que pretendia que colaborassem comigo. Posto isto, seria a vez de apresentar o trabalho aos alunos e observar suas reações perante a informação.

Ainda neste ciclo, foi feito um documento solicitando a autorização dos pais/encarregados de educação e da delegada de educação do concelho para usar legalmente imagens dos alunos e fazer visitas para fora do espaço escolar, como parte dos procedimentos éticos; foi construído um cronograma com as propostas de atividades para trabalhar; justificou-se a pertinência do estudo com base no comportamento dos alunos durante as aulas de Expressão Musical, sendo que demonstravam desinteresse na abordagem dos géneros musicais tradicionais, em concreto o estudo da Morna. Que é um aspeto fundamental da cultura de Cabo Verde e que deveria ser vista de outra perspetiva por parte dos alunos e também a fim de perceber a importância e o impacto que teria o estudo para os alunos, para o investigador e para outros colegas professores nas suas práticas

docente, ainda neste ciclo, foram criadas as finalidades do estudo. A proposta de estudo foi entregue aos orientadores do estudo para receber definitivamente aprovação para ser realizado.

4.2 Ciclo dois

Durante este ciclo fez-se um trabalho de pesquisa por parte do professor para encontrar as causas que conduziam ao desinteresse dos alunos constituindo a problemática identificada e projetar formas de intervenção de modo a minimizar o problema e procurar inserir mudanças no comportamento dos alunos. Aos pais /encarregados de educação foi feita uma reunião em que foram-lhes apresentado o projeto e aproveitou-se para reconfirmar a autorização concedida por eles, agora pessoalmente, para envolver seus educandos plenamente no estudo, assim aproveitar também para pedir-lhes apoio para custear as viagens para a cidade.

Não sendo necessário, a seleção da amostra, uma vez que, se trabalhou com toda a turma e não sendo também necessário recolher dados a fim de conhecer a amostra, já que a turma estava a cargo da professora há 4 anos, passou-se a fase de mobilização de colaboradores para o trabalho prático, apoio financeiro para as deslocações e à programação das atividades e visitas.

Procedeu-se a construção de instrumentos de recolha de dados, por forma a organizar melhor as intervenções e tratamento dos dados.

4.3 Ciclo três

A realização do ciclo teve como objetivo, a intervenção educativa, que decorreu no terceiro trimestre, depois de concluir todos os procedimentos éticos e de estar com as atividades já preparadas. Com os colaboradores apostos e o recurso financeiro para as deslocações já garantido iniciou-se as programações quer das aulas como das visitas.

Entretanto, ao longo da implementação do projeto, iniciou-se a recolha de dados junto dos alunos. Foi-lhes aplicado um questionário que permitia avaliar as atividades que seriam desenvolvidas, e como as abordaria por forma a cativar-lhes a atenção e a vontade de repetir experiências

semelhantes. A recolha imediata de dados, permitiu fazer alterações nas atividades de modo a ajustar com as expectativas dos alunos.

Ainda neste ciclo, foi aplicado questionário aos professores da escola com objetivo de obter dados referentes a área curricular E.A. suas práticas na área e especificamente atividades que utilizavam para abordar os géneros musicais tradicionais nas aulas de E.M.

Nessa mesma perspetiva, foram aplicadas entrevistas a professores, com formação específica em E.A, a fim de obter informações, do ponto de vista de quem lida diariamente com as motivações, as dificuldades afins, a importância da E.A. para os alunos, como é vista essa área pelos seus colegas de outras áreas e também obter informações relativas as estratégias utilizadas para trabalhar os géneros musicais nas aulas de E.A. caso tenham o hábito de os trabalhar.

4.3.1 Implementação do Projeto

A intervenção foi realizada ao longo de nove semanas, começando no mês de Maio e tendo terminado em Julho de 2017. Deve-se dizer que o desenvolvimento das atividades não foi feito de forma sequencial, isto derivado a dois fatores, pelo fato de ter de implementar com base nos horários das aulas de E.A. e por ter de depender da disponibilidade dos colaboradores, sendo que tinham suas atividades que exerciam diariamente. As atividades decorreram tanto no espaço escolar, quando os colaboradores disponibilizavam para deslocar à escola, como fora, no caso das visitas de estudos que os alunos fizeram, proporcionando-lhes a oportunidade de conhecer outros ambientes e novas realidades. As atividades foram registadas por meio de fotografias e encontram-se no corpo do trabalho e nos anexos.

Para dar seguimento a implementação do projeto, visto que se tratavam de crianças baseou-se, em consenso, nas seguintes estratégias:

- Diálogos constantes com os alunos;
- Atividades práticas, como cantar, bater ritmos, etc...
- Trabalho de pesquisa;
- Material audiovisual;

- Uso de fotocópias;
- Registo escrito das atividades;
- Realização de intercâmbio e visita de estudo.

Atividade nº 1

Tema: A música Tradicional Cabo-verdiana

Data: 13, 20 e 23 de Maio de 2017

Colaborador: Tanaia

Objetivos específicos: - Identificar os géneros musicais de Cabo Verde

- Identificar a Morna como género mais representativo de Cabo Verde
- Relacionar a música com a arte, cultura e identidade Cabo-verdiana
- Explorar a letra da Morna – biografia d’um crioulo
- Indicar compositores e intérpretes de Morna
- Identificar instrumentos musicais da Morna
- Identificar temas retratados na Morna
- Entoar Morna
- Bater ritmo da Morna
- Explorar significado da expressão “noite cabo-verdiana”

Descrição: 1ª Sessão

Horário: 16:00mn/ 16:50mn

Iniciou-se a aula, com um pedido de desculpas aos alunos, pois o colaborador Carlos Tanaia teve uma indisposição física, pelo que, não foi possível sua presença para a realização da atividade. Assim teve-se a necessidade pedir compreensão aos alunos e aproveitar para apelar ao bom comportamento ao longo das atividades. De seguida apresentou-se o projeto aos alunos e as atividades que seriam desenvolvidas para a realização do mesmo nas aulas de expressão musical.

A aula foi realizada mesmo sem a presença do colaborador. Antes dessa atividade a professora já havia pedido a mando do Tanaia, que os alunos pesquisassem textos relacionados com a cultura, a arte e a identidade. Dando seguimento a atividade, os alunos identificaram os géneros musicais tradicionais e tentaram fazer um descrição de cada um tendo em conta seus ritmos. Depois exploramos em conjunto, as expressões pesquisadas, e relacionamo-las com o contexto de Cabo Verde e com a música de Cabo Verde, sem no entanto ficar agarrados nas suas conceções teóricas. Exploramos essas expressões com base nos exemplos práticos apresentados pelos alunos.

Reflexão da aula

Depois de tempos a organizar e planear a aula recebi um telefonema do Tanaia desculpando-se, pois estava doente e que seria impossível realizar a atividade. Fiquei algo preocupada pois já tinha conversado com os alunos sobre a figura que íamos receber e trabalhar connosco durante alguns dias. Já estavam preparados e muito entusiasmados, não sabia ao certo como reagiriam, mas acolheram a informação da melhor forma, no entanto via-se que ficaram um tanto desiludidos, uma reação normal visto que se tratavam de crianças.

Depois de sugerir-lhes que apresentassem os géneros musicais tradicionais, fizeram de forma natural e sem nenhuma dificuldade já que não constituíam algo novo, era conteúdo dos anos anteriores. Perguntei-lhes se sabiam que género musical representava com mais força a vida do cabo-verdiano dentro e fora do país, responderam sem rodeios que se tratava da Morna. Não sei se tinham mesmo essa real noção ou se relacionaram as propostas de atividade com a pergunta e daí

responderam com base nisso. De certa forma fiquei satisfeita com a resposta. Fiz perguntas sobre o gosto pela morna, se tinham o hábito de escutar em casa, a resposta não agradou, pois a maioria dos alunos, sem nenhum receio disseram que não gostavam e que não a escutavam em casa. Nessa altura pensei, se com o projeto poderia de fato mudar um pouco a ideia que as crianças tinham sobre a Morna. Porque suas respostas perante perguntas acerca da música cabo-verdiana não causaram estranheza nem dificuldades, e tinham a noção de que era importante para o povo cabo-verdiano e que, mesmo assim, afirmavam que não gostavam. Vi que a falta de afeto pelo género não era causada pelo desconhecimento mas pela falta de interesse.

De seguida falamos das expressões que tinham pesquisado, a arte, a cultura e a identidade, a maioria tinha feito o trabalho de casa e falaram da cultura, das definições que encontram e da mesma forma com as outras expressões. Depois pedi-lhes então que exemplificassem de acordo com as suas vivências e com a nossa realidade e me surpreenderam pois mostraram que sabiam o que estavam a exemplificar. Muito interessante foi ouvir os alunos a relacionarem a arte com a que é feito em Cabo Verde, como por exemplo “a nossa comida”, a nossa música, a literatura, a pintura, escultura etc,.

No final da aula, como é hábito fizeram comentários sobre o conteúdo da aula, e falaram positivamente de todas as etapas da aula. Claro que não esqueceram que da ausência do Tanaia e apontaram como a parte menos boa, logo perguntaram se da próxima vez ele estaria connosco.

Descrição: 2ª Sessão

Horário: 16:00mn/ 17:30mn

A aula iniciou-se com a apresentação do Tanaia e com uma pequena apresentação dos alunos. Antes de especificar o porquê da sua presença, deixou os alunos a vontade para perguntar-lhe tudo o que queriam saber sobre ele. Os alunos ficaram muito a vontade, pois alguns afirmaram ter conhecido o Tanaia, o que não era de estranhar pois morou algum tempo na localidade de Ribeira de Calhau. Logo, puseram-lhe várias questões, como por exemplo:

- Qual era a profissão do Tanaia?
- Se gostava de música.
- Se gostava de cantar, desde que idade canta.

- Se já cantou fora de Cabo Verde.
- Que instrumentos musicais sabe tocar?
- Com quem canta?
- Se já compôs música?

Depois de responder as perguntas dos alunos, chegou a vez do Tanaia colocar suas perguntas e começou por perguntar-lhes se tinham feito algumas pesquisas sobre as expressões, cultura, identidade e arte. Os alunos responderam que sim e seguiu-se uma conversa aberta e com muita vontade por parte dos alunos.

Falando da música de forma geral, o Tanaia identificou alguns elementos que faziam parte da música, como por exemplo, o som, o ritmo, a harmonia e a melodia.

Fez uma abordagem da música pelo mundo, e depois centrou-se na música em Cabo Verde, em que falou-lhes do género mais antigo de Cabo verde, a Morna, que seria o foco das atividades.

Fez referência a Morna que é considerada a mais antiga, a Brada Maria, e os alunos ficaram incumbidos de procurar essa Morna em casa, para ouvir e localizar no tempo.

Dando seguimento a atividade, foram distribuídos a letra da Morna – Biografia d’um crioulo, em que depois de a terem lido, fizeram uma interpretação verso a verso. Depois das perguntas de interpretação, o Tanaia perguntou-lhes se conheciam o intérprete da Morna, houve alguma demora em responder mas, logo um aluno meio que desconfiado respondeu que era o Ildo Lobo e todos foram atrás do aluno. E sobre quem era o compositor, ninguém se pronunciou, não sabiam. De imediato sugeriu-lhes a título de trabalho de casa que pesquisassem junto dos pais, ou por outros meios o compositor da Morna em estudo e outros compositores de músicas de Cabo Verde para apresentarem na próxima aula.

E sobre o tema da Morna, o que retratava, quase todos tinham a mesma ideia. Para eles a Morna representava a vida do Cabo-verdiano, sua realidade. Tanaia, ficou contente e seguiu com a interpretação. Em seguida quis saber que outros temas encontravam-se nas letras das Mornas, além da vivência do povo cabo-verdiano. Muito ativo, o aluno R1, respondeu, a saudade e exemplificou com a Morna Sodad cantada pela Cesária Évora. Também apontaram o amor, como conteúdo das

Mornas, a tristeza, a “ida”, o sofrimento, a amizade... até que o Tanaia ficou satisfeito e fez depois um apanhado de todos os temas e exemplificou-os com algumas Mornas que costuma cantar.

Em seguida, perguntou-lhes se sabiam o que era uma noite cabo-verdiana e se já tinham participado numa noite cabo-verdiana. Algumas crianças disseram que sabiam o que era mas não conseguiam explicar. Foi então que Tanaia disse-lhes que ele era um artista das noites cabo-verdianas pois, cantava nas noites de Mindelo, essa explicação bastou para que os alunos entendessem a expressão. Assim a J2 disse então que já tinha participado e que inclusive era o Tanaia a cantar, pois em Ribeira de Calhau às vezes faziam a atividade e que foi apenas uma vez porque aconteciam sempre à noite. Alguns alunos disseram que algumas pessoas tinham o hábito de fazer serenatas à noite lá no fundo do Calhau, onde morava alguns alunos da turma, num restaurante que tinha ali, e identificaram como sendo então noites cabo-verdianas.

Os alunos visualizaram o vídeo da Morna, através do computador e de uma vez puderam confirmar o intérprete da Morna, o Ildo Lobo. Visualizaram a Morna e depois voltaram a interpretar juntamente com o Tanaia e identificaram os sentimentos causados pela Morna, até chegarem a Identidade. Chegaram a conclusão que a Morna é identidade do Cabo Verdiana porque, como disse M1, *“a Morna está dentro do nosso coração”*. Depois da opinião do M1, outras explicações surgiram na sala, por exemplo, o J1 disse que, *“a Morna está na nossa mente, e no nosso sangue.”*

Depois disso, o Tanaia cantou com ajuda do seu violão a Morna e os alunos tentaram acompanhá-lo ainda sem terem aprendido a Morna. Em seguida bateu o ritmo da Morna na carteira e as crianças repetiram os movimentos. Assim, enquanto ouviam a Morna pelo computador batiam o ritmo nas mesas e repetiram muitas vezes. No final, a professora da turma, passou aos alunos um conjunto de perguntas que iriam responder ainda na aula, sobre o conteúdo, as atividades e sobre o Tanaia. Posto isto, a aula terminou.

Reflexão da aula

Com a presença do Tanaia, os alunos ficaram muito entusiasmados, via-se pelo comportamento, ficaram sempre a sussurrar uns com os outros, depois passou o momento e a aula correu normalmente. A forma como o Tanaia dirigiu a aula, foi muito interessante e consegui captar a

atenção dos alunos. Não que eu não conseguia fazer a aula, mas pelo fato dele ser um elemento “estranho” os alunos estavam bem mais atentos e demonstrando mais interesse pela atividade. Estavam mesmo entusiasmados. Quando o colaborador deixou-os a vontade para colocar suas perguntas, fiquei tão contente com as perguntas que faziam e depois da aula ao cometar as etapas da aula, o próprio Tanaia realçou a qualidade das perguntas e até mesmo a pertinência. Se bem que houve momentos, em que fiquei um pouco envergonhada, pois os alunos fizeram perguntas muito pessoais e vi que não deixaram o senhor muito a vontade.

Fiquei um pouco triste quando os alunos demoraram em responder o nome do intérprete da Morna em estudo, vi que realmente faltava interesse a eles, pois é um cantor muito conhecido, considerado uma das maiores vozes da Morna.

Foi muito bom, ver os alunos a apontar temas da Morna e a apresentarem suas opiniões sobre a relação da Morna e a identidade cabo-verdiana. Afinal eles sabiam mesmo da importância da Morna para os cabo-verdianos, o que faltava era trabalhar neles a consciência e o sentimento de pertença desse aspeto tão importante da cultura de Cabo Verde.

A aula despertou o interesse dos alunos, durante a sua realização estavam bem concentrados nas atividades.



Figura 1. Aula com o Tanaia

Ao falarem da Cesária Évora, ligaram a figura à música de Cabo Verde cantada no estrangeiro, disseram que foi por causa dela que muitas pessoas passaram a conhecer Cabo Verde.

Notei que depois de terem visualizado o vídeo com a Morna, a parte em que bateram o ritmo da Morna junto com o Tanaia foi muito bom para eles, tanto que pediram para o repetir algumas vezes.

Para eles, a parte menos boa foi a de resolver os exercícios, que para mim eram importantes para ver o que conseguiram apreender da aula.

Foi uma aula bastante concisa, com todas as partes bem delineadas.

Descrição: 3ª Sessão

Horário: 16:00mn/ 16:50mn

A aula que o Tanaia iniciara era uma aula prática, em que cantou temas do repertório que costumava cantar em seus espetáculos e também cantou a Morna em estudo, Biografia d'um Criol.

Em seguida, ensinou a Morna aos alunos. Cantaram e decidiram acompanhar a morna com o batimento do ritmo nas mesas.

Fizeram grupos e cantaram de diferentes formas, enquanto uns faziam acompanhamento produzindo a melodia com sons vocálicos, outros cantavam a letra.

Reflexão da aula

A aula começou com a exploração do trabalho de casa, que era uma pesquisa sugerida pelo Tanaia, sobre Ildo Lobo e Manel d'Novas, os protagonistas da Morna em estudo. Os alunos demonstraram que fizeram o trabalho, participaram com o Tanaia, que ficou satisfeito com as respostas dos alunos. De seguida, propôs a atividade que preparou para eles, que era a aprendizagem da Morna. Assim, os alunos prepararam-se e colocaram a canção a frente.

Com ajuda do seu instrumento musical, o violão, o Tanaia utilizou sua estratégia para ensinar a canção, que foi a seguinte, começou por cantar uma estrofe sozinho, os alunos repetiram e depois pediu-os que guardassem a canção para cantarem sem o suporte da letra. Essa foi a estratégia que utilizou para toda a canção, depois cantou toda a canção com os alunos sem apoio instrumental.



Figura 2. Participantes da intervenção educativa

Num outro momento, os alunos cantaram a Morna juntamente com o Tanaia, e acompanharam com o batimento de ritmo, essa atividade apresentou algumas dificuldades, pois os alunos estavam com dificuldades em bater o ritmo ao mesmo tempo que cantavam.

Era a última aula que teriam com o Tanaia. Na despedida os alunos agradeceram pelas atividades desenvolvidas e o Tanaia elogiou seus comportamentos e deixou-lhes palavras amigas e incentivadoras desejando progresso a todos.

Atividade nº 2

Tema: A música Tradicional Cabo-verdiana

Data: 10 e 17 de julho de 2017

Colaborador: Vasco Martins

Objetivos específico: - Identificar os géneros musicais de Cabo Verde

- Identificar origem provável da Morna

- Bater ritmo da Morna

- Entoar Morna – Biografia d’um crioulo

Descrição: 4ª Sessão

Horário: 16:00mn/ 16:50mn

- Apresentação do musicólogo, colaborador do projeto – Senhor Vasco Martins;
- Conversa para explorar o conhecimento dos alunos relativamente às músicas tradicionais de Cabo Verde;
- Realização de uma componente prática da aula, que consistiu na produção do ritmo da Morna;
- Curiosidades sobre a origem de algumas músicas apreciadas pelos alunos.

A aula iniciou com o Sr. Vasco a fazer a sua apresentação. Disse-lhes que nasceu em Portugal, filho de mãe portuguesa e de pai cabo-verdiano.

Os alunos puseram-lhe algumas perguntas que tinham preparado, depois de terem feito uma pesquisa sobre o músico.

Curioso o fato de muitas crianças afirmarem que não conheciam o Vasco Martins, sendo que mora na comunidade de Ribeira de Calhau há já algum tempo.

Começou por perguntar-lhes que músicas gostavam de ouvir, os rapazes identificaram-se com o Hip Hop e algumas meninas, as menos tímidas indicaram o Funk.

Fez uma pequena viagem pelas origens destes géneros e muito espantados ficaram a saber que o hip hop apareceu em Cabo Verde nos anos 96/97 tendo a ilha de São Vicente como pioneira.

Uma informação interessante que partilhou com a turma, foi a origem do Funk, ao contrário da ideia que tínhamos, apesar de ser um género expressivo da Brasil, o Funk nasceu nos E.U.A, mais ou menos pelo de 1965 com Horace Silver, filho de cabo-verdiano, que fez o disco para o seu pai, nascido na ilha Brava, inspirado nas canções que ouvia dele. O título do seu disco era “Song for my father”.

De seguida perguntou-lhes dos géneros musicais de Cabo Verde, e começaram por apontar a Morna, logo depois indicaram os restantes que conheciam. Também perguntou-lhes alguns compositores, intérpretes e instrumentalistas.



Figura 3. Aula com Vasco Martins

Sobre a origem provável da Morna, os alunos apontaram a ilha da Boa Vista, como local do seu surgimento e indicaram a Morna Brada Maria, como sendo a mais antiga. Sobre essa teoria, o Sr. Vasco chamou a atenção, pois hoje surgem algumas dúvidas sobre a veracidade dessa teoria, uma vez que essa composição apresenta uma estrutura musicológica muito complexa comparada com as Mornas também surgidas ali, nesse período.

Relativamente, aos compositores, os alunos indicaram o Manel d'Novas, B.Leza que conheciam, Cesária Évora, Bana, Ceusany, Ildo Lobo, Lura...sobre os instrumentalistas, não conseguiram indicar nenhum, pois não conheciam.

Seguindo deste momento, foi realizada a parte prática da aula, em que o Sr. Vasco levou-os a bater o ritmo da Morna. Não foi fácil, pois alunos acabavam sempre por sair do ritmo.

Com base no ritmo da Morna, bateram também o ritmo da Coladeira e do Funaná. Ficaram a saber que a Morna é a base de alguns dos géneros musicais cabo-verdianos.

O senhor Vasco, falou-lhes um pouco da sua experiência, dos palcos onde atuou pois, já tinha pisado uns quantos palcos e que a experiência de tocar suas composições e levar um pouco de Cabo Verde é muito boa.

Já para o final da aula, mostrou-lhes a importância de serem cultos, escutar todos os géneros e se possível praticar a música porque encontram nela experiências de vida, que ajudam a compreendê-la melhor, pois música é vida.

Reflexão

Foi uma aula muito interessante para os alunos, pois tiveram a oportunidade de conhecer o Sr. Vasco Martins, já muitos alunos não o conhecia. As informações que trabalhou com os alunos foram de grande importância e estavam mesmo satisfeitos com a quantidade de coisas novas que aprenderam naquele dia. A aula foi bem conduzida, o colaborador com sua experiência, cativou a atenção dos alunos durante toda a aula, muito calmo nas suas intervenções, os alunos estavam interessados e participavam sempre que solicitados.

Descrição: 5ª Sessão

Horário: 10:30mn/ 11:20 mn

Na segunda aula o senhor Vasco esteve presente para trabalhar a parte prática da atividade com os alunos. Antes de entoar a Morna, fizeram uma pequena exploração da mesma, referiram o autor da Morna, o intérprete e interpretaram-na de forma breve, pois o objetivo daquela aula era a aprendizagem da canção. A sala já se encontravam prontos, todos tinham a letra da Morna e já havia quem tinha fixado a canção.

Com o seu violão, Vasco Martins, encontrou a nota certa para o tom dos alunos e pediu para que a professora os acompanhasse. E assim entoaram a canção até que sentiram que os alunos estavam preparados para apresentá-la para a comunidade no dia em que fariam a cerimónia de finalista.

Reflexão da atividade

A aula correu bem, ainda que os alunos mostravam um certo desconforto em cantar com a presença do Vasco Martins, mas isso durou só até cantarem o primeiro verso da Morna. Antes da aprendizagem da Morna, os alunos juntamente com Vasco Martins exploraram o teor da Morna, falaram do intérprete, esses aspetos não apresentaram dificuldades aos alunos, sendo que já tinham feito a análise durante a primeira atividade, com o Tanaia. Depois passaram a entoação da canção. A Morna em estudo, seria apresentada pelos alunos aos pais/encarregados de educação, a comunidade educativa em geral, no dia da cerimónia de finalista. Os alunos estavam empolgados, ao longo da aula foram feitas algumas correções, para que ficassem mais a vontade ao cantar para apresentar da melhor forma.



Figura 4. Aula com Vasco Martins

Nessa altura os alunos já se encontravam de férias, a maior parte das atividades foram feitas nesse período, enquanto preparávamos as atividades culturais para a realização da cerimónia. As crianças estavam muito empolgadas com as atividades e todos participaram, deslocavam a escola para poder estar com os seus colegas, mas principalmente por causa das atividades que desenvolvemos.

Terminamos a atividades com o senhor vasco, mostrando a nossa gratidão e convidámo-lo a participar da cerimónia de finalista dos alunos.

Atividade nº 3

Tema: A música Tradicional Cabo-verdiana - a Morna

Data: 13 de julho de 2017

Colaborador: Professor ⁴Valério Miranda

Objetivos:

- Conhecer a história/o funcionamento do Coro

⁴ Valério Miranda - Professor de Expressão Musical na escola secundária Jorge Barbosa; Fundador e responsável do Coro

- Conhecer o repertório do coro
- Trocar/escutar experiência dos membros do coro
- Entoar a Morna em estudo - Biografia d'um crioulo

Descrição da atividade: 6ª Sessão - Intercâmbio com o grupo Coral de Jorge Barbosa

O intercâmbio com o grupo Coral, aconteceu na cidade, na biblioteca da escola secundária Jorge Barbosa. Chegando na escola, fomos recebidos pelo professor Valério, responsável pelo grupo e por um elemento do grupo. Fizemos a apresentação, como alunos do 6º ano, da escola Olinda Silva, que fica situada na localidade de Ribeira de Calhau.

O professor Valério perguntou-lhes sobre a razão da visita, para desfazer a tensão e criar um bom ambiente de intercâmbio. Um aluno respondeu que queriam conhecer o coro e saber como funcionava. As crianças estavam muito curiosas sobre a rotina do grupo. Então aproveitaram para fazer perguntas aos elementos do coro. Queriam mesmo saber, como fazer para integrar o grupo, como eram os ensaios, onde cantavam, como era a convivência, etc.

Conhecendo já o trabalho que desenvolvia com os alunos, o professor Valério, fez perguntas para conhecer melhor o trabalho que andavam a fazer e perguntou-lhes sobre a Morna que andavam a trabalhar, o nome da Morna, o intérprete, o compositor, a mensagem que carrega e os alunos muito a vontade a responder ao professor.



Figura 5. Coro de Jorge Barbosa

De seguida, falaram dos instrumentos de que dispunha o coro para trabalhar. E um fato muito interessante é que o pianista do grupo, é um rapaz do Madeiral, onde vivem alguns alunos e falou-lhes da sua experiência, da sua dedicação, do gosto pela música que o motiva a estar no grupo, mesmo com todos os problemas de transporte que enfrenta, pois a comunidade sofre a carência de meios de transporte, além de ser uma comunidade carente no seu todo.

A importância da música foi trabalhada de forma interessante, com chuva de ideias, e troca de ideias entre os alunos do 6º ano e os do secundário.

Assim chegou o momento mais aguardado pelas crianças, que era cantar com o coro. O professor Valério preparou o coro, para o intercâmbio, e da mesma forma prepararam as músicas que iriam cantar, muitas músicas de diferentes géneros de entre elas a nossa Morna – Bibliografia d'um crioulo.

Os alunos juntaram-se ao coro e cantaram a Morna muitas vezes, pois aproveitavam para cimentar a aprendizagem da Morna que iriam apresentar na cerimónia de finalista.

No final da atividade, os alunos agradeceram ao professor e ao coro em geral. O coro sugeriu um novo intercâmbio em que os alunos da Ribeira do Calhau os receberiam na escola Olinda Silva. Isso a primeira apareceu difícil, já que eram alunos do sexto ano e já no próximo ano estariam estudando na cidade.

Despedimos e fomos ter com o carro que já estava a espera para a viagem de volta à ao vale do Calhau.

Reflexão

O momento foi muito bom, embora as crianças estavam muito envergonhadas o que dificultou a primeira uma interação espontânea. A medida que conversavam, respondiam algumas perguntas colocadas pelos elementos do coro, começaram a desinibir e passaram a fazer perguntas sobre aspetos do grupo que tinham curiosidade.

Essa atividade foi muito interessante, pois muitos alunos descreveram-na como sendo a que mais gostaram, pelo fato de estarem a cantar com o coro, pois é um coro com algum reconhecimento a nível da população da ilha.

O objetivo da atividade, foi mostrar que a música continuava com eles, se assim quisessem, mostrar aos alunos que a música não acabava no segundo ciclo, que tinham sempre a possibilidade de seguir seus percursos académicos acompanhados da música.



Figura 6. Intercâmbio com o coro da escola secundária Jorge Barbosa

Além de promover o intercâmbio, o conhecimento, a troca de experiências, o objetivo principal era fazer com que os alunos entendessem que podiam continuar com o estudo da música, aprofundar os conhecimentos já adquiridos no outro nível de ensino, que o intercâmbio era apenas para estabelecer uma ponte entre os estudos feitos na escola básica e o que poderão fazer no

secundário. Era uma forma de promover a expressão musical, e despertar o interesse dos alunos em pertencer a um coro musical.

Atividade nº 4

Tema: A música Tradicional Cabo-verdiana - a Morna

Data: 15 de julho de 2017

Colaborador: ⁵Tito Paris

Objetivos:

- Conhecer o espaço
- Conhecer a filosofia do espaço
- Conhecer o cantor
- Cantar com o artista
- Explorar curiosidade a volta do compositor Manuel de Novas

Descrição da atividade: 7ª Sessão - Visita de estudo à Casa da Morna

Agendamos a visita segundo a disponibilidade do cantor. Esta aconteceu no sábado, às 11:30mn, no espaço musical Casa da Morna.

Chegando ao espaço, aguardamos pela chegada do cantor, que é também dono do espaço, para iniciarmos a visita. Ao chegar cumprimentou-nos muito bem, fez sua apresentação apesar de alguns alunos já o terem conhecido. Logo a entrada, encontramos um extrato da letra da Morna – Noite de Mindelo – do compositor Francisco Xavier – B.Léza. Tito perguntou aos alunos se conheciam a Morna e de seguida, leram e interpretaram o trecho que estava escrito em crioulo.

⁵ Tito Paris * Músico e compositor Cabo-verdiano
Comendador da Ordem do Mérito



Figura 7. Visita de estudo à Casa da Morna

Depois de visitar o espaço o espaço, os alunos acomodaram-se nas cadeiras e Tito Paris desafiou-os a fazer perguntas sobre sua vida profissional, sua carreira de músico ou alguma curiosidade que tinham acerca dele.

Os alunos fizeram algumas perguntas como por exemplo, onde nasceu, quando começou a cantar, quem o ensinou a cantar, se gosta de cantar, se já compôs música, se já cantou fora de Cabo Verde, se gosta de Morna, o género musical que mais gosta e outras. Ele respondeu a todas as perguntas e depois foi a vez de ele fazer perguntas. Quis saber o motivo que os levou a querer visitar a Casa da Morna e responderam que estão a trabalhar a Morna na escola por isso a professora resolveu levá-los para fazer a visita. Perguntou-lhes sobre a Morna que estavam a trabalhar, se conheciam o autor, o intérprete, a mensagem que transmite, de certa forma fizeram uma interpretação da letra, uma atividade na qual os alunos sentiram muita vontade, pois já a tinham feito. Contou-lhes o porquê do nome Manuel d'Novas, falou-lhes um pouco da vida do compositor. Tito disse-lhes que foi condecorado embaixador da música de Cabo Verde em Portugal.



Figura 8. A casa da Morna

Os alunos tiveram a oportunidade de cantar a Morna – Biografia d’um crioulo – com o cantor enquanto os acompanhava no piano. Cantaram algumas vezes pois segundo o cantor os alunos estavam desafinados. Com persistência chegaram ao nível que queria.

No final da visita Tito Paris convidou-os a regressar e agradeceu a oportunidade que teve para estar e contar um pouco da sua experiência, os alunos também agradeceram e pensaram mesmo em voltar a visitar o espaço junto com familiares.

Reflexão

A atividade correu bem, os alunos como tem sido hábito durante as atividades, estavam meio envergonhados, mas Tito ao perceber isso, começou a falar-lhes sobre aspetos da vida deles, como da localidade onde moravam, disse-lhes que gostava do vale e que conhecia muito bem as zonas onde viviam, alguns alunos começaram a soltar e disseram que já o viram muitas vezes nos seus passeios e assim a visita foi acontecendo com os alunos agindo naturalmente.

Tito Paris é uma pessoa muito culta e conhecedora da história de São Vicente e das figuras Mindelenses. Durante o período de tempo em que estiveram com ele, os alunos ouviram muitos contos da ilha, centrou-se na estória de Manuel d’Novas, e ficaram a saber que ganhou o apelido por ser marinheiro do navio Novas de Alegria.

A visita iniciou com um pequeno imprevisto, uma aluna sentiu-se mal por ter saído de casa sem tomar o pequeno-almoço e foi atendida pelo cantor, que providenciou um lanche à aluna. Seguimos

com a visita e os alunos tiveram oportunidade de tocar alguns instrumentos com a ajuda de Tito. Pegaram no microfone, observaram as obras de arte que decoram o espaço, imagens de artistas de renome, como a Cesária Évora, o Biús.



Figura 9. Encontro com o Tito Paris

A visita foi muito pertinente e importante para os alunos, gostaram muito da visita e alguns apontaram o momento em que cantaram com o artista como sendo o que mais gostaram, outros o momento em que estavam a tocar com os instrumentos.

No final, não poderia deixar passar o momento sem registar a atividade com fotografias.

Atividade nº 5

Tema: Cerimónia de finalistas dos alunos

Data: 22 de julho de 2017

Objetivo: Apresentar a Morna estudada à comunidade educativa

Descrição da atividade: 8ª Sessão

A atividade começou com um discurso do gestor do Pólo, descrevendo a trajetória escolar dos alunos até chegarem nessa fase desejando-lhes sucesso na nova etapa académica. Apresentou a

programação e em seguida foram as professoras a proferirem algumas palavras, desejaram aos seus alunos muita sorte para o novo começo, pedindo aos pais para que sejam o suporte dos filhos, que os apoiasse de forma a sentirem encorajados para ultrapassar os novos desafios, sabendo do percurso que passariam a fazer todos os dias para conseguir estudar, já que moravam no interior da ilha, que fariam então vários quilómetros para ir e voltar da escola. O representante dos pais/ encarregados de educação agradeceu as professoras e ao gestor pelo apoio aos seus filhos, demonstrou a importância de todos os que estiveram envolvidos no processo educativo dos seus filhos. Falou diretamente aos alunos que sairiam do meio onde moravam para conhecer outra realidade, do novo desafio que se aproximava, das novas experiências e desejou-lhes sorte e responsabilidade com as suas novas tarefas.

De seguida, a aluna, J2 fez o discurso que tinham preparado com a professora de Língua Portuguesa, agradecendo aos pais/ encarregados de educação, aos professores, ao gestor, aos funcionários da escola, e desejou para que tudo corresse bem aos colegas nas novas escolas onde seguiriam os estudos. Nessa linha, o aluno R1, aproveitou para agradecer aos parceiros que tinham feito muito por eles, na preparação da Morna que apresentariam e por custear as viagens à cidade para as visitas que lhes trouxera muitos conhecimentos. Infelizmente não puderam ter nenhum dos colaboradores a prestigiar o momento pois, já tinham seus compromissos e outros não estavam no país. O aluno R1 apresentou ainda, o painel de fotografias com todas as atividades desenvolvidas durante o projeto que a professora desenvolveu com eles. Os pais foram convidados a apreciar o momento. Depois passou-se o momento da imposição das fitas e das fotografias.



Figura 10. Cerimónia de Finalista

Durante as atividades culturais os alunos apresentaram um teatro de fantoche, onde representaram momentos vivenciados durante o ano, momentos esses que passaram com os colegas e com as professoras. É de realçar que foi muito interessante, um momento de muita piada, de alegria e descontração.

Depois da apresentação do teatro, os alunos preparam-se para cantar a Morna, momento muito aguardado pois todos os presentes já sabiam que estiveram a preparar durante algum tempo para essa apresentação. A aluna Ellen começou por apresentar a Morna – Biografia d’um crioulo - o seu compositor, o intérprete e a mensagem que carregava. De seguida, com o acompanhamento da professora, cantaram a canção com muita vontade. Estavam contentes a cantar.

No final, foi posto o vídeo das atividades desenvolvidas no projeto e os pais gostaram do resultado. Os alunos ficaram admirados pois foi uma surpresa para muitos.

Assim terminou a parte cultural e deu-se início a festa.

Reflexão

Essa atividade foi muito importante, pois permitiu aos alunos mostrar em parte o que estiveram a aprender ao longo do projeto. Tiveram a oportunidade de cantar e apresentar o que tinham preparado para seus pais, professores e comunidade em geral. Foi muito bom ver os alunos

contentes e com a vontade ao cantar o tema preparado. Fizeram tudo muito bem, como tínhamos ensaiado. Via-se que as crianças estavam mesmo felizes com o trabalho que fizeram. Todos aplaudiram-lhes e os pais estavam orgulhosos dos seus filhos. No final alguns pais foram cumprimentar a mim e a professora Ângela, pelo trabalho que fizemos com seus filhos e pela linda festa de finalista. Os alunos também ficaram satisfeitos com a apresentação e lembro-me de um aluno, o Marlon, perguntando se podia inventar outra “coisa” para os presentes.

Depois da festa, ouvimos as críticas dos colegas professores, estes felicitaram-nos pela organização e pelas atividades culturais que estavam bastante interessantes.

4.4 Reflexão/Avaliação

Os colaboradores foram de grande importância na realização do projeto, pois a parte prática foi ministrada por eles. Mostraram disponibilidade em trabalhar com a turma desde o primeiro momento que entrei em contato.

O gestor da escola foi muito compreensivo e aberto a realização do projeto na escola. Logo a primeira apoiou o projeto, discutimos algumas ideias, atividades que pretendia desenvolver e deu sua opinião sobre os possíveis colaboradores do projeto.

Depois dos primeiros contatos, fiz o plano de ação, em que descrevi as atividades que poderiam ser trabalhadas com a turma juntamente com seus objetivos. Apresentei o plano aos orientadores do projeto e aos colaboradores.

Ao apresentar o plano aos colaboradores, pedi que fizessem mudanças caso fossem necessárias, mas decidiram não mexer na estrutura dos planos, pois para eles as atividades estavam bem delineadas e por outro lado, não poderiam interferir já que os dados que pretendia recolher estavam ligadas as atividades que já havia preparadas.

Durante a preparação das atividades contei com sugestões de alguns colegas de trabalho sobre atividades que poderiam enquadrar no projeto.

A elaboração e organização das atividades ficaram a meu cargo e a realização prática das mesmas sob cargo dos colaboradores. A realização prática do projeto por ter sido feita por pessoas

“estranhas” a vivência dos alunos fez com que despertassem suas curiosidades e de certa forma deu a atividade um outro carácter.

Cada artista com sua forma diferente de explorar a Morna, na sua vertente musical e histórica, proporcionou aos alunos experiências variadas.

Aos alunos, os artistas mostraram a importância da Morna em suas vidas, o orgulho que sentiam em cantar e toca-la e que gostariam transmitir esses sentimentos aos alunos. Todos abordaram o aspeto identitário que a Morna carrega e o significado que tem na vivência dos cabo-verdianos, os artistas apontaram a Morna como uma das expressões culturais com mais representatividade na nossa sociedade e focaram na sua preservação e valorização.

As atividades foram bem executadas e os alunos reconheceram o trabalho feito pelos artistas.

CAPÍTULO V - RESULTADOS E CONCLUSÕES

5.0 Introdução e Finalidades

No presente capítulo são apresentados os resultados obtidos através da aplicação dos diferentes instrumentos de recolha de dados. São evidenciados alguns comentários dos alunos e dos demais envolvidos, registados através das entrevistas, questionários, observação, notas de campo dos diferentes participantes no estudo. É, também, apresentada uma avaliação sobre a eficácia das estratégias utilizadas tendo em vista a promoção, a apreciação e valorização da Morna. Seguidamente são apresentadas as conclusões do estudo, as recomendações e implicações para futuras investigações.

5.1 Apresentação dos resultados

Resultados obtidos por questionário e entrevista.

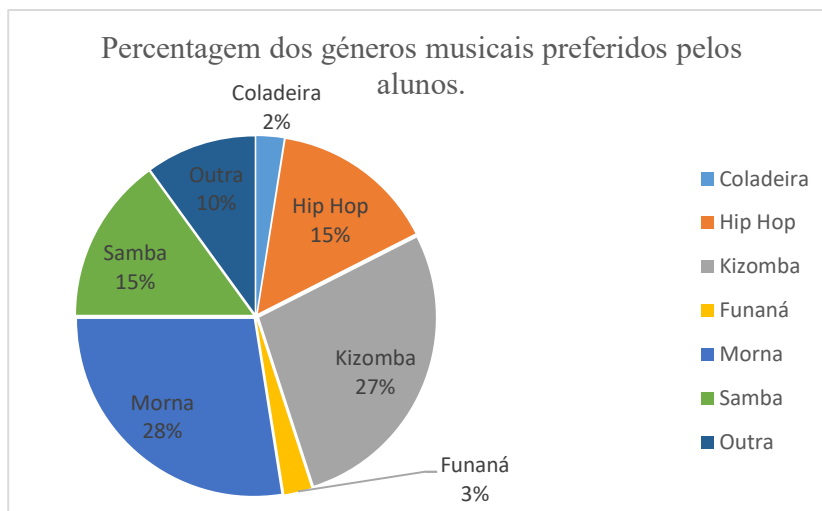
Tendo em vista a compreensão do fenómeno em estudo, bem como os objetivos traçados, (i) consciencializar para a preservação do património cultural musical; (ii) desenvolver estratégias para o ensino de uma E.A. com preocupações patrimoniais e culturais; (iii) testar recursos culturais e patrimoniais através da E. M. e (iv) estimular a apreciação da Morna em contexto escolar como meio de promoção da cultura, são apresentados os seguintes resultados.

Dados obtidos pelos questionários dos alunos

Em relação às vivências musicais dos alunos, nomeadamente, ao gosto que têm pela música, todos os participantes do estudo (100%) afirmaram que gostavam de música.

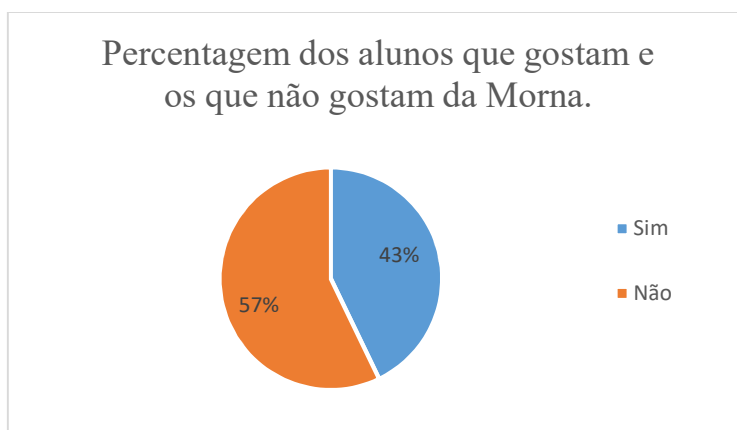
Os géneros musicais que os alunos mais gostam são a Morna (28%) e a Kizomba (27%) como pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1. Géneros musicais preferidos



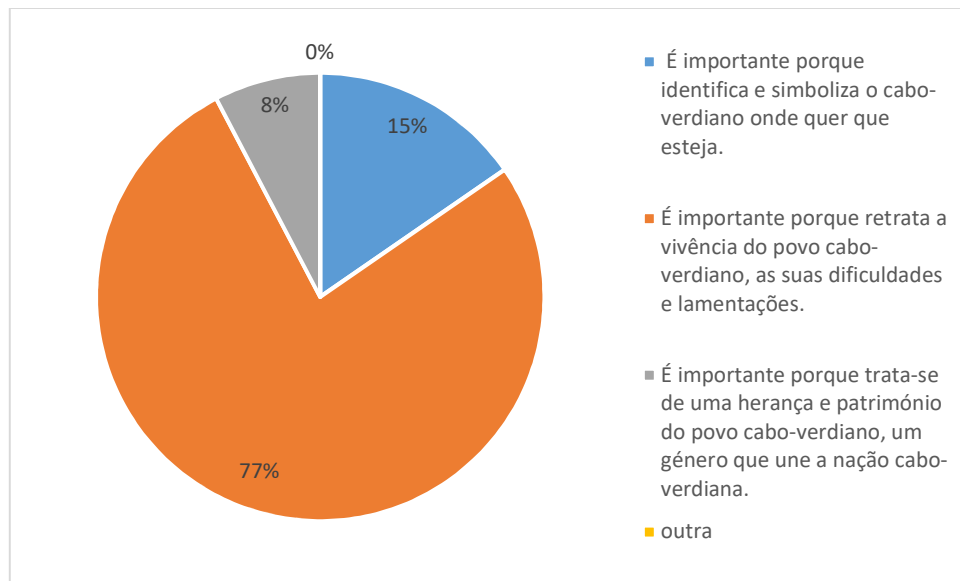
O gráfico 2 representa a percentagem de alunos que gostam e os que não gostam de Morna. Podemos observar pelos dados apresentados que a maioria dos alunos não gostam da Morna, (8 de 14), embora a diferença não seja tão acentuada.

Gráfico 2. O gosto dos alunos pela Morna



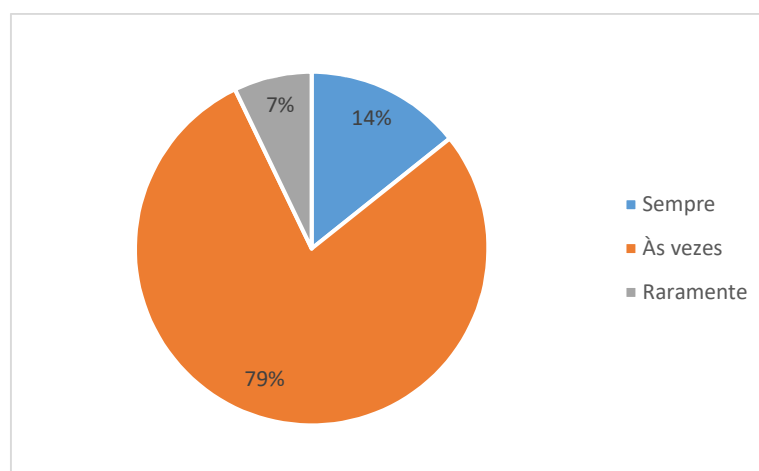
Quando observado os dados relativos à importância desse género para o povo cabo-verdiano, mais de 78% dos alunos se identificaram com a seguinte opção: “É importante porque retrata a vivência do povo cabo-verdiano, as suas dificuldades e lamentações.”

Gráfico 3. Importância da Morna para os alunos



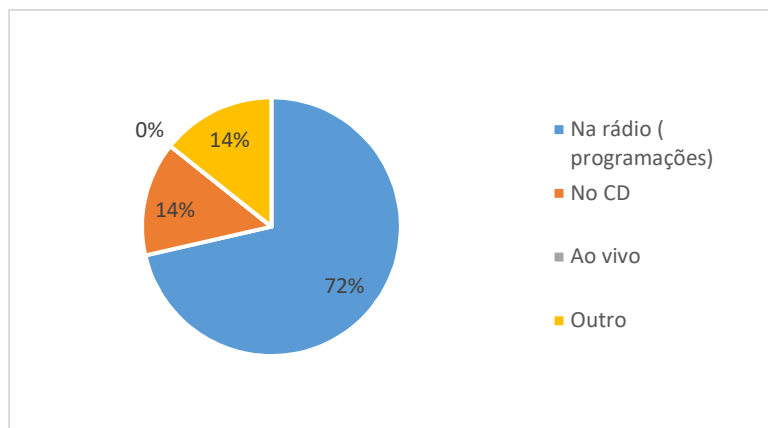
O gráfico nº 4, representa a frequência que os alunos escutam Morna em casa, assim, observa-se que mais de 70% dos alunos escutam a Morna às vezes.

Gráfico 4. Frequência com que os alunos escutam a Morna em casa.



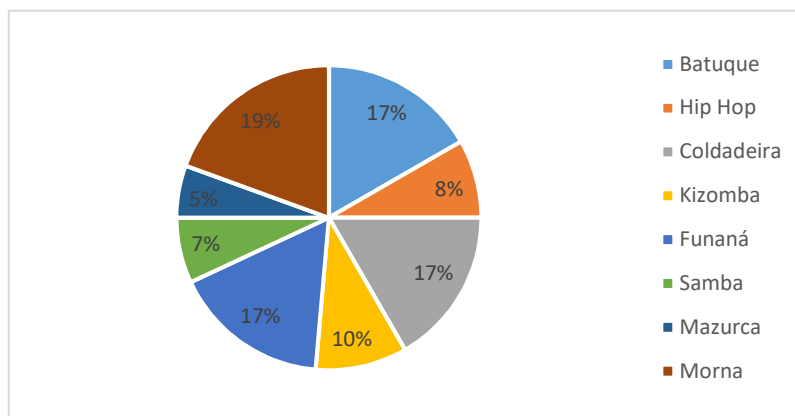
O meio utilizado pela maioria dos alunos para escutar a Morna é a rádio, através das programações radiofónicas. Dos restantes, dois alunos mostram escutar a Morna intencionalmente, através de CD's contendo o género musical.

Gráfico 5. Meio utilizado para escutar a Morna.



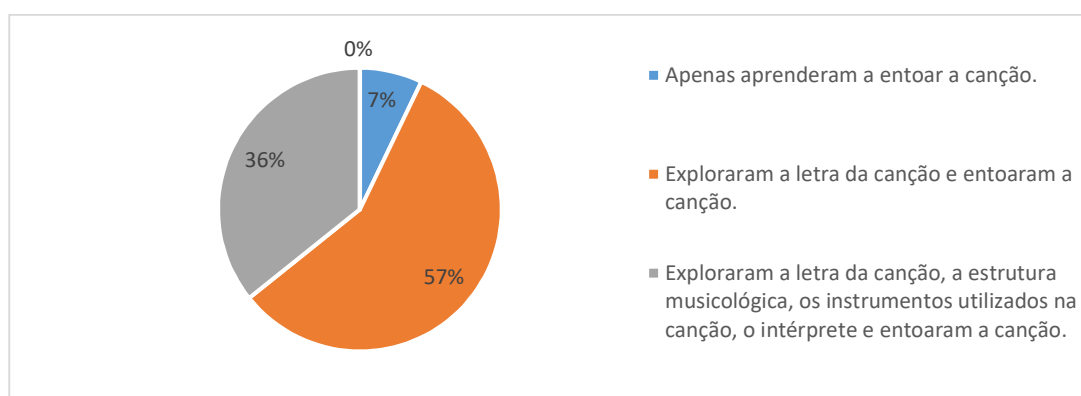
O gráfico nº 6 apresenta os géneros musicais tradicionais identificados pelos alunos. E quando analisado, observou-se que os alunos apontaram com mais representatividade o Hip hop, o Batuque, a Coladeira e o Funaná como as músicas tradicionais de Cabo Verde.

Gráfico 6. Géneros tradicionais indicados pelos alunos



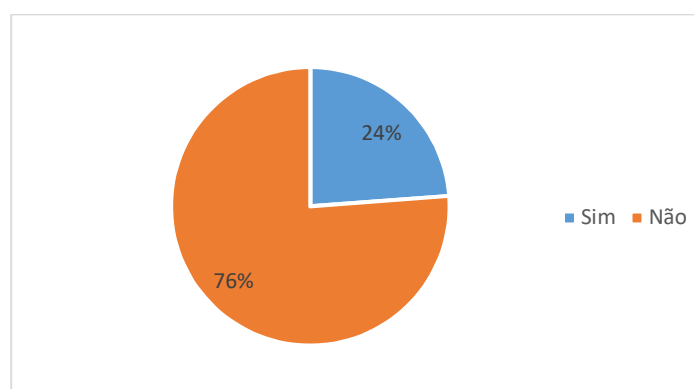
Quanto as atividades desenvolvidas nas aulas de E. M com o estudo da Morna, antes da intervenção educativa, os dados apresentados pelo gráfico nº.7, apontam 50% dos alunos responderam que: “Exploraram a letra da canção e entoaram a canção.” O que significa que aspetos ligados a cultura não foram abordados durante as aulas.

Gráfico 7. Atividades desenvolvidas durante o estudo da Morna nas aulas de E.M



No que respeita aos questionários respondidos pelos professores, quando inquiridos sobre o hábito de trabalhar a Morna com os seus alunos, os resultados estão representados no gráfico nº 8, e os dados são os seguintes:

Gráfico 8. Percentagem de professores que trabalharam Morna com seus alunos

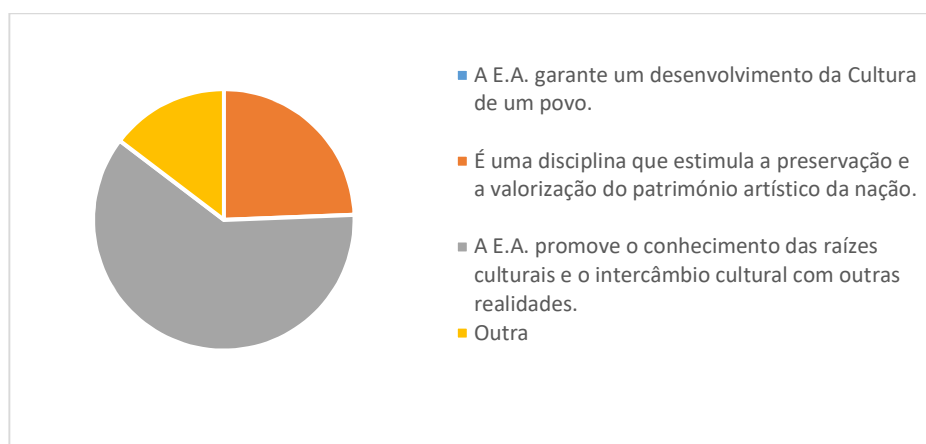


Sobre a importância de trabalhar a Morna com os alunos, 100% dos professores concordam que o género deve sim, ser trabalhado com os alunos.

No que respeita a prática da E.A na escola, todos os professores acham importante essa área no currículo dos alunos e todos trabalham com seus alunos na sala.

Sobre a relação que se pode estabelecer entre a Cultura e a Educação Artística (E.A.), o gráfico 8 retrata que mais de 71% dos professores consideraram a E.A como promotora de conhecimento das raízes culturais e de intercâmbio cultural com outras realidades.

Gráfico 9. Relação entre E.A. e Cultura.



De forma geral, ao analisar os dados obtidos através das respostas dos alunos ao questionário pode-se observar que algumas respostas não são coerentes e que em alguns casos, leva o investigador a pensar o motivo que conduziu a algumas divergências nas respostas dos alunos, suscitando algumas dúvidas. Como é o caso dos dados apresentados pelo gráfico 1, em que a Morna foi apontada como o género musical preferido pelos alunos com um total de 11 alunos em 14, mas que comparado com o gráfico 2 que regista o gosto dos alunos pela Morna, mais da metade (8 de 14), afirmam não gostar da Morna. A diferença não é tão acentuada mas nota-se uma visível discrepância entre esses mesmos dados.

Outro fato a evidenciar é que apesar de ser nítido o resultado do gráfico 2, onde a maioria dos alunos dizem não gostar da Morna, têm a consciência da importância do género musical para o povo cabo-verdiano e os próprios se revêm nesta vivência. Esses dados são confirmados no gráfico 3, dados relativos a importância que Morna exerce sobre os nativos.

Os resultados obtidos depois da análise do gráfico 4, relacionada com a frequência com que os alunos escutam a Morna, apresentam-se contraditórios quando comparados com os resultados apreendidos no gráfico 1, alusivo às preferências musicais, em que a Morna foi a eleita como a

preferida pelos alunos. Pois, 79 % dos alunos, um total de 11 alunos, afirmam que escutam a Morna “às vezes” e sendo ela a música preferida dos alunos estranhou-se esse fato, pois o normal seria uma escuta mais ativa e com mais frequência.

Observando os dados relativos ao meio utilizado pelos alunos para escutarem a Morna, apresentados pelo gráfico 5, a maioria afirmou que a escutam por meio de programações radiofônicas que de certa forma são dados coerentes quando são comparados com a frequência das suas escutas. Nem sempre estão em casa ou estão sintonizados na frequência da rádio quando estão a transmitir o género musical no momento.

Por ser a Morna, a música preferida segundo os alunos, a sua escuta deveria ser intencional e não apenas escutada caso estiverem a transmiti-la através das programações das rádios.

Na análise do gráfico 6, observou-se que alguns alunos apresentaram como géneros musicais tradicionais, géneros que hoje estão conquistando audiência entre eles mas que não fazem parte da cultura musical genuína de Cabo Verde. Isso pode ter sido consequência de um estudo pouco aprofundado relativamente aos géneros musicais tradicionais.

Sobre a Morna, conteúdo para ser abordado nas aulas de E.M, o gráfico 5 retrata o cenário vivenciado no Pólo, apontando para mais de 70% de professores que não trabalharam o género musical com os seus alunos. Afirmando terem dificuldades em trabalhar o conteúdo na sala, e apresentaram a falta de formação na área musical e a falta de materiais didáticos para a elaboração de estratégias. E por não ser abordado o conteúdo na sala as atividades desenvolvidas foram algo superficiais, o que significa que aspetos ligados a cultura não foram abordados durante as aulas.

Dados recolhidos por entrevista

Quanto aos dados recolhidos por entrevista, ambos os entrevistados, formados em E.A. e respondendo sobre as mesmas questões poderemos aperceber que as repostas às vezes divergem e perguntados sobre as dificuldades encontradas em trabalhar as disciplinas, um dos inquiridos responde não ter nenhuma dificuldade na sua prática, enquanto que o outro já nomeia a logística da escola.

Ao analisar o conteúdo das entrevistas nota-se que nem sempre a falta de formação específica é a causa pela não abordagem dos gêneros musicais tradicionais nas salas de aula. Os dois entrevistados são formados em E.A. e mesmo assim um dos inquiridos afirma nunca ter abordado os gêneros musicais com seus alunos. As causas para o fato não são apontadas, como pode-se constatar nas suas respostas:

E.1- “A geração de hoje está virada aos estilos europeus e americanos, do hip-hop do funk, quando falamos da morna na sala de aula, muitos reagem dizendo não gostar desse gênero.”

E.2- “Não sei responder, porque nunca trabalhei esse conteúdo.”

Relativamente à Morna, a resposta do inquirido 1 é a mesma, não trabalhou com os seus alunos. Mas este, consciente de que cabe a escola o papel de estimular o interesse pela Morna no seio dos alunos, acaba por contradizer a si próprio quando solicitado com sugestões para estimular esse mesmo interesse onde afirma que:

E.2- “Não posso apresentar sugestões porque é um conteúdo que não deixa muito interesse no seio dos alunos e não é hábito trabalhar esse conteúdo no contexto onde resido. E não vejo estratégias que possam ser atrativas para trabalhar esse conteúdo.”

Sobre a percepção que a comunidade educativa tem da E.A. segundo os entrevistados não favorece o seu potencial contributo que pode ofertar ao processo ensino aprendizagem, pois para eles a A.E. na escola não tem muita importância sob o ponto de vista de alguns colegas de profissão e que isso pode ser consequência da postura das entidades superiores do ramo educacional, assim como afirma o inquirido 2:

E.2- “Muitas vezes se tem impressão de que é uma área tida como secundária, e menos importante, isso devido a postura das entidades superiores face a essa área.”

Essa mesma perspectiva o inquirido 1, também defende que a E.A. é uma área disciplinar que não tem merecido uma atenção especial por parte dos professores e alunos porque:

E.1- “Pelos colegas, com algumas exceções, é vista como uma área sem muita importância, que nada conta para o processo ensino-aprendizagem do aluno.

Os alunos, muitos estão fora do contexto da E.A, uns porque na fase do pré-escolar e básico não tiveram a oportunidade, a envolvimento nessa disciplina que no meu ponto de vista, ou os professores dão prioridade a outras áreas ou falta professores com formação na área, principalmente na E.M.”

Os professores que trabalham com os alunos os géneros musicais tradicionais na escola devem estimulá-los com estratégias atrativas que os cativem a fazer o estudo de forma a tornar as aulas significantes para os mesmos. O inquirido E.1, que vê a necessidade de incutir nos alunos o papel da Morna na valorização do povo, apresentou como uma estratégia o hábito de escutar a Morna enquanto desenvolvem trabalhos práticos na disciplina de Expressão Plástica de forma a criar o gosto nos alunos.

5.1.1 Abordagem dos conceitos de cultura, identidade e arte nas aulas de Expressão

Musical

Ao abordar esses conceitos teve-se o cuidado de o fazer de forma que os alunos os entendessem e se apropriassem de seus significados espontaneamente, com exemplos práticos indicados pelos mesmos com base em suas vivências e experiências do quotidiano, para evitar aborrecimento e a sensação de terem tido uma aula fastidiosa.

Os temas em questão – cultura, identidade e arte – foram explorados pela professora investigadora, num primeiro momento e depois pelo colaborador Tanaia. As estratégias utilizadas na abordagem dos conceitos foram projetadas com base nas experiências anteriores dos alunos, em outras unidades curriculares em que tinham de trabalhar com conceitos e termos que necessitavam ser memorizados.

A pesquisa como uma das estratégias utilizadas conferiu liberdade na construção do próprio conhecimento dos alunos e constituiu uma forma de desenvolvimento de técnicas de pesquisa. Com essa estratégia foi valorizada a importância das fontes escritas, como livros documentos escritos, revistas, jornais também leva a uma consequente valorização das fontes orais, como as experiências da camada mais velha, como fontes de conhecimento.

Resumindo o método de pesquisa mostrou ser de grande valia porque levou os alunos a procura e a partilha de conhecimentos, com experiência do quotidiano, costumes e valores culturais válidos que tornaram a aprendizagem mais ajustada, ativa e significativa.

Assim com base nessa experiência concluímos que tornar o aluno cúmplice do processo ensino aprendizagem desperta a motivação intrínseca dos alunos, uma vez que, trilha o caminho para a

construção do próprio conhecimento e estão mais interessados à participar e cooperar nas tarefas propostas pelo professor.

“Professora eu achei muitas coisas sobre cultura e sobre a arte. Têm muitas coisas na internet e encontrei que a pintura, a música, a literatura, o cinema, a gastronomia são formas de arte e existem nas sociedades (...).” Aluno J2.

Contribuiu para aumentar o índice de confiança dos alunos, já que passaram a questionar e comentar com base nos conhecimentos adquiridos.

Durante as atividades foi feita a monitorização das aprendizagens o que permitiu momentos de controlo do processo ensino aprendizagem. O que possibilitou verificar que houve interesse, entrega, participação, autoconhecimento.

Em geral as estratégias práticas utilizadas, envolvendo a cultura, a arte e a identidade permitiram uma participação ativa dos alunos, favoreceu a autoconfiança dos alunos tornando o processo atrativo, voluntário, sem reservas, promovendo assim a valorização do património cultural.

Eu gostei da aula com o Tanaia... estudamos o que significava a nossa cultura, a arte e a identidade...gostei de saber que ele gosta de cantar nas noites cabo-verdianas. Foi interessante para mim. (M1 – registos dos alunos)

É nesse sentido que as estratégias motivadoras favoreceram a aprendizagem, pois segundo Macedo & Monteiro (1987) “ a aprendizagem, entre tudo o que os sujeitos fazem, é o mais importante. A linguagem, a sociedade e a cultura são aprendidas e a sua existência depende da aprendizagem de cada individuo.”

Cultura – Identidade- Arte, por serem termos com definições complexas, optou-se por abordá-los de forma lúdica o que fez com que as expressões parecessem familiares aos olhos dos alunos contribuindo para despertar o interesse e estabelecer a ligação entre estas e o quotidiano analisando o mundo e os acontecimentos que os cercam.

Gostei muito da aula com o Tanaia, estudamos a nossa cultura, a arte e a Morna que é a nossa música e nos identifica no mundo. (M1 – registo dos alunos)

Ainda na abordagem destes mesmos conceitos, uma outra estratégia utilizada foi a participação de profissionais da área da música, para ministrar as aulas de expressão musical e visitas às instituições ligadas a Morna. Nota-se que as aulas tornaram mais diversificadas e apelativas, principalmente quando aconteciam os intercâmbios, em que deslocavam os alunos para as instituições ou quando eram os artistas a deslocarem a escola.

A música constitui um elo de ligação completa na compreensão da Arte, no desenvolvimento da Cultura e apropriação Identitária. As aulas de Expressão Musical permitiu ligar o quotidiano dos alunos com a herança cultural que confere uma identidade única e partilhada por todos os cabo-verdianos.

Gostei desse momento com os alunos. Têm muita vontade de aprender. E essas perguntas que fizeram? Pareciam gente “grande”, perguntas bem-feitas. Vê-se que fizeram bem o trabalho de casa. (Conversa com o Tanaia, 16-06-2017, depois da aula)

A exploração dos conceitos Cultura, Arte e Identidade, favoreceram a relação destes com o género musical, considerada a mais representativa de Cabo Verde – Morna. Verificou-se que foi fundamental a assimilação de tais conceitos para a promoção e apreciação da Morna.

Eu gostei muito de trabalhar com o Tanaia, ele falou sobre a nossa cultura, da arte e da identidade que a Morna nos dá, porque ela representa Cabo Verde e depois interpretámos e cantamos a Morna Biografia de um crioulo. Ele tocou com o seu violão. (M1 – registo dos alunos)

Eu gostei de todos as pessoas que trabalhamos, mas eu gostei mais do Tanaia, as suas aulas foram boas e aprendi qual a primeira Morna que apareceu em Cabo Verde. (H1 – registos dos alunos)

5.1.2 Estratégias para promover a apreciação do património musical – Morna, por meio de atividades diversificadas

O género musical Morna recebe um papel de destaque na cultura cabo-verdiana, na arte que a sua produção encerra e na identidade dos nativos cabo-verdianos. É bem verdade que esse sentimento de pertença a essa identidade amadurece a medida que se chega a uma certa idade, em que se começa a viver a cultura de forma mais intensa, ligando-a a forma de vida e valorizando o que tem

de genuíno nas produções artísticas como património à preservar. Como defende Blaking citado por Rodriguês (2017), o cabo-verdiano faz da música, a *Morna*, um símbolo da sua identidade étnica porque espelha-se nela, na sua experiência musical e no uso social identificativo que dela se faz. A Morna transmite-nos a consciência de nós próprios e o reforça o processo de construção e afirmação da sua identidade.

A promoção da Morna na sala de aula estimulou a sua valorização e apreciação de forma natural por parte dos alunos. Com o estudo conclui-se que deve-se desenvolver atividades de forma a explorar e promover o vasto leque musical de Cabo Verde, direcionando-os para um contato consciente com os diversos géneros.

Mas do ponto de vista de Vasco Martins, basear na *Morna* “Bibliografia d’um Criol” para debruçar sobre aspetos sociais, identitários, de conceitos ligados a cultura:

É interessante, mas não deve forçar muito o estudo da Morna, de forma profunda, pois ainda são crianças e seus conceitos intelectuais não estão de todo desenvolvidos, (...) com crianças de 11 anos é necessário dosear os conceitos, tornar a exploração da Morna acessível para elas, pois são crianças e sobretudo precisam sempre, sempre do lado lúdico (...)- (conversa com Sr. Vasco Martins)

Nesse sentido, optou-se por trabalhar de forma a captar o interesse dos alunos, fazendo atividades que despertassem de veras a atenção e que os levassem a divertir mesmo que os termos por vezes fossem complexos, baseando sempre na perspectiva do musicólogo.

A pesquisa foi uma estratégia muito importante para introduzir o conteúdo músicas tradicionais, e que pode ser adaptada a todos os níveis de ensino, segundo as intenções do professor criando níveis de complexidade ao que se pretende pesquisar. Com essa estratégia obteve-se bons resultados, pois foram sugeridas pesquisas em que os alunos tinham interesse em saber tornando-os sujeitos e construtores da própria aprendizagem.

(...) importante trabalhar a Morna porque ela faz parte do nosso património musical, por isso temos a obrigação de cultivar nos alunos essa preservação. Audição de músicas na sala de aula seguida de uma conversa livre relativa a mensagem da música, pesquisas para procurarem conhecimentos relacionadas com as músicas, realização de trabalhos de grupo, análise da estrutura da música, cânticos, entre outros. (inquirido E.1)

Usar estratégias práticas, relacionadas com a aprendizagem e entoação de músicas com a colaboração de músicos e utilização de instrumentos musicais também constituiu um dos pontos fortes do projeto, pois as atividades práticas cativaram o interesse dos alunos e dinamizavam as aulas, dando os alunos a conhecer propriedades de alguns instrumentos musicais. A *Morna* foi abordada dentro e fora sala de aula utilizando estratégias práticas, de acordo com as experiências do músico Vasco Martins:

A ideia de levar o Tanaia para tocar com os alunos é formidável, pois vão ver o Tanaia a tocar e a cantar e será uma atividade agradável para eles e ao mesmo tempo estarão a trabalhar a Morna (...) Os alunos podem entender a letra, mas até certo ponto, relacionar a letra com a identidade pode ser um pouco abstrato e profundo, mas pode torna-lo um “conceito explicativo ligeiro”, falar de aspetos concretos, falar da emigração, essencialmente isso, todos temos alguém que emigrou, levá-los a falar sobre isso, da saudade (...) – (conversa com o Sr. Vasco Martins)

Fizemos visitas de estudos a sítios onde se promove a apreciação da música e onde se valoriza a cultura musical. Concluiu-se que quando as atividades eram feitas em outros ambientes os alunos mantinham sempre a concentração, aumentava o interesse e participavam com perguntas pertinentes que tornavam a experiência intensa. Esses fatores contribuíam para que o processo fosse intenso e as aprendizagens duradouras.

A utilização de materiais audiovisuais contribuiu muito para o envolvimento dos alunos e promoção de um ambiente agradável, que é um elemento importante para a construção de aprendizagens significativas.

O intercâmbio com grupos musicais, foi uma estratégia adotada que proporcionou um momento muito interessante e alegre aos alunos. Saíram do intercâmbio satisfeitos e com muita vontade de repetir a experiência. Com o grupo aprenderam sobre a música que cantavam, música cabo-verdiana, e tiveram a oportunidade de integrarem o grupo por alguns momentos. O intercâmbio foi de grande valia, pois além de promover momentos marcantes aos alunos, também foi um meio concreto de mostrar que a música, o estudo da música não terminava com o finalização projeto, que apesar de estarem a terminar o 2º ciclo, logo ingressariam a um outro nível de ensino, mas que a música seguiria com eles, a música é para vida.

Uma estratégia, que não agradava os alunos, mas tinha razão de ser, era o registo escrito das atividades, dos momentos mais marcantes, e as perguntas que tinham de responder como forma de sistematizar o sucedido e cimentar as novas aprendizagens.

Vale a pena referir a título de conclusão que o professor tem um papel fundamental na promoção e conhecimento dessa vertente cultural e estão cientes da importância, e no questionário mostraram que realmente sabem do seu valor sentimental, e sua contribuição para a união do povo cabo Verdiano.

(...) A Morna, porque é o género que transmite a vida e a cultura de Cabo Verde. (questionário aos professores - X.B 4)

(...) Morna. É um género musical muito importante, porque através dele a nossa cultura foi divulgada internacionalmente. (questionário aos professores - X.B 5)

(...) Morna, porque é o género que mais identifica o cabo-verdiano. (questionário aos professores - X.B 6)

(...) Morna. Por ser a mais sentimental e a mais abrangente pois é algo que toca a todos os cabo-verdianos tanto no país como na diáspora. (questionário aos professores - X.B 7)

Com o estudo os alunos demonstraram ter a consciência da relação efetiva da *Morna* com a identidade do povo cabo-verdiano mas no entanto, foi durante a implementação do projeto que eles cultivaram o hábito de escutar, apreciar e valorizar. Mas é uma atividade que deve ser trabalhada de forma contínua em todos os níveis de ensino de modo desenvolverem o apego e apreço pelo género. Como afirma Vasco Martins:

O que se passa com a Morna, com as crianças e a juventude, é que Morna é uma música séria, é profunda (...), temos de dar tempo porque crianças de 11, 12 anos, adolescentes hoje em dia, a Morna pouco lhes diz, mas lhes dirá mais tarde, quando entrarem numa faixa etária mais madura, é inevitável (...) Morna é profunda requer “experiência de vida”, Morna fala de amor, terra longínqua, ciúmes, saudade, patriotismo, 6 “mi e dod na Cab Verd” (...), sentimentos complexos que não desperta a criança (...) – (conversa com o Sr. Vasco Martins)

O treino aural foi uma estratégia muito importante. Com essa técnica os alunos desenvolveram a concentração, o interesse e proporcionou um ambiente propício para trabalhar. Via-se que os trabalhos eram feitos com delicadeza e com muito cuidado e depois ouvia-se parte das músicas pelo intervalo, cantadas pelos alunos, o que também contribuiu para estimular a apreciação do género musical.

Em crianças e mesmo adolescentes, seria interessante fazer audições nas aulas, não para escutarem para depois trabalhar os temas escutados, mas para ouvirem (...), simplesmente deixar a música em som ambiente e continuar os trabalhos da aula. Outro aspeto interessante é aproveitar estórias da Morna que seduz os alunos, porque tem muitas estórias da Morna, de compositores, de intérpretes, coisas com uma certa dose de humor que chama atenção do que

⁶ Amo Cabo Verde

fazer uma aula do aparecimento da Morna, que sem dúvida é importante, mas que nessa faixa não motiva tanto (...) - (Conversa com o Sr. Vasco Martins)

(...) Incutir nos alunos, o papel da Morna na valorização do povo cabo-verdiano. Nas aulas práticas de Expressão Plástica, colocar um som ambiente, um Morna, porque isso ajuda a concentrar e já diz o ditado de tanto ouvir o aluno vai ganhando estima pelo género. (inquirido E.1)

Foram estratégias diferentes que proporcionaram momentos de aprendizagem e escuta das *Mornas*, que contribuíram assim para criar nos alunos o hábito de escutar e apreciá-las, confirmando que utilizando métodos variados para enaltecer a *Morna* conseguiu-se resultados satisfatórios que introduziram mudanças no comportamento dos alunos e contribuiu para criar uma outra perspetiva e abertura dos alunos face a música cabo-verdiana, em específico face à *Morna*, afinal a *Morna*, segundo Rodrigues (2017) procura afirmar uma individualidade e estabelecer uma relação direta entre a terra e povo e por este meio contribuir para um exercício explícito de afirmação de um nacionalismo cabo-verdiano, do qual a *Morna* é o veículo de expressão.

5.2 Conclusões e Implicações para Futuras Investigações

Hoje em Cabo Verde vive-se um período de consciencialização do estudo da arte, das manifestações produzidas pelos nativos e da importância que esse acarreta a Educação Artística na formação dos seus cidadãos.

(...) melhora a qualidade de aprendizagem porque cria nos alunos muitas competências e aptidões, fomenta a motivação e ajuda na participação ativa da na aula. (inquirido E.1)

E essa abertura promoveu vários estudos nessa área curricular que vêm servindo de estímulos para outras investigações que certamente contribuirão para a afirmação da E.A. nos currículos cabo-verdianos. Essa abertura também projetou-se como uma estratégia que se desenvolveram para aumentar o número de pessoas artisticamente educadas, pois estando os docentes motivados em se formarem na E.A, recebendo o incentivo necessário para os impulsionar, os frutos adquiridos nas suas formações reverterão em conhecimentos para seus alunos como futuros cidadãos que passam a perceber o mundo com uma perspetiva artística.

Nessa perspectiva, Cross (1924, p.25) defende que “uma pessoa assim terá de acreditar que a arte é um elemento importante na sua vida e na continuação da vida na comunidade”. E com base nessa ideia, o autor fundamenta que a pessoa deverá saber, sentir, aceitar que a E.A. é tão válida em relação a aquisição de experiências, na formação pessoal, social e produção de conhecimentos quanto outros incentivos noutras vertentes educativas.

(...) é possível melhorar algumas questões nas salas de aulas como, o bullying, desigualdade de género, discriminação racial, violência, crime, inibição, etc. (inquirido E.1)

Assim sendo, realça-se a importância do projeto de Mestrado que contribui para a valorização e preservação da cultura cabo-verdiana, no caso concreto da *Morna* e do seu papel fulcral na afirmação da identidade do povo, por meio da E.A., que se apresenta como veículo e instrumento do professor na promoção das raízes do povo arquipelágico.

Com o desenvolvimento do estudo enfatizou os ganhos que a cultura alcançou fazendo uma aposta na E.A. e levar essa experiência aos professores de forma a incentivá-los a cultivar nos alunos uma forma diferente de olhar essa área disciplinar. Considerando que a luta em prol da elevação da E.A. ao nível de outros ramos de conhecimento do currículo formal, é legítima e deve ser não só por parte dos profissionais ligados a essa área de ensino, mas também dos alunos que, deverão consciencializar dos benefícios e ter uma outra postura face a E.A. já que, por meio desta, formar-se-ão como cidadãos cultos artisticamente, interessados na valorização e preservação do património artístico-cultural do país.

Muitos alunos estão fora do contexto da E.A, uns porque na fase pré-escolar e no básico não tiveram a oportunidade, envolvência nessa disciplina, que no meu ponto de vista, ou os professores dão prioridades a outras áreas ou falta de professores com formação na área, principalmente na Expressão Musical. (inquirido E.1)

São práticas que devem ser incentivadas por parte das instituições governamentais criando condições para formação dos docentes, de forma a que estes envolvam os alunos em estudos, promovendo situações de conhecimento da realidade cultural, criando oportunidades de interagirem com produtores culturais, como artistas de diferentes áreas, despertando, em muitos casos, a veia artística dos alunos. Assim, Eisner citado por Pinto (2012) defende que o papel do

professor como agente educativo consiste em mudar a visão social daquilo que as escolas podem ser.

Nesse sentido, este projeto educativo atuou no desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas da vida quotidiana; despertando o lado crítico e estimulando a apreciação das produções artísticas nacionais; valorizando o património cultural por eles construído; promovendo o reconhecimento por parte dos alunos, pela arte local e pelos artistas em geral, focando nos artistas nacionais; contribuindo assim para a desconstrução da passividade dos estudantes perante as produções e manifestações, muitas vezes causadas pelo desconhecimento de tais manifestações.

Deve-se uma vez mais frisar que, para que se concretize essas ideias, apenas integrar a E.A. nos programas curriculares cabo-verdiano não é suficiente, deve-se então lembrar o papel do governo em promover formações na área e do papel do professor que como formador deve procurar formas de aquisição de conhecimentos que os auxiliem e os transmitam seguranças em suas práticas. Com base nessa ideia, Pinto (2012) defende que as escolas assim como todos os seus agentes educativos e autoridades competentes precisam assumir a arte como área de conhecimento como qualquer outra, logo as escolas deverão estar preparadas a nível de profissionais com preparação científica e tecnologia.

Por meio da arte e da E.A., a pesquisa contribuiu para a promoção e apreciação do património artístico musical – a Morna.

O projeto interventivo colaborou para espoletar nos alunos o sentimento unitário que a Morna exerce sobre os nativos cabo-verdianos e que marcou de forma acentuada a consciencialização da importância da Morna na afirmação da identidade nacional.

Posicionando-se na mesma linha, Rodrigues (2017. p.176) cita B. Léza e afirma que:

“É a Morna a canção poética dos cabo-verdianos – [...] Tal qual a alma triste do sofredor povo cabo-verdiano, a Morna também é triste. (...) e estabelece-se uma relação de identificação direta entre a Morna e a caboverdianidade.

(...) B.Léza fez um exercício explícito de afirmação de um nacionalismo cabo-verdiano do qual a Morna seria veículo de expressão.”

Assim de fato, o sentimento construído no seio dos cabo-verdianos e defendidos por célebres, deve ser preservado e para este fim apostou-se em estratégias diversificadas que cativassem a apreciação e subsequente preservação.

Pôde-se concluir com base nos dados recolhidos que, na sala de aula pouco ou nada se faz para a promoção e apreciação da *Morna*, e que além dos géneros musicais tradicionais comporem a grade de conteúdos curriculares, os professores não abordam na sala, alegando muitas vezes a falta de formação adequada. Pelo que há necessidade de desenvolver ações de capacitação dos professores para trabalhar os conteúdos artísticos. Nesse sentido, os projetos desenvolvidos nesta área devem ser utilizados para auxiliar os professores nas suas práticas diárias, e servir de estímulos na introdução de mudanças nas estratégias de forma a proporcionar um ambiente próprio para a construção de conhecimento dos alunos.

Para o desenvolvimento do estudo, fez-se um levantamento das atividades propostas no programa escolar para o estudo da música tradicional e nota-se que as estratégias são pobres, o que leva os professores a reclamarem da falta de estratégias e materiais para desenvolverem as aulas.

Neste sentido, conclui-se que deve-se dar ênfase a formação de professores na área artística, pois os professores são ferramentas que proporcionarão novas descobertas direcionadas para a introdução de mudanças curriculares e como consequência, práticas inovadoras repercutindo no aproveitamento geral dos alunos e na elevação da cultura nacional.

Conclui-se que apostar em estratégias diversificadas para se conseguir os objetivos do estudo foi fundamental, já que deve-se evitar ao máximo a transmissão de conhecimentos de forma indiscriminada principalmente usando estratégias pouco atrativas. Nessa perspectiva, Pinto (2012) citando Hernandez, defende a utilização de várias formas de organizar o currículo, explorando vários conteúdos e estratégias fazendo com que os alunos estabeleçam relações com outros conhecimentos e com a própria vida.

Trabalhar a E.A. em diferentes espaços fez muitas diferenças, pois tal fato despertou muito interesse por parte dos alunos que chegaram mesmo a afirmar que foi divertido trabalhar fora da sala de aula. Perante tal fato deve-se criar condições para promover atividades fora da sala de aula, pois estando ou não nas imediações da escola, o conhecimento flui e em alguns casos, estando fora da estrutura escolar a aprendizagem torna-se mais consistente, com aprendizagens mais significativas e nem por isso o currículo é colocado em causa. Nessa ótica, e numa conceção relativamente ampla, Doll citado por Varela (2003. p16):

(...) o currículo é definido como conteúdo e o processo formal e informal pelos quais os aprendentes ganham conhecimento e compreensão, desenvolvem aptidões e alteram atitudes, apreciações sob os auspícios da escola.

A concretização do projeto aconteceu com preciosas colaborações de artistas e professores que disponibilizam-se em partilhar os seus conhecimentos com os alunos. Com base nesse aspeto concluiu-se que os artistas apreciam momentos de partilha de conhecimentos e que raramente são solicitados para intervirem em projetos educativos. É um desperdício de recursos humanos, na medida em que seus conhecimentos tornariam a prática docente mais ativa e quer o professor, quer os alunos e a comunidades educativa em geral beneficiariam com a partilha de conhecimentos. Deve-se apostar em levar os artistas para as escolas, pois eles agradecem, uma vez que, gostam de novas experiências e envolvendo-se no entusiasmo e alegria das crianças.

Implicações para futuras investigações

A E.A. é uma área curricular emergente, relativamente nova no nosso seio, mas de grande responsabilidades na formação de indivíduos cultos e, sensíveis artístico e culturalmente.

Em Cabo Verde, nota-se hoje uma crescente valorização desta área, em que os membros do governo já têm consciência das suas potencialidades não preparação e formação de cidadãos cada vez mais interessados no conhecimento das suas raízes culturais, e que por sua vez quando se conhece, a preservação surge como consequência.

A investigação em si relaciona-se com um dos géneros musicais mais antigos de Cabo Verde e como se pode imaginar inúmeros são os estudos levados a cabo para melhor conhecê-la, como por exemplo, sua origem provável, onde apareceu, a origem da sua etimologia, suas influências e raízes, sua estrutura musicológica, enfim muito se quis saber e ainda hoje carrega um misto de incertezas e curiosidades que a cada novo ano, desperta estímulos a novos estudos. Assim o seu campo investigativo é vasto e quase que inesgotável.

O presente estudo faz uma abordagem da Morna numa relação intimista com pedagogia, pois o estudo é de cariz interventivo numa escola de E.B.O. em São Vicente. Com isso quer-se dizer que, muitas outras trilhas podem ser seguidas com o intuito de desencadear novas pesquisas, novas investigações e quo o mesmo tema pode ser analisado segundo novas perspetivas, fruto de realidades e contextos educativos diferentes, usando outros tópicos e baseando em teorias

defendidas por outros autores, com técnicas de investigação mais recentes, pois assim como é a vida, sempre em transformações, assim é o trabalho investigativo, um ciclo de investigações.

Pela natureza abrangente da E.A., as investigações realizadas nesta vertente educativa fomenta sempre novas investigações, pois constituem estímulos à procura de novos conhecimentos.

Os resultados conseguidos com o presente estudo, não se abrangem na generalidade a realidade de outras escolas, nem de outros contextos educativos. Mas pretende-se com estudo contribuir para melhoria do trabalho desenvolvido nas aulas de E.A, servindo-se incentivo a outros professores a aplicarem o projeto em seus contextos educativos, considerando suas peculiaridades de forma a diminuir ou prevenir situações/problemas idênticos aos retratados nesse estudo.

Assim como a não apreciação da *Morna* por parte dos alunos, poderão existir outras formas de manifestações artísticas que não despertam a curiosidade dos alunos, por muitas razões. O professor/investigador com outros colegas poderiam fazer o levantamento dessas situações durante as aulas e desenvolver essas investigações nos seus contextos escolares, fazendo uso de recursos artísticos, e de estratégias diversificadas com vista a promover a valorização e preservação do património artístico cultural numa perspetiva multidisciplinar.

Para o investigador, o estudo deve representar um ponto de partida para pesquisas dentro do campo das artes e da educação em geral como forma de desenvolver suas técnicas de pesquisas, bem como, munir de conhecimentos que o investigador, como docente deve auferir para adquirir competências e desenvolver sua prática na sala de aula com autonomia.

5.5 Considerações Finais

Ao longo da investigação e através dos dados recolhidos foi possível perceber que a prática artística cultural não é explorada na escola. E que o estudo da música tradicional de forma geral não tem merecido atenção especial por parte dos professores. Com o estudo tentou-se introduzir mudanças no conceito que os alunos já tinham das músicas tradicionais, nomeadamente a *Morna*. A exploração do tema “A música tradicional cabo-verdiana- *Morna*- no contexto escolar”, foi feita com base nas experiências dos alunos, em estratégias práticas e adequadas a expectativas dos alunos, com propósito de despertar o interesse, a curiosidade, cativando-os de forma a envolverem-se no processo, em que desenvolveriam bases para os seus conhecimentos artísticos, apreciação crítica das produções artísticas relacionadas com as composições musicais. Como defende Mason

citado por Pinto (2012), os significados culturais do quotidiano do individuo devem ser valorizados e abordados como estratégias em salas de aula para satisfazer as necessidades dos alunos e aumentar os seus interesses pelas atividades escolares.

Eugénio Tavares citado por Rodrigues (2017), já pensava nas crianças quando afirmou que, o seu nome ficaria vinculado em traços profundos na memória do povo cabo-verdiano e na alma das crianças que cultivava com amor e que poderão amanhã continuar a sua grande obra.

A *Morna* proporcionou momentos de diálogos interessante em que os alunos puderam identificar temas retratados nesse género, momentos esses onde expunham as informações que pesquisavam juntos dos pais e familiares. Em todas as aulas, falava-se da Morna e dos aspetos a Ela intrínsecos.

O desenvolvimento das atividades permitiu criar situações de aprendizagem espontâneas e provocou mudanças relativamente a forma de verem e sentirem a *Morna*.

Com a investigação tentou-se diminuir o impacto das novas tendências musicais, trazidas pelo fenómeno da globalização, e que cada vez mais está conquistando espaço entre os alunos, levando a um consequente desapego e desvalorização da cultura musical cabo-verdiana. Nesse sentido faz-se valer o que defendem Mason (1999-2001), Richter (1999-2000), Moura (2001-2002), Ferreira (2003) citados por Pinto (2012), uma proposta inovadora capaz de reagir a mudança imposta pelas novas exigências da diversidade cultural do mundo contemporâneo.

O projeto teve boa aceitação por parte dos intervenientes do processo, o que pode ter levado a esses resultados considerados satisfatórios, pois o envolvimento de todos, a motivação e a vontade de fazer mudanças permitiu um ambiente de trabalho agradável incentivador para os alunos.

Do início até o término da implementação do projeto deparou-se com alguns percalços que graças ao envolvimento de todos os intervenientes foram ultrapassados rapidamente, servindo-se destes como experiências a não repetirem-se futuramente, já que constituíram também momentos de aprendizagem.

O percurso feito pelos alunos, terminou com a apresentação da *Morna* que estudaram ao longo do projeto, para a comunidade educativa na cerimónia de finalistas. Foi um momento marcante quer pelos alunos e a professora, quer para os pais que ficaram maravilhados com a capacidade dos filhos. Para os alunos foi mesmo um momento que lhes despertou muitas emoções. No final agradeceram de forma intensa a todas as pessoas que trabalharam com eles.

O vídeo clip das atividades feitas pro ocasião dos trabalhos realizados nas cadeiras curriculares do Mestrado, foi também apresentado com a *Morna*- Biografia dum Criol- como suporte musical causou emoções aos alunos, sendo que foi uma surpresa para eles.

Foi muito importante o momento do levantar do véu dos trabalhos feitos pelos alunos. Tiveram a oportunidade de mostrar aos pais e a comunidade em geral todo trabalho desenvolvido durante o projeto. Nesse âmbito Barbosa citado por Pinto (2012, p.87) defende que “precisamos de + arte + educação +ação e pesquisa para descobrir como nos tornamos mais eficientes no nosso contexto educacional desenvolvendo o desejo e a capacidade de aprender das nossas crianças”.

De forma geral, o estudo teve uma avaliação positiva por parte dos alunos e deve-se realçar a participação ativa dos mesmos e notava-se que já entravam para as aulas de E.M com muita vontade de trabalhar. O entusiasmo foi uma constante ao longo da implementação, o que explica em grande parte os bons resultados obtidos pelo estudo.

O estudo contribuiu para melhorar os conhecimentos do investigador, relacionados com a metodologia investigativa que usou, precisamente a investigação-ação. O estudo proporcionou grandes momentos de aquisição de conhecimentos sobre o tema aquando da organização da literatura, possibilitando uma visão geral da informação recolhida entendendo melhor o fenómeno que estudou.

Uma proposta de trabalho que também contribuiria imenso para a promoção da *Morna* no seio dos alunos e que não foi explorada derivado ao fator tempo, é aliar a *Morna* a dança. Dar aos alunos total liberdade para criarem suas coreografias, pois além de que constituiria um momento lúdico estariam envolvidos pelos ritmos da *Morna*, ou então promover mais do que um género musical. Essa foi uma atividade proposta pelo Sr. Vasco Martins, que sugeriu:

(...) Pode-se fazer um sincretismo, ver o que gostam de dançar e fazer um sincretismo com a música de Cabo Verde. Desafia-los a usar passos de dança dos géneros que gostam para as músicas tradicionais que acharem aproximar mais do estilo que gostam, (...) fazer uma mistura (...) os alunos poderão ficar contentes, podem encerrar isso como uma brincadeira ao mesmo tempo que estão envolvendo-se nos ritmos tradicionais (...), isso pode ser interessante (...) – (conversa com o Sr. Vasco Martins)

Com a investigação, o pesquisador conseguiu também avaliar sua própria prestação ao longo do processo e as experiências adquiridas sobre aspetos que em futuras investigações poderá ter maior controlo, como é caso do tempo para implementação prática do estudo.

Enquanto professora o estudo trouxe-lhe novas visões e perspectivas de abordar aspetos culturais apostando na interdisciplinaridade de forma lúdica e significativa. Deu-lhe a perceber que com poucos recursos consegue-se proporcionar aos alunos aprendizagens que ficarão para a vida, aprendizagens que servirão de base para outros conhecimentos. Ainda com o estudo, o investigador confirmou que deve aliar aos artistas inserindo-os no contexto escolar de forma a enriquecer a formação dos alunos provocando mudanças na rotina de aprendizagem dos mesmos. Deve-se realçar que por meio da E.A, os alunos adquirem competências que lhes permitem posicionar e fazer face às situações da vida quotidiana, pois é uma área que permite-lhes desenvolver o cognitivo e planear suas estratégias para solucionar seus problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A.A. V.V. (29 de 10 de 2014). *Morna: O coração de Cabo Verde em forma de música*. Obtido de A Nação: <http://anacao.cv/2014/10/29/morna-o-coracao-de-cabo-verde-em-forma-de-musica/>
- Barros, N. F. (2007). *Contributo de 'BULIMUNDO' na música tradicional Caboverdiana - Caso do Funaná (monografia não publicada)*. Praia: ISE.
- Bell, J. (2000). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Boszko, C., & Gullich, R. d. (Julho de 2016). O Diário de Bordo como Instrumento Formativo no Processo de Formação Inicial de Professores de Ciências e Biologia. *Bio-artículos de Investigación*, pp. 55-62.
- Brito, M. (1998). *Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde*. Praia - Mindelo: Centro Cultural Português.
- Cabo Verde Info*. (2015). Obtido de <http://www.caboverde-info.com/Identidade/Personalidades/Jorge-Fernandes-Monteiro-Jotamont>
- Cabral, M. H., & Andrade, M. L. (2002). *Nova Magia da Musica 5/6. anos*. Porto: Porto Editora.
- Cross, J. (1983). *O Ensino de Arte nas Escolas*. Sao Paulo: Cultrix.
- Cruz, E. L., Gonçalves, C., Monteiro, W., Hopffer Almada, J. L., Morais, J., Spínola, D., . . . Correia e Silva, A. (2005). *Cabo Verde 30 Anos de Cultura*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Fernandes, S. (2011). *DESCOBRIR A IDENTIDADE USANDO A FOTOGRAFIA: INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO NUMA TURMA DO 5º ANO (Dissertacao nao publicada)*. Viana de Castelo: IPVC.
- Fernandes, S. d. (2011). *DESCOBRIR A IDENTIDADE USANDO A FOTOGRAFIA: INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO NUMA TURMA DO 5º ANO (Dissertacao nao publicada)*.
- Figueira, T., & Martins, V. (2015). *Cesária - A rota da lua vagabunda*. Coimbra: Associação da Orquestra Clássica do Centro.
- Filho, J. L. (1985). *Defesa do Património Socio-Cultural de Cabo Verde*. Lisboa: Ulmeiro.
- Filho, J. L. (2003). *Introdução `a Cultura Cabo-Verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação.
- Fonseca, E. S. (21 de julho de 2017). Abordagem da Morna através da E.A. (E. Fernandes, Entrevistador)
- Fortin, M.-F. (2000). *O processo de investigação*. Loures: LUSOCIÊNCIA - Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Godinho, J. C. (Julho de 1996). *Manual de Expressão Musical*. Mindelo.
- Gonçalves, C. F. (2006). *Kab Verd Band*. Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional.

- Gordon, E. E. (2000a). *Teoria de Aprendizagem Musical - Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. E. (2000b). *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-nascidos e Crianças em Idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grinspum, D. (2000). *Educacao para o Patrimonio: Museo de Arte e Escola (Responsabilidade partilhada na formacao de publicos)*. Sao Paula, Basil: Universidade de Sao Paulo.
- Lima, A. G. (2002). *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Imprensa Nacional - Praia.
- Macedo, T., & Monteiro, M. (1987). *SAPIENS-DEMENS*. Porto: Porto Editora.
- Macedo, T., & Monteiro, M. (1987). *SAPIENS-DEMENS*. Porto: PORTO EDITORA, LDA.
- Martins, M. (2004). *Expressão e Educação Musical II*. Mindelo, Cabo Verde.
- Martins, V. (1989). *A Música Tradicional Cabo-Verdiana - I (A Morna)*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco.
- Monteiro, A. T. (2012). *A Transversalidade da Morna na Lusofonia*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação .
- Monteiro, C. A. (2003). *Manel d'Novas: música, vida, caboverdianidade*. São Vicente: Autor.
- Moura, A. (2003). *DESENHO DE UMA PESQUISA: PASSOS DE UMA INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO. educação, V.28 - nº 01*.
- Pérez, M. A. (2003). *PATRIMONIO CULTURAL E IDENTIDAD*. La Habana Vieja: Ediciones Boloña.
- Pinto, J. (2012). *Lugar da Gravur na Educação Artística em Cabo Verde - Investigação-Ação numa turma do 11º Ano, Ilha de São Vicente*. dissertação não publicada.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, L. O. (15 de Julho de 2017). *Abordagem da Morna através da E.A. (E. Fernandes, Entrevistador)*
- Rodrigues, M., & Lobo, I. (1996). *A Morna na Literatura Tradicional*. Mindelo: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Semedo, M. B. (2006). *A construção da identidade Nacional - análise da imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Tanaia, C. A. (2016). *A importância da música na transmissão de identidade e valores: O caso do grupo Noite de Mindelo (Dissertação não publicada)*. Lisboa.
- Tavares, M. d. (2006). *Aspectos Evolutivos da Música Cabo-Verdiana*. Praia: Centro Cultural Português.
- UNESCO. (16 de novembro de 1972). *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris, França. Obtido de whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf

UNESCO. (17 de 8 de 1972). *Representacao da Unesco no Brasil*. Obtido de Representacao da Unesco no Brasil: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage/>

Verissimo, C., Pinto, J., & Martins, M. (2012). *Programa da disciplina de Educação Artística - 7º e 8º Ano (3º Ciclo do E. B.)*. Praia.

ANEXOS

Anexo 1- Carta de autorização

Pedido de autorização

Eu, Erenita Fernandes, professora do 6ºano, do pólo Olinda Silva, escola da Ribeira do Calhau, venho por este pedir a autorização dos pais/encarregados de educação dos alunos da referida escola, à participarem nas sessões de visita de estudo, no âmbito do estudo das manifestações artísticas da ilha. Ainda neste, peço que me concedam a autorização para fotografar e usar as fotografias dos vossos educandos em trabalhos académicos que pretendo desenvolver.

Eu, _____ autorizo o meu educando a participar nas atividades propostas pela professora, tal como o uso das fotografias.

A professora

Mindelo, 12 de dezembro de 2016.

Anexo 2- Plano de atividade

PLANO DE UNIDADE

| | |
|--|---|
| ÁREA DE EXPRESSÃO MUSICAL | DATA: 19/05/ 2017 A 15/ 07/ 2017 |
| ANO LETIVO: 2016/2017 | DURAÇÃO: (13 dias úteis) |
| PROFESSORA: ERENITA SIMONE MONTEIRO FERNANDES | 6º ANO 2º CICLO |

Objetivo geral:

- Desenvolver a compreensão e apreciação dos estudantes acerca do património musical de cabo verde – a Morna, por meio de estratégias diversificadas.

| Sequência | Saberes | Saber fazer | Estratégias / atividades | Avaliação | Recursos |
|--------------|---|---|---|--|--|
| 1ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • Musicas Tradicionais | <ul style="list-style-type: none"> - Explorar expressões e conceitos de “música Tradicional”, Identidade, Cultura e Património; - Identificar a Morna como música tradicional; | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação o tema a ser Estudado; - Conversa para explorar os conhecimentos dos alunos relativamente ao Tema; - Exploração dos conceitos de Identidade, Cultura e Património Imaterial; | Avalia-se os alunos através de perguntas orais; | Materiais de uso diário; |
| 2ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • A Morna | <ul style="list-style-type: none"> - Explicar origem provável da Morna; | <ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa dos sobre a origem provável da Morna; - Exploração de um documento escrito sobre a Origem provável da Morna; - Elaboração de grupos de trabalho para apresentação do tema pesquisado aos colegas (alunos dos 5ºano); | Avalia-se os alunos através de ficha de exercícios escrito. | Materiais de uso diário; |
| 3ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • A identidade • O Património • A Cultura | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar a Morna, como Património Imaterial de Cabo Verde; - Identificar <u>Principais</u> intérpretes da Morna; - Identificar Morna como parte da Identidade caboverdiana; | <ul style="list-style-type: none"> - Visualização e exploração de um vídeo/documentário sobre a Morna (Cesária Évora); - Promoção de um pequeno debate sobre a importância da Morna, na cultura e identidade do Caboverdiano; | Avalia-se os alunos através de exercício escrito – comentário escrito da aula. | Materiais de uso diário; Material audiovisual; |
| 4ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • Compositores / Intérpretes | <ul style="list-style-type: none"> - Distinguir conceitos de compositor e intérprete; - Indicar compositores mais representativos da música tradicional caboverdiana; - Identificar temáticas retratadas nas Mornas; | <ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa de compositores e interpretes caboverdianos; | Avalia-se os alunos através de perguntas orais; | Materiais de uso diário; |
| 5ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • Música Tradicional | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da Morna a ser trabalhada; - Entoar Morna; | <ul style="list-style-type: none"> - Explorar Morna “Bibliografia de um kriol” – Manel d’Novas - (a letra, a mensagem que transmite, o sentimento); | Avalia-se a entoação dada a canção e o comportamento dos alunos durante a atividade. | Materiais de uso diário; Material audiovisual; |
| 6ª Atividade | <ul style="list-style-type: none"> • O género musical • A estrutura da Morna (ABA, • A composição visual (estrofes, versos) • Os instrumentos musicais (textura musical) | <ul style="list-style-type: none"> - Diferenciar Morna de outros géneros musicais, através do compasso e do ritmo; - Identificar diferentes estruturas da Morna; - Identificar características musicológicas da Morna - como inicia (anacrusa); - Identificar instrumentos musicais utilizados na Morna; - Vivenciar em grupo a rítmica da Morna (poliritmia); - Criar uma pequena Morna; | <ul style="list-style-type: none"> - Exploração das caraterísticas da Morna; - Exploração da estrutura da Morna; - Explorar o poema que constitui a Morna (aspetos /palavras encontradas no crioulo de Barlavento e de Sotavento) | Avalia-se os alunos através de perguntas orais e ficha de exercício escrito; | Materiais de uso diário; Material audiovisual; |

Anexo 3- Letra da Morna – Biografia de um crioulo

BIOGRAFIA DE UM CRIOULO

I

Ness mundo um'nascê
Tudo nu peladim
Um'bem ta espendê de tchôm
Um'prendê sentá
Um'prendê rastá
És insinam andá na tchôm

II

Num ambiente modesto
Pobre e feliz
Ta bai de mon em mon um' criá
Bençoadado pa nhôr Deus
Um' prendê sorri
Um'prendê tchmá mãe, mamãe
Brincá, gritá e cantá

III

Depôs já grandim
Sabido falá
Pa escola ês mandame'bai
Bá prendê alê pa prendê contá
Prendê siná nha mome

IV

Na nha juventude
Tud era banal
Na meio di bondade e amôr
Mundo era ote cõsa
Co gente diferente
Tinha menos maldade ma ódio
Tempo bá ta corrê
Nha mundo bá ta mudá

V

M' sai pa strangêr
Rodeód de fariseu
Na meio di fel ma sangue
Um' tive sabe e margose
Sete mar m' corrê
Tud sempre ta aventurá

VI

Na evolução da vida
Ma preto ma branco
Um' conchê mundo intêr na trôte
Ta buscá progresso
Ta cumprí um destino
Ness mundo cigano qui Deus dáme
Ma um'ta sinti feliz
Di ter nascido caboverdiano

(Manuel D'Novas – Manuel de Jesus Lopes)

Anexo 4- Questionário aplicado aos alunos

No âmbito da realização da tese de Mestrado em Educação Artística ao abrigo do protocolo entre o Instituto Universitário de Educação - Cabo Verde e o Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Portugal, proponho elaborar o trabalho de investigação intitulado “A música tradicional Cabo-Verdiana – *Morna* - no contexto escolar”.

O objetivo deste estudo consiste em fazer um levantamento sobre a vivência e da influência exercida pela família na apreciação da música tradicional, tanto no contexto escolar como no seio familiar.

Os seus dados serão confidenciais e o anonimato das respostas rigorosamente respeitado.

A informação será apenas utilizada neste estudo.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade e o tempo despendido.

Erenita Fernandes

QUESTIONÁRIO

Grupo A – Identificação

(deverá colocar um X, nas hipótese que mais se adequarem à sua realidade)

Idade: _____ Sexo: O Feminino O Masculino

Zona de residência: _____ Nacionalidade: _____

Escola: _____ Ano de escolaridade: _____

Grupo B – Identificação da família

| Pai | Mãe |
|--------------------------------|--------------------------------|
| Idade: _____ | Idade: _____ |
| Profissão: _____ | Profissão: _____ |
| Habilitações literárias: _____ | Habilitações literárias: _____ |

Grupo C – Vivências Musicais de Cabo-Verde

1. Gostas de música?

O Sim O Não

2. Que tipo de música gostas de ouvir?

O Coladeira O Kizomba O Morna

O Hip hop O Funaná O Samba

O Outra: _____

3. Quais os géneros musicais tradicionais de Cabo Verde que conheces?

O Batuque

O Kizomba

O Mazurca

O Hip hop

O Funaná

O Morna

O Coladeira

O Samba

O Fado

O Outro: _____

4. Para ti, qual é o género com mais representatividade em Cabo Verde?

Justifica a tua resposta: _____

5. Para ti o que é a *Morna*?

O Expressão artística cabo-verdiana.

O É um género musical de Cabo Verde.

O É o nome dado à música, dança e ao canto de Cabo Verde.

O Outro: _____

6. Gostas da *Morna*?

O Sim

O Não

Indica o porquê do teu gosto:

7. Os teus pais gostam da *Morna*?

O Sim

O Não

8. Costumas escutar esse género musical em casa?

O Sim

O Não

9. Os teus pais escutam a *Morna*?

O Sim

O Não

10. Com que frequência escutas a *Morna*?

O Sempre

O Às vezes

O Raramente

11. Através de quê (como) que escutas a *Morna*?

O Na rádio (programações)

O No CD

O Ao vivo

O Outro: _____

12. Indica o nome de uma *Morna* que conheces: _____

12.1. Quem interpreta (canta) está canção que indicaste?

12.2. Quem compôs (fez) a canção?

12.3. O que retrata a canção?

12.4. Conheces mais intérpretes do género *Morna*?

O Sim

O Não

12.5. Se sim, indica nomes de intérpretes que conheces?

13. Indica o nome de compositores que conheces?

14. Qual a importância da *Morna* para os Cabo-Verdianos?

O É importante porque identifica e simboliza o cabo-verdiano onde quer que esteja.

O É importante porque retrata a vivência do povo cabo-verdiano, as suas dificuldades e lamentações.

O É importante porque trata-se de uma herança e património do povo cabo-verdiano, um género que une a nação caboverdiana.

O outra: _____

15. Em que anos de escolaridade estudaste géneros musicais?

O 1º ano

O 3º ano

O 5º ano

O 4º ano

O 6º ano

O não estudei em nenhum

16. Que tipos de atividades fizeram com a *Morna*?

O Apenas aprenderam a entoar a canção.

O Exploraram a letra da canção e entoaram a canção.

O Exploraram a letra da canção, a estrutura musicológica, os instrumentos utilizados na canção, o intérprete e entoaram a canção.

O outras: _____

17. Que instrumentos musicais costumam utilizar para acompanhar a *Morna*?

O violão O piano O xilofone O tambor O flauta

O violino O tumba O chocalho O Outros: _____

18. Quem é Cesária Évora?

O Ministra da Cultura de Cabo Verde.

O Cantora e intérprete Cabo-verdiana.

O Artista de teatro do grupo *Juventude em Marcha*.

O Outra: _____

Muito obrigado pela tua colaboração

Anexo 5- Questionário aplicado aos professores

No âmbito da realização da tese de Mestrado em Educação Artística ao abrigo do protocolo entre o Instituto Universitário de Educação - Cabo Verde e o Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Portugal, proponho elaborar o trabalho de investigação intitulado “A música tradicional Cabo-Verdiana – *Morna* - no contexto escolar”.

O objetivo deste estudo consiste em fazer um levantamento sobre a vivência e da influência exercida pela família e pelos professores na apreciação da música tradicional, tanto no contexto escolar como no seio familiar.

Os seus dados serão confidenciais e o anonimato das respostas rigorosamente respeitado.

A informação será apenas utilizada neste estudo.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade e o tempo despendido.

Erenita Fernandes

QUESTIONÁRIO

Grupo A – Identificação

(deverá colocar um X, nas hipóteses que mais se adequarem à sua realidade)

Idade: _____ Sexo: O Feminino O Masculino

Nacionalidade: _____ Ano de escolaridade que trabalha: _____

Grupo B - Formação Académica e informações profissionais

Habilitações literárias: _____ Área de formação: _____

Escola (Pólo): _____ Zona onde trabalha: _____

Grupo C – Vivências (profissionais) Musicais de Cabo-Verde

1. Gosta de música?

O Sim O Não

2. Que tipo de música gosta de ouvir?

O Coladeira

O Kizomba

O Morna

O Hip hop

O Funaná

O Samba

O Outro: _____

3. Quais os géneros musicais tradicionais de Cabo Verde que conhece?

| | | | |
|---------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|
| <input type="radio"/> Batuque | <input type="radio"/> Kizomba | <input type="radio"/> Mazurca | <input type="radio"/> Bolero |
| <input type="radio"/> Hiphop | <input type="radio"/> Funaná | <input type="radio"/> Morna | <input type="radio"/> contra-dança |
| <input type="radio"/> Coladeira | <input type="radio"/> Samba | <input type="radio"/> Fado | <input type="radio"/> valsa |

☐ Outro: _____

4. Para si, qual é o género com mais representatividade em Cabo Verde?

Justifique a sua resposta: _____

5. Para si o que é a *Morna*?

☐ Expressão artística cabo-verdiana.
☐ É um género musical de Cabo Verde.
☐ É o nome dado à música, dança e ao canto de Cabo Verde.

☐ Outro: _____

6. Gosta da *Morna*?

☐ Sim ☐ Não

Justifique o porquê do teu gosto: _____

7. Acha importante trabalhar os géneros musicais cabo-verdianos na escola?

☐ Sim ☐ Não

Porquê?

☐ Porque está no programa, deve-se trabalhá-los.
☐ Porque gosto de música e é um conteúdo interessante.
☐ Porque fazem parte da cultura do povo cabo-verdiano.
☐ Porque é importante na escola trabalhar esses géneros de modo a promover o seu conhecimento e valorização.

☐ Outro: _____.

8. Alguma vez trabalhou os géneros musicais com os seus alunos?

☐ Sim ☐ Não

8.1. Indique em que ano, normalmente, começa a trabalhar com os alunos os géneros musicais.

☐ 1º ano ☐ 2º ano ☐ 3º ano ☐ 4º ano ☐ 5º ano ☐ 6º ano ☐ O outro: ____

9. Que tipo de atividades desenvolve com os alunos durante o estudo das músicas tradicionais cabo-verdianas?

☐ Apenas ensina a canção.

☐ Pesquisas de músicas tradicionais.

☐ Explora a letra da canção e ensina a canção.

☐ Pesquisa dos elementos musicológicos (intérpretes, compositores, instrumentos musicais, estrutura da canção, bater o ritmo).

10. Já trabalhou, especificamente, o género musical – Morna?

☐ Sim ☐ Não

10.1- Os alunos mostraram interesse em trabalhar esse género?

☐ Sim ☐ Não

Porquê?

10.2- Os seus alunos gostam de ouvir esse género musical?

☐ Sim ☐ Não

Porquê?

11. Acha importante trabalhar a Morna com os alunos?

☐ Sim ☐ Não

11.1. Já trabalhou a Morna com os seus alunos?

☐ Sim ☐ Não

11.2. Tem dificuldades em trabalhar os géneros musicais?

☐ Sim ☐ Não

Justifique a sua resposta?

11.3. Indica as dificuldades que encontra ao trabalhar esse conteúdo.

- ☐ Em encontrar estratégias diversificadas.
- ☐ Na elaboração de materiais didáticos.
- ☐ Falta de formação adequada.
- ☐ Não gosto dessa área disciplinar.

☐ Outro motivo:

12. Qual é a importância da Morna para os cabo-verdianos?

- ☐ É importante porque identifica e simboliza o cabo-verdiano onde que esteja.
- ☐ É importante porque retrata a vivência do povo cabo-verdiano, suas dificuldades e lamentações.
- ☐ É importante porque trata-se de uma herança e património cultural do povo cabo-verdiano, um género que une a nação cabo-verdiana.

13. Que tipo de atividades desenvolveu com o estudo da Morna?

- ☐ Apenas ensinou a canção.
 - ☐ Explora a letra da canção e ensina a canção.
 - ☐ Promove a pesquisa teórica sobre a Morna. (a origem provável da Morna, origem da sua terminologia)
 - ☐ Estuda o sentimento, o valor patrimonial da Morna para os cabo-verdianos. (aspetos culturais, a identidade)
- ☐ Outro:

14. Acha que a Morna – género musical cabo-verdiano – é um conteúdo transversal, ou deve ser abordado numa disciplina específica?

- ☐ Sim, é um conteúdo transversal.
- ☐ Não, deve ser abordado numa disciplina específica.

Porquê?

15. Trabalha a Educação Artística (Expressão Dramática, Musical e Plástica) na sala de aula?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Porquê?

- ☐ Gosto dessa área disciplinar.
- ☐ É uma disciplina curricular, devo trabalhá-la.
- ☐ É importante para a formação integral do aluno.

16. Para si, a Educação Artística é importante?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Porquê?

16.2. Que relação pode-se estabelecer entre a Cultura e a Educação Artística (E.A.)?

- ☐ A E.A. garante um desenvolvimento da Cultura de um povo.
- ☐ É uma disciplina que estimula a preservação e a valorização do património artístico da nação.
- ☐ A E.A. promove o conhecimento das raízes culturais e o intercâmbio cultural com outras realidades.
- ☐ Outra: _____

Muito obrigado pela tua colaboração.

Anexo 6- Guião de entrevista

No âmbito da realização da tese de Mestrado em Educação Artística ao abrigo do protocolo entre o Instituto Universitário de Educação - Cabo Verde e o Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Portugal, proponho elaborar o trabalho de investigação intitulado “A música tradicional Cabo-Verdiana – *Morna* - no contexto escolar”.

O objetivo deste estudo consiste em fazer um levantamento sobre a vivência e da influência exercida pela família, pelos professores na apreciação da música tradicional, tanto no contexto escolar como no seio familiar. A informação será apenas utilizada neste estudo, no entanto peço sua autorização para as usar e referencia-lo, como autor da entrevista, no corpo do trabalho.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade e o tempo despendido.

Erenita Fernandes

Entrevista

Grupo A - Identificação

Nome:

Idade:

Sexo: O Feminino O Masculino

Nacionalidade:

Ano de escolaridade que trabalha:

Grupo B - Formação Académica e informações profissionais

Habilitações literárias: Área de formação:

Escola (Pólo): Zona onde trabalha:

Disciplinas que leciona:

Grupo C – A Educação Artística (E.A)

1. Quantos anos de serviço tem?
2. Para si que importância tem E.A para as crianças?
3. Tem dificuldades em trabalhar com essa área disciplinar?
4. Que constrangimentos enfrenta ao trabalhar essa (s) disciplina (s)?
5. Como é vista a E.A, pelos seus colegas de outras áreas disciplinares?
6. E pelos seus alunos?
7. Tem programa de E.A?
8. Acha os saberes adequados para trabalhar com as crianças dessa faixa etária?

Obrigada pela disponibilidade.

Grupo D – A Expressão Musical (E.M)

1. Alguma vez trabalhou os géneros musicais com os seus alunos? E a *Morna*?
2. Os alunos gostam de trabalhar esse saber na sala de aula - Morna?
3. Se não, porque acha que não gostam de o fazer?
4. Acha que os pais influenciam essa não apreciação pelos géneros musicais especialmente a Morna?
5. Que tipo de atividades/estratégias desenvolve com os alunos durante o estudo das músicas tradicionais cabo-verdianas?
6. Acha que trabalhar os géneros musicais de Cabo Verde, de forma geral, nas aulas de E.A. contribui para a sua valorização e consequente a preservação das raízes culturais?
7. Que sugestões deixaria de forma a trabalhar e desenvolver nos alunos a apreciação pelos géneros musicais tradicionais, em especial a Morna?

Muito Obrigada!

Anexo 7- Biografia de Manuel de Novas

Manuel de Novas, Manuel d'Novas nasceu em São Antão a 24 de fevereiro de 1938 e faleceu na ilha de São Vicente, 28 de Setembro de 2009.

Foi um dos poetas e compositores cabo-verdianos mais conhecidos internacionalmente.

Batizado como Manuel de Jesus Lopes, Manuel de Novas considerado um dos mais importantes trovadores de Cabo Verde, compositores de preferência de grandes intérpretes cabo-verdianos como Cesária Évora, Bana, Ildo Lobo, entre outros.

Apesar de ter nascido na ilha vizinha, Manuel de Novas é considerado um filho do Mindelo, ilha de São Vicente, onde viveu. Ficou conhecido essencialmente por ter uma postura crítica em relação à sociedade Mindelense, ilha onde viveu e que o adotou como filho. Outra particularidade do compositor era a sua escrita em crioula cabo-verdiana.